

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
Instituto de Geociências

O PAPEL DA FUNDAÇÃO ROCKEFELLER  
NA ORGANIZAÇÃO DO ENSINO E DA PESQUISA NA  
FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO PAULO  
(1916-1931)

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Política Científica e Tecnológica, na área de História da Ciência, sob a orientação da Professora Doutora Hebe Maria Cristina Vessuri M. C.

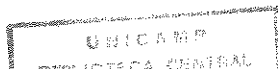
Maria Gabriela S.M.C. Marinho 338

SÃO PAULO

1993

Este exemplar correspondente a redação final da tese defendida por Hebe Gabriela Marinho e aprovada pela Comissão Julgadora em 27/05/93.

  
ORIENTADOR



Para minhas filhas:

Júlia,

Luisa,

Mariana,

Bárbara

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho. Do ponto de vista intelectual, gostaria de agradecer a orientação da professora Hebe Vessuri que de maneira segura e elegante propôs caminhos e alternativas. Os descaminhos são de minha responsabilidade.

A professora Sandra Brisolla representou um apoio constante pelos comentários e observações; da mesma forma que Maria Margaret Lopes, cuja amizade e solidariedade serviram de estímulo em momentos difíceis. Em diferentes circunstâncias o professor Tamás Szmrecsányi contribuiu de maneira discreta com sugestões valiosas de temas e bibliografia.

As bibliotecárias do Instituto de Geociências e as funcionárias do Departamento de Política Científica e Tecnológica foram sempre gentis e pacientes, ajudando a resolver pendências que muitas vezes pareciam insuperáveis.

Existe também um débito afetivo para com meus pais e minha irmã, cujo apoio e estímulo foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Finalmente, a meu companheiro Olavo, não só pela busca de títulos e informações adicionais, como pela sobriedade e delicadeza com que soube conduzir os momentos menos felizes de todo esse processo.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO ..... p. 1

### PRIMEIRA PARTE: Marcos Institucionais

#### Capítulo I - A Fundação Rockefeller se organiza e difunde seu modelo

I.1 - Introdução ..... p. 13

I.2 - Antecedentes gerais

. Poder e motivações da filantropia organizada p. 16

I.3 - As ações filantrópicas que deram origem à Fundação Rockefeller ..... p. 21

. A transição da caridade paroquial para a filantropia em larga escala ..... p. 24

. Saúde e Educação, a gênese da filantropia organizada ..... p. 30

I.4 - Dificuldades no processo de institucionalização da Fundação Rockefeller ..... p. 36

#### Capítulo II - São Paulo: a "elite do café" precisa de uma escola médica

II.1 - Introdução ..... p. 42

II.2 - A criação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo ..... p. 44

II.3 - A história da Faculdade reforça o papel das lideranças locais na criação das instituições científicas: o caso de Arnaldo Vieira de Carvalho ..... p. 48



II.4 - O ideal da "medicina científica" precede o contato com a Fundação Rockefeller .....	p.	50
II.5 - A associação com a Fundação Rockefeller .....	p.	55

SEGUNDA PARTE: A Fundação Rockefeller e os marcos de sua  
associação com a Faculdade de Medicina e  
Cirurgia de São Paulo

Capítulo III - Fase preparatória  
(1916-1917)

III.1 - Primeiros acordos e negociações .....	p.	60
III.2 - Eventos paralelos definem a autonomia do Instituto de Higiene .....	p.	64
III.3 - O cumprimento dos primeiros acordos .....	p.	65
III.4 - A Faculdade expande o circuito de suas relações .....	p.	66

Capítulo IV - Ação direta  
(1918-1925)

IV.1 - Introdução .....	p.	71
IV.2 - O processo de adequação institucional .....	p.	72
IV.2.1 - Os primeiros anos		
. O acordo do Instituto de Higiene .....	p.	75
. Novos acertos .....	p.	77
IV.2.2 - Instabilidade e crise .....	p.	80
. A sucessão .....	p.	81

. Animosidades .....	p. 83
IV.2.3 - As negociações prosseguem	
O desdobramento dos acordos .....	p. 85
IV.2.4 - As relações se intensificam .....	p. 86
IV.2.5 - A introdução do modelo	
. Presença solicitada .....	p. 89
. O desencadeamento do processo .....	p. 90
. Os documentos .....	p. 92
IV.2.6 - A reorganização da estrutura de ensino e pesquisa .....	p. 101
. O projeto .....	p. 102
. A aprovação do projeto .....	p. 106
. Contratempos .....	p. 108

Capítulo V - Ação indireta  
(1926-1931)

V.1 - Introdução .....	p. 110
. Um ciclo e duas fases .....	p. 110
V.2 - A consolidação de um ambiente científico .....	p. 112
. Intensificação de intercâmbios .....	p. 113
V.3 - A implantação da infra-estrutura, uma exigência da Fundação Rockefeller .....	p. 115
. A comissão de estudos .....	p. 116
. A viagem .....	p. 118
. O dinheiro e os planos .....	p. 119

. As obras .....	p. 121
V. 4 - A Fundação Rockefeller e o processo de formação da comunidade científica	
. O caso da Genética .....	p. 124
. Outros desdobramentos .....	p. 125
CONCLUSÃO .....	p. 127
NOTAS .....	p. 141
BIBLIOGRAFIA .....	p. 168
ANEXOS	

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação é uma análise do relacionamento entre a Fundação Rockefeller (FR) e a hoje denominada Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), e abrange um período de quinze anos, mais precisamente, de 1916 a 1931. A periodização proposta buscou circunscrever os momentos mais significativos desse relacionamento, que propiciou à Faculdade de Medicina de São Paulo criar, na primeira metade do século, uma infra-estrutura física, acadêmica e de pesquisa de padrão internacional.

A documentação analisada permite afirmar que o nível de excelência alcançado pela Faculdade deveu-se, em grande parte, à introdução em sua estrutura de ensino do regime de tempo integral para pesquisa e docência, fato que antecipou em cerca de uma década uma prática que só se institucionalizaria mais efetivamente no país com a criação da Universidade de São Paulo, em 1934 (1).

A mesma documentação demonstra, também, que a presença da Fundação Rockefeller na Faculdade de Medicina foi fundamental e decisiva para o estabelecimento ali do tempo integral, condição essencial para a produção científica de excelência, conforme o modelo preconizado pela instituição. Outra característica central da chamada "filantropia científica", desenvolvida pela Fundação Rockefeller em escala internacional, e integrante do modelo levado para a Faculdade de Medicina: era o

ensino elitista, voltado a um pequeno grupo.

Uma análise mais apurada sobre a importância dessa "introdução antecipada" do tempo integral na Faculdade de Medicina, como possível referência para a criação da Universidade de São Paulo, ainda está por ser feita, embora estudiosos como Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (2) tenham a ela se referido em diferentes obras e circunstâncias. De qualquer modo, quando tal análise for empreendida, o papel da Fundação Rockefeller deverá ser dimensionado, tendo em vista a indiscutível participação dessa instituição no processo de introdução do regime de tempo integral no sistema acadêmico e científico brasileiro.

Nesse sentido, cabe lembrar a importância que Joseph Ben-David confere ao regime de tempo integral no contexto da profissionalização da atividade científica nos países da Europa e nos Estados Unidos, nos séculos XIX e XX. Em **O Papel do Cientista na Sociedade** (3), o autor assinalou o significado desse regime de trabalho na diferenciação dos papéis intelectuais no período e países citados, demonstrando, ao mesmo tempo, seu advento como decorrência da mudança das condições sociais que propiciaram a configuração de uma comunidade científica claramente distinta no corpo social.

Portanto, um campo de análise promissor, mas consideravelmente inexplorado pela historiografia e sociologia da ciência produzidas no Brasil, é exatamente aquele que trata do papel das fundações internacionais no financiamento da pesquisa

científica no país. E, dentro desse espectro mais amplo, um aspecto insuficientemente analisado diz respeito à participação da Fundação Rockefeller na formação da comunidade científica no país. Dessa forma, e tendo em vista a existência de tal lacuna, um dos objetivos da presente dissertação é, precisamente, o de contribuir para a produção de um acervo de conhecimentos acerca do papel destas instituições filantrópicas no modelamento das instituições científicas no país.

### **Procedimentos de análise**

Do ponto de vista metodológico, a dissertação utilizou fontes primárias e secundárias, as primeiras representadas, sobretudo, pelas fotocópias dos documentos originais, relativos ao período que vai de 1916 até aproximadamente. A documentação consultada supera dessa forma a delimitação do presente estudo de caso que contempla o relacionamento entre as duas instituições entre 1916 e 1931.

Estes documentos foram obtidos junto à Faculdade de Medicina de São Paulo, cujos arquivos, infelizmente, não se encontram organizados. O material relativo à Fundação Rockefeller ainda se encontra depositado em pequenos fardos no Centro Técnico e Administrativo da escola, em meio a documentos de outra natureza. A identificação se dá pelo reconhecimento dos personagens envolvidos no processo, já que cada fardo registra em sua capa o autor daquele conjunto de documentos.

Como o material se encontrava organizado de forma precária, pediu-se à Faculdade o fornecimento de todo o material relativo aos acordos entre as duas instituições. De posse das fotocópias dessa documentação, procedeu-se à leitura e seleção do material, composto da correspondência entre os membros da Faculdade e da Fundação Rockefeller, minutas de acordos, memorandos e ofícios dos órgãos estaduais envolvidos no processo.

Feita a seleção inicial, esses documentos foram agrupados de acordo com o fato ou situação a que diziam respeito, de forma a compor um conjunto coerente de informações. Em seguida, o material foi novamente reagrupado numa sequência cronológica. Com esse tratamento da documentação, foi possível perceber o desencadear e desdobramento das ações nos diferentes períodos analisados.

Por outro lado, ao longo do trabalho, uma evidência se impôs: a necessidade de proceder-se à consulta dos arquivos da Fundação Rockefeller, em Nova York, considerando-se a posição privilegiada da mesma como provedora de recursos. Embora a documentação sob a guarda da Fundação Rockefeller seja importante no sentido de propiciar o refinamento da análise, optou-se por trabalhar inicialmente o material disponível em São Paulo.

Tal opção se encontra amparada nas seguintes justificativas:

a) pela natureza do trabalho empreendido, ou

seja, a elaboração de uma dissertação de mestrado que, dada a estrutura do ensino de pós-graduação no Brasil, tem como finalidade iniciar o estudante na atividade da pesquisa científica. Embora tenha o caráter de iniciação, a dissertação de mestrado não deve fugir das características intrínsecas ao trabalho científico, quais sejam: o rigor, a autonomia e a criatividade. "É difícil eliminar da dissertação de mestrado seu caráter demonstrativo", aponta Antônio Joaquim Severino em sua obra **Metodologia do Trabalho Científico** (4).

Dessa forma, considerando-se os imperativos de rigor, precisão e a finalidade intrínseca de demonstração de uma proposição contidos na monografia, assim como a qualidade do material coletado em São Paulo, definiu-se como objetivo imediato a sistematização das informações já disponíveis. Ponderou-se, também, que o processo de trabalho circunscrito a um universo mais delimitado propiciaria melhores condições de aprendizagem, em razão do manejo de um volume menor de informações.

b) outro aspecto considerado foi a delimitação do objeto. Nesse sentido, a monografia contempla a análise do papel da Fundação Rockefeller na organização do ensino e da pesquisa na Faculdade de Medicina sob a perspectiva da instituição favorecida, possibilitando, portanto, uma abordagem mais diferenciada em termos de adesão ou rejeição à introdução do projeto.

Contudo, a tese que se pretendeu demonstrar



prende-se à crucialidade da Fundação Rockefeller no processo de introdução do regime de tempo integral na estrutura de ensino e pesquisa da Faculdade. Dessa forma, a dissertação preocupou-se em recuperar, numa primeira aproximação, os elementos históricos relativos às duas instituições. Assim, a organização lógica do conteúdo parte dos aspectos mais gerais em direção ao processo específico de atuação da Fundação na estrutura acadêmica da Faculdade de Medicina.

c) finalmente, adotou-se como referência que a elaboração da monografia deveria constituir-se como a primeira etapa de um processo de trabalho que inclui, enquanto projeto acadêmico, a continuidade do tema como objeto de pesquisa. Assim, essa etapa inicial caracterizou-se, não só pela introjeção das exigências metodológicas, como pela descoberta das nuances do tema e as diferentes potencialidades de abordagem que o mesmo oferece em relação à história da ciência no país.

### **Estrutura da dissertação**

A bibliografia consultada permite afirmar que a atuação da Fundação Rockefeller na Faculdade de Medicina de São Paulo foi o resultado da expansão de suas atividades na América do Sul. Sua estratégia tinha como objetivo introduzir no continente uma instituição-modelo de ensino voltada para a medicina experimental, e segundo os critérios de excelência que aquela instituição vinha se encarregando de difundir em ações semelhantes em todo o mundo.

O modelo introduzido pela Fundação Rockefeller se apoiava em pontos bem característicos tais como: limitação do número de alunos, introdução do tempo integral - sobretudo para as disciplinas pré-clínicas, com a conseqüente intensificação do trabalho de laboratório -, além da organização das disciplinas no sistema de departamentos e a vinculação do ensino clínico à estrutura de hospital-escola.

Estes aspectos, centrais no projeto da Fundação Rockefeller, evidenciam sua filiação à orientação do famoso Relatório Flexner, elaborado no início do século pelo médico canadense Abraham Flexner, sob encomenda da Fundação Carnegie. Em suas conclusões, Flexner creditava a baixa qualidade do ensino médico nos Estados Unidos e Canadá ao excesso de alunos e a uma estrutura acadêmica desvinculada do modelo de medicina experimental. Dessa forma, o relatório recomendava, como forma de elevar a qualidade do ensino médico nas universidades, a redução do número de alunos e a ênfase no ensino associado à pesquisa, modelo que continha por sua vez, uma nítida inspiração nas universidades alemãs (5).

Em 1915, a primeira comissão de estudos da Fundação Rockefeller desembarcou no Brasil com o objetivo de identificar centros médicos que pudessem ser apoiados, respaldada por essa concepção de excelência. No ano seguinte, 1916, foram estabelecidos os primeiros contatos com a então recém-criada Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, começando aí o processo de introdução do modelo de excelência da Fundação

Rockefeller na primeira escola médica da América Latina.

O período mais intenso desse processo de aproximação e relacionamento entre as duas instituições durou cerca de quinze anos. Tempo demasiado longo para os critérios da Fundação, como demonstram os registros em que, por mais de uma vez, a instituição filantrópica norte-americana manifestou seu desagrado com o dilatamento dos prazos.

Do ponto de vista da Faculdade de Medicina, a demora no cumprimento dos acordos se deveu quase sempre a oscilações na política local, tanto de um ponto de vista restrito - problemas internos da Faculdade -, quanto em virtude de mudanças na administração estadual, que refletiram diretamente nos desdobramentos dos acordos entre as duas instituições.

Estes quinze anos de relacionamento entre as duas instituições (1916-1931) - delimitados como o objeto de estudo desta monografia - foram, para efeito de análise, reagrupados em intervalos menores de tempo. Os critérios para esta periodização consideraram a abertura, desdobramento e conclusão de processos que foram desencadeando-se dentro de um processo mais geral de introdução e consolidação inicial do modelo. Em suma, foram contempladas as ações e reações que compuseram o escopo do relacionamento das instituições no período em questão.

Dessa forma, a análise dos dados permitiu inferir que este relacionamento poderia ser temporalmente reagrupado em pelo menos dois momentos, no interior dos quais

se altera a natureza das ações empreendidas pela Fundação. Tais marcos podem ser definidos como um período de introdução do modelo propriamente dito, delimitado pelos anos de 1916 a 1925; e o período subsequente, de consolidação desse modelo, compreendendo os anos entre 1926 a 1931.

Como dito acima, essa é uma periodização geral. Na estrutura dos capítulos, como se verá mais adiante, novos intervalos foram considerados. Essa subdivisão objetivou distinguir ali um momento que foi definido como preparatório e de decisões preliminares, que se estendeu de 1916 a 1918. A subdivisão seguinte, de 1918 a 1925, revelou um período de ações e negociações mais intensas, constituindo-se propriamente o foco onde estiveram concentradas as gestões e articulações que resultaram nas mudanças promovidas pela Fundação Rockefeller.

A fase final - aqui entendida como a de consolidação do processo -, abrangendo os anos que vão de 1926 a 1931, assistiu à implantação na Faculdade de Medicina de uma base material bastante arrojada. No período, a Faculdade administrou a construção definitiva de suas instalações, obteve o aparelhamento de seus laboratórios e o treinamento de alto nível de docentes no exterior, garantindo, ao mesmo tempo, a ênfase no trabalho de pesquisa nas disciplinas pré-clínicas. A conjunção desses fatores permitiu à Faculdade desenvolver um trabalho de alto nível, cumprindo a meta de instituição-modelo a ela reservada pela Fundação Rockefeller.

A análise aqui desenvolvida restringiu-se à

delimitação do processo acima referido, com o objetivo de identificar os atores envolvidos, com ênfase na interação entre a comunidade acadêmica e a implantação do modelo de excelência difundido pela Fundação Rockefeller. Assim, a dissertação contempla prioritariamente a dinâmica interna desse processo, procurando definir os marcos e os termos em que se dá a adesão da dita comunidade ao referido projeto.

Do ponto de vista da elite dirigente da Faculdade, pôde-se aferir uma adesão praticamente sem restrições ao modelo da Fundação Rockefeller, sobretudo pelo que ele representou de possibilidade de acesso e diálogo com a produção científica internacional. Reações contrárias foram esboçadas pelo meio político, Executivo e Legislativo, cuja formalização mais evidente está representada pelos discursos proferidos na Câmara dos Deputados - antiga denominação da atual Assembléia Legislativa. Estas reações foram, sempre que possível, neutralizadas no âmbito da Faculdade.

Do ponto de vista da estrutura da dissertação, a análise do relacionamento se encontra nos três últimos capítulos e na conclusão. Os dois primeiros capítulos recuperam informações gerais relativas às duas instituições envolvidas no processo: a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina de São Paulo.

A ortografia dos documentos foi atualizada de acordo com o padrão da Reforma Ortográfica de 1943. Com relação à taxa de câmbio, acrescentou-se, como anexo, uma tabela com a

cotação da moeda brasileira no período e em relação a cinco moedas estrangeiras, entre as quais o dólar norte-americano.

PRIMEIRA PARTE:

Marcos institucionais

## CAPÍTULO I

### A Fundação Rockefeller se organiza e difunde seu modelo

#### I.1 - Introdução

A Fundação Rockefeller (FR) é uma das maiores e mais antigas instituições filantrópicas norte-americanas e teve, ao longo de sua existência, uma atuação marcante em vários setores da vida social, não só nos Estados Unidos, mas também em diferentes países. Em atividades como a produção do conhecimento científico, sua atuação foi decisiva na implantação de algumas áreas contemporâneas de pesquisa, assim como na institucionalização dessa produção. Juntas, a Fundação Rockefeller e a Carnegie Corporation são consideradas como as principais fontes de recursos que financiaram o deslocamento do centro de produção científica da Europa para os Estados Unidos no período entreguerras. (1)

Em quase oitenta anos de existência institucional (datada a partir de 1913), a Fundação Rockefeller esteve presente em setores-chaves da vida pública - dentro e fora dos Estados Unidos - financiando atividades em saúde pública, educação, ensino médico, psiquiatria, e ciências naturais - especialmente nos campos da genética, endocrinologia, fisiologia e estudos quantitativos em biologia, além de física e química aplicadas.



Nas ciências sociais, promoveu estudos em antropologia e em áreas envolvendo relações do trabalho, previdência social, relações internacionais, economia, política e administração pública, além das artes, cultura, meios de comunicação, informação e difusão, arquivos e acervos históricos, e aprendizagem intensiva de inglês, nos países estrangeiros. (2)

Esse amplo rol de atividades se desdobrou em ações diferenciadas em vários continentes, possibilitando à Fundação Rockefeller promover sua atuação em escala planetária, sendo essa uma de suas principais características. Sua presença em países da Europa, América Latina, Oriente Médio e Sudeste Asiático tem sido associada à expansão dos interesses econômicos dos Estados Unidos por todo o planeta, a partir do final do século passado. (3)

Enquanto instituição filantrópica ela se organizou como sociedade civil, sem fins lucrativos, sendo porém caudatária de uma das maiores fortunas pessoais dos Estados Unidos da América (EUA), acumulada no período de oligopolização de sua economia, ocorrido a partir da segunda metade do século XIX. Ainda hoje se estendem por todo o planeta os negócios e interesses comerciais dos herdeiros do magnata John Dawson Rockefeller - que ficou conhecido como o "rei do petróleo" -, através de organizações transnacionais como a **Standard Oil** e o **National City Bank**.

No caso do Brasil, o estabelecimento da Fundação Rockefeller coincidiu também com a expansão dos interesses norte-americanos no país, como, afinal, ocorreu em toda a América Latina. Victor Valla aponta em seu estudo sobre a penetração do capital norte-americano no Brasil que essa entrada se deu, principalmente, a partir de 1904, numa crescente substituição dos interesses ingleses no país, apesar de as relações comerciais entre os dois países datarem de bem antes. (4)

Em 1905, Brasil e Estados Unidos instalaram respectivamente as suas embaixadas, sendo a embaixada de Washington a primeira representação diplomática brasileira no exterior. (5)

Dez anos depois, em 1915, chegou ao Brasil a primeira comissão da Fundação Rockefeller, formada por William Henry Welch - "famoso bacteriologista da época" -, e Wickliffe Rose, então presidente da Junta Internacional de Saúde (**International Health Board**, que posteriormente seria denominada, no Brasil, Comissão Sanitária Internacional). (6)

A comissão chegou a São Paulo depois de uma longa viagem por vários países da América Latina, cujo objetivo havia sido identificar áreas para atuação da Junta no continente, especialmente nos setores de saúde pública e ensino médico. A partir daí os contatos se aprofundaram, resultando em ações concretas da Fundação Rockefeller no Brasil e na América Latina.

Coincidentemente, no ano seguinte à visita da

comissão de estudos, ou seja, em 1916, foram abertas as duas primeiras filiais do **City Bank** no Brasil. Nesse mesmo ano, 1916, estabeleceram-se os primeiros contatos entre aquela comissão e membros da então recém-criada Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, posteriormente denominada apenas Faculdade de Medicina de São Paulo. (7)

Da mesma forma, a participação da FR nas campanhas de saúde pública no Brasil coincide com o início das operações no país de empresas subsidiárias de monopólios norte-americanos, inclusive indústrias farmacêuticas. (8)

## 1.2 - Antecedentes Gerais

### Poder e motivações da filantropia organizada

O contexto da organização e institucionalização da filantropia privada e em larga escala nos Estados Unidos, bem como o processo específico de constituição da Fundação Rockefeller, ocorrido nas duas primeiras décadas deste século, assim como sua atuação, dentro e fora dos Estados Unidos, tem sido objeto de análise de diferentes pesquisadores, norte-americanos ou não. Estas análises tratam das trajetórias das organizações filantrópicas, tanto do ponto de vista da globalidade de sua atuação, quanto de aspectos específicos.

Os estudos mais críticos têm procurado mostrar o papel conservador desempenhado pelas poderosas corporações filantrópicas norte-americanas em setores vitais das sociedades contemporâneas, especialmente em relação ao ensino superior, assim como em relação ao treinamento e à formação de pessoal tecno-científico nos países onde atuaram. (9)

Entre estas análises encontram-se aquelas que se detiveram na pesquisa das condições sócio-históricas que propiciaram o surgimento destas organizações. Estes estudos apontam a correlação existente entre a enorme concentração de poder e riqueza que estas corporações representaram - e ainda representam - e a ideologia conservadora de que são porta-vozes. Os autores enfatizam o papel de reprodutores das estruturas de classes e da desigualdade social desempenhado por estas instituições, ressaltando a vinculação das grandes fundações filantrópicas norte-americanas aos gigantescos monopólios que lhes deram origem. (10)

O conjunto de estudos reunidos por Robert Arnove em *Philantropy and Cultural Imperialism: The Foundation at Home and Abroad*, por exemplo, se organiza em torno da tese de que

*fundações como Carnegie, Rockefeller e Ford têm um poder corrosivo sobre a sociedade democrática, representando uma concentração de riqueza e poder razoavelmente não-controlada e não-dimensionada que compra talento, promove causas e estabelece de fato uma agenda sobre o que merece a atenção social, servindo como agências de cooptação (cooling-out), atrasando e evitando mudanças estruturais mais radicais.*

Para o autor, as fundações

*(...) ajudam a manter a ordem política e econômica no âmbito internacional, numa situação que beneficia os*

*interesses de classe de filântropos (...) um sistema que tem trabalhado contra os interesses das minorias, das classes trabalhadoras e dos povos do Terceiro Mundo.*

Segundo sua análise,

*(...) a emergência das fundações filantrópicas norte-americanas representou uma confluência de forças sociais, políticas e econômicas no começo do século vinte (...) que incluíam o seguinte: a acumulação das grandes fortunas industriais; o processo industrial e de relações sociais da produção que levaram tanto à grande riqueza de uns poucos, quanto à pobreza e o descontentamento da parte de muitos; o reformismo social do período que propunha a aplicação racional do planejamento social e a especialização científica para a melhoria dos males sociais; e o reconhecimento da parte do governo federal, da direção das corporações, e da ala conservadora do movimento operário que eles deveriam trabalhar juntos no encaminhamento dos problemas, face à perspectiva de mudança social radical. (11)*

Richard Brown adota uma linha de raciocínio semelhante ao analisar a crise do sistema de saúde norte-americano em seu livro **Rockefeller Medicine Men: Medicine and Capitalism in America**. (12) Brown considera que a atual crise do sistema de saúde norte-americano "está profundamente enraizada na entrelaçada história da medicina moderna e do capitalismo corporativo". Para o autor,

*(...) embora o governo tenha se tornado a influência dominante desde a Segunda Guerra Mundial, as fundações foram a principal influência externa na medicina americana no seu período de formação de 1900 a 1930 (...) e seus principais objetivos foram o de desenvolver um sistema que desse sustentação à sociedade capitalista, bem como racionalizar a assistência médica, tornando-a acessível a um custo social mínimo. (13)*

A vinculação entre interesses capitalistas e a ação das fundações, mais especificamente, da Fundação Rockefeller, é ressaltada também pela pesquisadora Maria Eliana Labra. Nela, a autora analisa a constituição do ensino de saúde

pública no Brasil, entendendo-o como culminância de um processo sócio-político-ideológico não-exclusivamente nacional. Ou seja, a autora considera esse processo como também resultante de articulações que envolveram, segundo sua denominação, a "conexão sanitária internacional, uma rede de instituições preocupadas com assuntos de higiene e saúde pública, com atuação na América Latina, e no Brasil em especial, sob a doutrina do pan-americanismo", processo no qual a Fundação Rockefeller teve atuação destacada. (14)

Numa outra vertente de análise, o pesquisador Marcos Cueto busca matizar as motivações que levaram as fundações norte-americanas a atuarem no Terceiro Mundo. Cueto principia por recusar o que ele considera "as versões mais simplistas, que têm apresentado como única motivação das fundações o desejo de incrementar a produtividade de regiões consideradas sob influência dos Estados Unidos". (15) Para o autor,

*(...) poucas vezes se tem insistido no temor em relação à febre amarela que existia no começo do século XX nos Estados Unidos, um país que até o final do século passado foi vítima de uma série de epidemias deste mal, situação que deixou uma sensação de que seus territórios poderiam ser reinfestados pelos vizinhos do Sul. A abertura do canal do Panamá, em 1914, ligou este temor a uma possível expansão internacional da febre amarela a partir dos territórios endêmicos do Caribe, Brasil e do porto de Guayaquil".*

Portanto,

*(...) a segurança nacional dos Estados Unidos explica, em parte, por que a Fundação Rockefeller gastou mais dinheiro em febre amarela que em nenhum outro projeto de saúde pública".* (16)

Cueto considera também como parte de sua análise o desenvolvimento da medicina tropical nos Estados Unidos e o papel desta disciplina no Instituto Rockefeller, "uma instituição de investigação médica que embora formalmente independente da Fundação teve uma grande influência nela". (17)

Conduzindo sua análise em outra direção - a que se detém sobre o papel das fundações no estabelecimento da ciência acadêmica nos EUA -, Robert Kohler compilou dados do National Research Council (NRC) que apontam a participação da Carnegie e da Rockefeller na chamada "filantropia científica" no período entre 1916 e 1940. Segundo o autor, as duas instituições contribuíram com 97,5 % dos cerca de US\$ 12 milhões recebidos pelo Conselho como doações de organizações filantrópicas.

Kohler lembra também que os bolsistas do NRC - programa no qual a Fundação Rockefeller investiu em torno de US\$ 4 milhões - tiveram uma "participação vigorosa na definição de novas disciplinas científicas, sobretudo em centros de excelência que emergiram no período, como Stanford, Princeton, Michigan e Caltech, assim como na expansão dos programas de graduação das velhas universidades de elite dos Estados Unidos (...)".

Enfim, entre as décadas de 20 e 40, "as fundações investiram cerca de US \$ 100 milhões em capacidade científica e na organização dessa comunidade nos EUA, tendo contribuído muito para o deslocamento da ciência para o oeste no período entreguerras", afirma o pesquisador. (18)

As análises e as críticas formuladas por estes estudiosos permitem ver a riqueza e complexidade do papel das fundações filantrópicas norte-americanas na constituição da ciência moderna nesse país e no âmbito internacional. Dessa forma, auxiliam na compreensão do papel desempenhado pelas grandes fundações na introdução de modelos acadêmicos em países de capitalismo tardio como o Brasil, e esse é, em última instância, o objetivo da presente dissertação. Entretanto, para se compreender o processo mais geral, deve-se proceder à recuperação dos elementos históricos, o que é feito a seguir.

### **1.3 - As ações filantrópicas que deram origem à Fundação Rockefeller**

Criada nos Estados Unidos em 1913, a Fundação teve por objetivo reunir e centralizar as ações filantrópicas da família Rockefeller que vinham sendo praticadas de forma sistemática e em escala crescente desde o final do século XIX.

A história oficial da instituição localiza bem antes o "espírito filantrópico" do patriarca da família e magnata do petróleo John Dawson Rockefeller (19). A origem de suas ações filantrópicas é mais precisamente identificada em seus tempos de juventude, quando contribuía regularmente para pequenas causas de caridade: orfanatos, creches, hospitais, escolas; ações em geral relacionadas com a Igreja Batista, da



qual era membro.

Estas pequenas contribuições já obedeciam, contudo, a uma lógica própria, a uma orientação definida pessoalmente pelo milionário. As doações só eram feitas a instituições que atendessem critérios tais como: serem obras filantrópicas já organizadas e cujo trabalho fosse reconhecido como meritório pela comunidade a que servia; deviam ser autônomas em relação às doações e deviam, também, ser capazes de garantir contrapartidas aos recursos obtidos, através de novas doações, feitas por outros membros. Enfim, para se beneficiarem da fortuna Rockefeller, as ações filantrópicas contempladas deviam desenvolver "espírito de independência e auto-responsabilidade". (20)

O ideário da Fundação se sofisticou a partir do deslocamento sistemático de suas ações desse nível, localizado e paroquial, e à medida em que assumia natureza global, primeiro em seu país de origem e, em seguida, no plano internacional. As pré-condições impostas inicialmente pelo milionário na concessão dos donativos se refinaram, assim como seus objetivos, concepções e modelos de atuação filantrópica foram redesenhados ao longo da trajetória da instituição.

Contudo, alguns dos parâmetros originais permaneceram, como a exigência de autonomia financeira das instituições beneficiadas, a identificação dos critérios de relevância apontados pelas comunidades e, sobretudo, a necessidade de haver contrapartidas financeiras aos auxílios concedidos.

Um marco na mudança do caráter das ações filantrópicas promovidas com recursos de Rockefeller foram os donativos para a criação em 1889 da Universidade de Chicago. A Universidade nasceu como projeto de instituição de ensino superior da Igreja Batista, da qual Rockefeller era membro destacado, pelo poder, riqueza e regularidade de suas contribuições.

Até 1910, quando encerraram-se as concessões do milionário para a Universidade, suas contribuições somavam cerca de US \$ 35 milhões, através da integralização de ações da companhia petrolífera Standard Oil. Nos anos subsequentes, a Universidade tornou-se uma das grandes instituições de ensino superior e pesquisa dos Estados Unidos. (21)

A fortuna pessoal de John Rockefeller estava na época avaliada em cerca de US\$ 900 milhões e era considerada a maior entre todas as riquezas amalhadas na segunda metade do século XIX, quando o intenso surto de industrialização vivido pelos Estados Unidos após a guerra civil propiciou uma notável acumulação de capitais, gerando o que mais tarde seria denominado pelos historiadores como a II Revolução Industrial.

Entre essas fortunas colossais, acumuladas num período relativamente curto, estavam também as de magnatas como Morgan, Armour, Sage, Stanford, Carnegie, Guggenheim, cujos nomes e corporações marcariam a vida social e política norte-americana nas décadas seguintes. Essa presença foi particularmente significativa na construção de uma "infra-

estrutura acadêmica", através do financiamento ao ensino e à pesquisa com a criação de uma "corrente" de universidades, fundações, institutos e bibliotecas sem paralelo com outra época. (22)

O envolvimento com a criação da Universidade de Chicago conduziu Rockefeller ao relacionamento com Frederick Gates, até então ministro da Igreja Batista e chefe administrativo da Sociedade Americana de Educação Batista. Gates foi o responsável nessa instituição pela intermediação dos donativos de Rockefeller para a Universidade. A partir de 1892, o pastor assumiu o papel de principal conselheiro do milionário, nos negócios e nas atividades filantrópicas, condição que manteve com prestígio crescente durante muitos anos, segundo os relatos oficiais da instituição. (23)

#### A transição da caridade paroquial para a filantropia em larga escala

Gates tem sido historicamente apontado como o ideólogo que concebeu e orientou o deslocamento das ações filantrópicas de Rockefeller induzindo-as à transição de uma escala reduzida ao âmbito ampliado que alcançaram. O pastor teria sido, portanto, o responsável pelo delineamento e implantação do modelo de filantropia racional e em larga-escala característico, a partir de então, das ações filantrópicas da família Rockefeller, modelo que resultou num "padrão" para

iniciativas do gênero, nas primeiras décadas deste século.

Gates chegou a definir um amplo programa de atuação para a Fundação baseado no que ele considerava as seis áreas primordiais para o "progresso da civilização ocidental", reservando para a FR um papel de alavancagem desse processo. Esse esquema incluía além da educação, ciência e saúde, a moral e a religião. (24) Em 1913, o próprio Rockefeller optou por consolidar as áreas de educação e saúde, onde a Fundação vinha atuando prioritariamente, a fim de reforçar o trabalho da instituição. (25)

Além da escala global, planetária, a atuação da Fundação Rockefeller assumiu, entre os anos 20 e 40, o caráter de "filantropia científica" sendo apontada, junto com a Carnegie Corporation, como em boa medida responsável pelo deslocamento do eixo da produção científica da Europa para os Estados Unidos, através da injeção de recursos em programas específicos de pesquisa. No plano internacional, no mesmo período, e também nas décadas seguintes, a Fundação Rockefeller ajudou a construir e implantar uma rede de instituições científicas que, calcadas na busca de excelência, propiciaram a difusão e consolidação desse padrão. (26)

Há diferentes interpretações para a passagem da filantropia da FR de pequena escala - a "retalho, ou no varejo", como definem alguns pesquisadores - para a filantropia "total", "no atacado, em larga escala". (27)

A história oficial da instituição,

configurada no relato publicado originalmente em 1952 por seu ex-presidente Raymond Fosdick, identifica uma linha de continuidade entre as ações de caridade - doações a pequenas causas - e o patamar seguinte - filantropia organizada em larga escala. Para Fosdick, a orientação original manteve-se ao preservarem os critérios para as doações: a reconhecida relevância para a comunidade das instituições beneficiadas.

As primeiras entidades beneficiadas pela caridade de Rockefeller foram, em geral, aquelas relacionadas com a Igreja Batista, embora outras instituições cristãs, como as católicas, também tenham sido contempladas, porém de uma forma mais esporádica. O importante a ser ressaltado é que, antes mesmo de assumir proporções gigantescas, como se daria décadas mais tarde, as ações filantrópicas da família Rockefeller se desenvolveram a partir de critérios racionalmente muito bem definidos, com ênfase na independência financeira das instituições beneficiadas.

Segundo o relato de Fosdick - circunstância em que o autor se remete à biografia de Gates -, durante o processo de estabelecimento da Universidade de Chicago, o próprio Rockefeller teria manifestado ao pastor seu descontentamento em relação à demanda por donativos, crescente e descontrolada, oriunda de diferentes segmentos sociais. (29)

Fosdick acredita que, dessa forma, Rockefeller estaria expressando o desejo de conferir a essas ações a mesma racionalidade inerente aos negócios das grandes

corporações, que então conquistavam um espaço crescente na sociedade norte-americana. Outro dado, relatado por Gates em sua biografia e retomado pelos pesquisadores da Fundação Rockefeller, diz respeito à preocupação cada vez mais acentuada do magnata com o destino de sua fortuna. (30)

Dessa forma, Gates teria se empenhado no sentido de induzir o milionário a destinar parte da fortuna pessoal a um trabalho que permanecesse mesmo após sua morte. A principal alegação, relata Gates, era que essa fortuna, embora fabulosa, poderia ser dissipada pelas gerações futuras, "como ocorria tantas vezes", pouco ou nada restando do trabalho empreendido em vida pelo patriarca da família. (31)

Dessa forma, pode-se considerar que a passagem da filantropia em "pequena escala" para a filantropia em "larga-escala" decorreu, pelo menos em parte, da dinâmica criada com o estabelecimento das pequenas doações, cujas solicitações se avolumavam indicando uma perda do controle nas concessões, nos termos impostos pelo milionário.

Ou seja, face ao crescimento da demanda, Rockefeller vinha perdendo o controle da filantropia. Impunha-se, portanto, segundo sua avaliação, a necessidade de criar uma estrutura organizativa capaz de responder a esse aumento, mantendo-se a mesma racionalidade nas concessões, amparadas nos já referidos critérios de legitimidade e independência financeira da instituição beneficiada.

Outras explicações para o estabelecimento da filantropia "total" apontam para a necessidade do patriarca de melhorar sua imagem pública, bastante comprometida em razão de negociatas urdidas durante o período de construção de seu gigantesco patrimônio.

Ao mesmo tempo em que fortunas como as de Rockefeller se acumulavam em parâmetros até então sem precedentes, segmentos sociais menos favorecidos, como os operários, eram obrigados a conviver com situações de profunda instabilidade econômica e social, resultantes de frequentes surtos recessivos. Assim, avalia-se que metade dos anos decorridos entre a Guerra Civil Americana (1861-1865) e a I Guerra Mundial (1914-1918) tenham sido vividos em estado de depressão econômica. (32)

Contudo, o novo padrão de acumulação e organização econômica do país exigia mão-de-obra qualificada e urbana, necessidade que foi parcialmente satisfeita por grandes levas de imigrantes. A junção destes contingentes - políglotas, desenraizados e desamparados do ponto de vista da inexistência de legislação previdenciária - com o operariado nativo, também ele superexplorado, gerou inúmeras tensões sociais que resultaram em conflitos sangrentos. (33)

Esse quadro de profunda instabilidade social é, dessa maneira, apontado pelos estudiosos como uma das causas para o surgimento das ações filantrópicas em larga escala que, por sua vez, resultaram na organização das grandes fundações.

Assim, o objetivo implícito de tais instituições seria o de se antecipar a mudanças radicais, combatendo os efeitos das distorções pela via filantrópica e assistencialista. Ao mesmo tempo, estas fundações chamaram a si a tarefa de formular um conjunto de explicações minimamente coerentes com o objetivo de justificar as desigualdades sociais. (34)

Um dos exemplos dessa estratégia de explicar a pobreza a partir de seus efeitos pode ser identificado na história da Junta Geral de Educação (ou **General Education Board**, GEB) que começou a funcionar antes da institucionalização da Fundação Rockefeller. Um de seus pressupostos básicos em termos de atuação no campo da saúde pública, amparava-se na concepção da miséria como decorrência da insalubridade sanitária. (35)

Em outra vertente de interpretação para as origens da filantropia em larga-escala são levantadas questões como o desvio de recursos do fisco, sob a fachada filantrópica. Barbara Howe contesta este argumento lembrando que a legislação que taxou as fortunas só foi aprovada em 1903, portanto alguns anos depois de iniciado o processo de redefinição das obras filantrópicas de John Rockefeller, conforme o projeto modelado por Gates, a partir da experiência da Universidade de Chicago no final do século XIX.

A pesquisadora considera plausível entender essa transição como o resultado da conjugação dos diversos fatores arrolados pelos diferentes autores, como apontado



anteriormente, mais do que identificar e estabelecer uma causa única e exclusiva para as ações da Fundação Rockefeller nos moldes em que ela se instituiu historicamente. (36)

Saúde e Educação, a gênese da  
filantropia científica

Em 1901, já sob o aconselhamento de Gates, que se dedicava a estudar as origens do que ele considerava o notável progresso da civilização ocidental, e bem depois do apoio à constituição da Universidade de Chicago, John Rockefeller criou o Instituto Rockefeller para Pesquisas Médicas (**Institute Rockefeller for Medical Research**, ou IRMR), com sede em Nova York, e que veio a se tornar um dos grandes centros de investigação médica do mundo.

O Instituto foi criado com a finalidade de desenvolver a medicina experimental tendo em vista o considerável "atraso" da área na época, conforme as "lentes de observação" de Gates. A concepção do Instituto se assentava sobre a idéia de "excelência": o estabelecimento de uma base permanente de pesquisadores bem remunerados sem atividades docentes, cujo objetivo era garantir dedicação integral e continuidade das pesquisas. (37)

O Instituto recebeu inicialmente uma subscrição de US\$ 20 mil, renovável por dez anos, e incorporou figuras destacadas da medicina norte-americana, como William

Welch, eleito presidente da instituição, e Simon Flexner, indicado como diretor, ambos oriundos da Johns Hopkins University, prestigiado centro de ensino médico, sediado em Baltimore, fruto também ele de doações filantrópicas destinadas pelo milionário **quacker** de mesmo nome. (38)

Em 1903, com a participação do herdeiro John Rockefeller Jr., a família instituiu a Junta Geral de Educação (GEB) que voltou sua atuação principalmente para o Sul dos Estados Unidos. A região, ainda combatida pela derrota na Guerra de Secessão, apresentava graves distorções sociais com profundas deficiências nos campos da saúde e educação.

A situação era especialmente grave em relação à população negra, tornada livre com a abolição da escravatura ao final da guerra e vitimada pela discriminação, perpetrada sobretudo pelos sulistas derrotados e contrários à libertação, em virtude do desmantelamento de seu sistema de produção baseado na exploração da mão-de-obra escrava.

Assim, a Junta de Educação Geral recebeu uma subscrição inicial de cerca de US\$ 1 milhão com a finalidade de criar um amplo projeto educacional, contemplando particularmente o Sul, e, nele, o negro. Na época, a educação não era vista como "dever de Estado", por parte da sociedade norte-americana, e estava confiada às mãos de cidadãos "notáveis e beneméritos" de cada comunidade. Dessa forma, o trabalho ali desenvolvido pela Junta foi diretamente supervisionado por Gates e, em 1907, a organização já havia recebido doações da família Rockefeller que

somavam cerca de US\$ 20 milhões. (39)

A atuação do GEB no Sul conduziu ao estabelecimento em 1909 da Comissão Sanitária para Erradicação da Ancilostomíase (**Sanitary Commission for Erradication of Hookworm**) em virtude da calamitosa situação sanitária da região, cuja maioria absoluta da população se encontrava infestada pela ancilostomíase, parasita intestinal altamente contagioso, que debilita crescentemente o organismo.

A Comissão também recebeu cerca de US\$ 1 milhão, consumidos nos cinco primeiros anos de sua existência. Contudo, antes de se estabelecer na região através da Comissão, o GEB havia designado um grupo de pessoas para estudar as condições locais e criar um plano detalhado das operações a serem desencadeadas. Esse era o procedimento de praxe nas ações da família, exigência pessoal do patriarca que só se dispunha a conceder recursos a uma determinada causa depois de uma avaliação rigorosa não só da relevância e legitimidade da iniciativa, como do plano de aplicação desses recursos.

A Comissão, chefiada por Gates, e secretariada por Wickliffe Rose, permaneceu cerca de um ano estudando a região, com sua base operacional localizada em Nashville, Tennessee. Rose era, até então, professor de filosofia e fora indicado a Gates por Wallace Buttrick. Buttrick, descrito como homem pacato, sem grandes "dotes intelectuais", ex-empregado postal e de ferrovias, fez carreira na Igreja Batista e, através destes vínculos, tornou-se presidente do GEB, sempre

supervisionado por Gates.

Rose, ao contrário, é descrito como personagem original e audaciosa, capaz de formular trabalhos completos e bem articulados. Sua atuação na área de saúde pública, bem como no estabelecimento da chamada "filantropia científica", será marcante na história da Fundação Rockefeller, inclusive no plano internacional. Sua primeira "operação" bem-sucedida foi exatamente o combate da ancilostomíase no sul dos Estados Unidos.

Os números levantados pela comissão de estudos, secretariada por Rose, eram, de fato, espantosos. Em 1910, cerca de 90% das crianças examinadas, em um universo de 500 mil, estavam contaminadas, com igual incidência entre adultos. A partir daí, foi proposto o estabelecimento de uma campanha maciça de combate e prevenção em onze estados sulistas. Subsequentemente, a Comissão montou uma expressiva infraestrutura sanitária, em cooperação com as comunidades locais e respectivos órgãos públicos, modelo que, posteriormente, seria levado para o exterior, sob a justificativa de identificação e combate aos "cinturões de enfermidade". (40)

É interessante ressaltar que, a partir das campanhas de Saúde Pública, o discurso da Rockefeller passou a se servir de uma linguagem pontuada por metáforas militares. Dessa forma, o **staff** da instituição se imaginava em "guerra contra a enfermidade", principal "inimigo a ser combatido" e para o qual não existiam "fronteiras". Daí a necessidade de "estratégias" bem

elaboradas visando "operações em campo". (42)

O trabalho da Comissão de Erradicação da Ancilostomíase, desenvolvido junto com pesquisadores do Instituto Rockefeller de Pesquisas Médicas, registrou várias descobertas científicas importantes em relação ao ambiente necessário à reprodução do parasita, além de outras relacionadas ao grau de morbidade provocada pela infestação. Nessa experiência no sul dos EUA, a Comissão entrou em contato também com outras enfermidades que mais tarde pautariam a agenda de atuação externa da Fundação Rockefeller, como a malária, a febre amarela e a tuberculose.

Dessa atuação em larga escala dentro do território norte-americano, resultou, também, a consciência da necessidade de formação de quadros em saúde pública. Essa preocupação redundou, posteriormente, na criação da Escola de Higiene e Saúde Pública na Universidade de Johns Hopkins que serviu de modelo para instituições semelhantes, criadas com o apoio da Fundação Rockefeller em todo o mundo, em cidades como Praga, Varsóvia, Londres, Toronto, Copenhague, Budapeste, Oslo, Belgrado, Zagreb, Madrid, Cluj [Romênia], Ancara, Sofia, Roma, Tóquio, Atenas, Bucareste, Estocolmo, Calcutá, Manila e São Paulo, onde foram gastos, globalmente, mais de US\$ 25 milhões. (42)

Além de incentivar a criação destas escolas com o objetivo de formar mão-de-obra para atuar em saúde pública, Rose instituiu também o sistema de concessão de bolsas de estudos, a fim de contemplar estudantes rigorosamente selecionados que pudessem estudar na Johns Hopkins e retornar aos

lugares de origem como especialistas altamente bem-treinados.

A preocupação com o grau de excelência científica era tamanha que, numa exacerbação das metáforas bélicas então recorrentes no discurso da Fundação Rockefeller, a escola de saúde pública da Johns Hopkins foi posteriormente denominada por George Vincent - ex-diretor da Universidade de Minnesota e presidente da FR a partir de 1917 - como a "West-Point da Saúde Pública". (43)

O objetivo básico de tais escolas era formar mão-de-obra que pudesse administrar as operações relativas às campanhas de prevenção e a infra-estrutura de manutenção da saúde pública, bem como treinar professores e estudantes e profissionais qualificados dedicados à questão. Uma estratégia que se apoiava na premissa de que tais escolas seriam capazes de formar "elementos-chaves" para saúde pública.

Mais tarde, quando as ações derivaram para a filantropia científica, essa concepção de elementos-chaves evoluiu para o de "sementes iniciais". A idéia designava claramente a vocação da Fundação Rockefeller para apoiar financeiramente, estudantes, pesquisadores ou instituições criteriosamente selecionados que pudessem disseminar o modelo de ciência da instituição. (44)

O reconhecido sucesso da Comissão Sanitária teve um profundo impacto sobre a definição dos rumos das ações filantrópicas da família Rockefeller e ajudou a desencadear o

processo de unificação dos organismos existentes em torno de uma única e grande fundação. A partir de 1910, as discussões nesse sentido foram encaminhadas com a participação destacada de Buttrick, Rose e Simon Flexner. Posteriormente, Jerome Greene, George Vincent, Richard Pearce e Abraham Flexner se incorporaram ao debate. (45)

#### I.4 - Dificuldades no processo de institucionalização da Fundação Rockefeller

Entre 1909 e 1910, o **staff** encarregado das ações filantrópicas da família Rockefeller iniciou um arrastado processo junto ao Congresso norte-americano em busca de autorização federal para o estabelecimento da Fundação Rockefeller. Essa autorização só foi concedida em 1913, mesmo assim através de uma decisão estadual, em Albany, no Estado de Nova York.

O pedido de autorização tramitou durante quatro anos no Congresso norte-americano e foi objeto de acirrados debates sobre quais seriam, "de fato", as intenções do "maligno" Rockefeller ao buscar permissão federal para estabelecer uma instituição de caráter tão amplo. O projeto pedia aval para atuar com liberdade dentro e fora dos Estados Unidos. De novo, pesava a suspeita de que a Fundação Rockefeller seria utilizada como fachada para encobrir eventuais sonegações. (46)

A imagem pública do magnata havia alcançado um nível tal de desgaste e deterioração, que seu **staff** optou por promover uma ampla campanha de recuperação da credibilidade de John Rockefeller. Vale a pena registrar que, em geral, os manuais de relações públicas identificam a institucionalização dessa atividade a partir de ações bem-sucedidas do jornalista Ivy Lee na reconstrução da imagem de Rockefeller junto à sociedade. (47)

A autorização obtida através do Estado de Nova York foi concedida em torno de objetivos bastante genéricos. Nos estatutos redigidos por Jerome Greene, ex-secretário da Universidade de Harvard e primeiro secretário da nova instituição, a Fundação Rockefeller propunha-se a desenvolver suas atividades prioritariamente em torno de um grande e único princípio geral: "promover o bem da humanidade". (48)

A longa tramitação pelo Congresso norte-americano foi acompanhada de críticas irônicas na imprensa que se referia à Fundação como "o beijo de Judas", "cavalo de Tróia" "dinheiro manchado". Nessa arrastada e infrutífera tramitação pela esfera federal, o projeto recebeu cinco emendas do Congresso, cujo objetivo era impedir desvios de impostos e estabelecer um certo grau de controle sobre as ações da instituição.

Estas emendas foram as seguintes:



. que o patrimônio total da Fundação deveria se limitar a US\$ 100 milhões;

. que os recursos destinados à Fundação não deveriam se acumular, nem haver aumento de capital. Tais recursos deveriam ser de fato aplicados periodicamente, conforme os objetivos em torno dos quais a Fundação estava sendo criada;

. depois de um prazo de cinquenta anos, a Fundação poderia distribuir tanto o capital como as entradas de recursos, e que depois de cem anos essa distribuição seria obrigatória se o Congresso assim o ordenasse;

. que a eleição de novos comissários poderia ser vetada em um prazo de sessenta dias pela maioria formada pelo seguinte conjunto de personalidades: o presidente dos Estados Unidos, o presidente da Suprema Corte de Justiça, o presidente do Senado, o delegado da Câmara de Representantes e os presidentes das seguintes universidades: Harvard, Yale, Columbia, Johns Hopkins e Chicago;

. que não se poderia investir em nenhum órgão da Fundação mais de um décimo do valor máximo do patrimônio, avaliado conforme o estabelecido no estatuto. (49)

Essas exigências traduziam a desconfiança pública nas ações que envolviam o magnata. Segundo Fosdick, Rockefeller estaria disposto a aceitá-las, caso, em 1913, Albany não tivesse concedido a autorização. Assim, conhecedores dos obstáculos que os parlamentares opunham à institucionalização da organização, os membros encarregados do processo apresentaram em Albany um projeto extremamente genérico, articulado em torno da idéia central de que à Fundação caberia "promover o bem em prol da humanidade", de forma a evitar as grandes polêmicas.

Legalmente instituída em 1913, a Fundação recebeu naquele ano cerca de US\$ 35 milhões e mais US\$ 60 milhões no ano seguinte. A presidência e a diretoria se organizaram em torno de John Rockefeller Sr. e Jr., Frederick Gates, Harry Pratt Hudson, presidente da Universidade de

Chicago, Simon Flexner, Starr Murphy, Jerome Greene, Wickliffe Rose e Charles Heydt. Meses depois incorporaram-se à direção Charles Elliot, presidente de Harvard, e Barton Hepburn, presidente do Chase National Bank. Nesse mesmo ano, a nova organização incorporou as instituições já mantidas - a Junta Geral de Educação e a Comissão Nacional para a Erradicação da Ancilostomíase.

Apenas o Instituto Rockefeller para Pesquisas Médicas não foi incorporado à nova estrutura da Fundação. Contudo, em várias circunstâncias, as duas instituições desenvolveram juntas vários trabalhos, na pesquisa científica de enfermidades endêmicas como a febre amarela e a malária, em regiões como a América Latina, o Caribe e a África.

No mesmo ano de 1913, John Rockefeller Jr. foi efetivado como o primeiro presidente da Fundação. Na redação dos princípios básicos de atuação da FR, Greene excluiu de seus objetivos os atos de caridade e propôs uma estratégia de ação global, centrada na idéia de desenvolvimento de um modelo de ação filantrópica em larga escala. Ressaltava os mesmos princípios assumidos pelo patriarca no início de suas doações à pequenas obras: a necessidade de as contribuições serem temporárias, a fim de não se criar vínculos de dependência e "perpetuidade" entre a Fundação e os respectivos beneficiários.

O sucesso do trabalho desenvolvido nos Sul dos Estados Unidos levou a Fundação Rockefeller a concentrar inicialmente seu trabalho na atuação em saúde pública, adotando

como princípio a concepção da "enfermidade como origem da miséria" (50). Com a nova organização filantrópica, a antiga Comissão Rockefeller para Erradicação da Ancilostomíase transformou-se em Comissão Sanitária Internacional, ou simplesmente Comissão Rockefeller, que existiu entre 1913 e 1916. Depois disso foi denominada Junta Sanitária Internacional (**International Health Board, IHB**). Em 1927, passou a Departamento Sanitário Internacional.

A Comissão Sanitária Internacional, assim como seus sucedâneos, continuou sendo dirigida por Wickliffe Rose até 1928. Ali, ele definiu as grandes linhas de atuação do órgão, com ênfase na "supressão" das fronteiras territoriais - em se tratando do combate às enfermidades -, através do apoio à criação de agências de saúde pública nos vários países sujeitos às endemias, onde a Fundação Rockefeller se faria presente. Tais agências deveriam, também, ser capazes de difundir os ideais, os princípios e as técnicas da chamada "medicina científica".

Atré-ladas aos benefícios e facilidades concedidas estavam as recomendações da instituição, em torno da necessidade de criação de uma infra-estrutura de ensino médico, voltada para a formação de pessoal na área de saúde pública, que pudesse tanto realizar o trabalho de campo quanto administrar a questão em suas inúmeras interfaces.

A formalização da Fundação reforçou, também, a presença de suas juntas no Extremo Oriente. Em 1909, John

Rockefeller havia financiado a instalação da Comissão Oriental de Educação, presidida por Ernest Dewitt Borton, da Universidade de Chicago, que produziu um extenso relatório sobre a educação na China.

Em 1914, esses resultados foram utilizados pela Junta de Educação Geral - já incorporada à nova estrutura da FR - para a criação de três organismos que teriam uma atuação destacada na região. Foram eles: a Comissão Hudson para a China, a Junta Médica Chinesa e o projeto de construção do Colégio da União Médica de Pequim que, ao longo dos anos, se tornou o "posto avançado da medicina ocidental no Extremo Oriente". (50)

Uma vez estruturadas em torno da Fundação Rockefeller, as ações filantrópicas da família puderam ser ampliadas para diferentes pontos do planeta. Nesse contexto, formou-se, em 1915, a comissão que veio para a América Latina estudar suas condições sanitárias e organizações de ensino médico. Os relatórios desta comissão estabeleceram as bases iniciais do contato entre a Fundação e o Brasil nas áreas de saúde pública e de ensino médico. (51)

## CAPÍTULO II

### São Paulo: a "elite do café" precisa de uma escola médica

#### II. 1 - Introdução

Este capítulo recupera a história da criação da Faculdade de Medicina de São Paulo (FMSP), tendo em vista a análise de sua subsequente associação com a Fundação Rockefeller (FR), processo que resultou no estabelecimento de um elevado padrão de ensino e pesquisa naquela Faculdade nos anos posteriores a esse relacionamento, e em decorrência dele, como se pretende demonstrar.

O nível de excelência acadêmica e científica alcançado pela FMSP fez dela uma escola-modelo, transformando sua estrutura de ensino em referência para a criação de outras faculdades no país. Entre as escolas médicas de São Paulo que seguiram o modelo da FMSP se encontram: a Escola Paulista de Medicina, a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, a Faculdade de Medicina da Universidade Estadual de Campinas, a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa, a Faculdade de Medicina de Botucatu, Faculdade de Medicina de Taubaté, a Faculdade de Medicina de Santos, entre outras.

Em alguns casos, como o da criação da Escola Paulista de Medicina, em 1933, o surgimento dessa nova instituição representou também uma crítica à inflexibilidade dos padrões adotados pela Faculdade, extremamente apegada aos preceitos da Fundação Rockefeller, sobretudo no tocante à limitação do número de vagas. No caso específico da Escola Paulista de Medicina, sua origem passou a ser identificada como uma dissidência promovida por ex-professores da própria FMSP.

(1)

Por outro lado, a bem-sucedida trajetória da FMSP enquanto centro de referência e parâmetro para o ensino e a pesquisa no país pode ser aferida pelo grande número de escolas que nela se inspirou para a criação de suas próprias estruturas acadêmicas.

Além do reconhecimento no país, a Faculdade colecionou, ao longo de sua história, indicadores de prestígio vindos do exterior. Em 1951, por exemplo, o Conselho de Educação Médica da Associação Médica Norte-americana decidiu incluir a FMSP na relação das melhores escolas médicas do mundo, uma listagem elaborada pela entidade com base em seus critérios de excelência. No ano seguinte, em 1952, o Congresso de Educação Médica, realizado no Peru, escolheu a Faculdade de Medicina de São Paulo como a melhor escola médica da América Latina. (2)

Ambos os fatos ajudam a constituir um quadro indicativo do sucesso da Fundação Rockefeller na implantação de seu modelo de pesquisa no país.

## II.2 - A criação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo

O primeiro instrumento legal criando uma escola de medicina em São Paulo foi estabelecido com o decreto nº 19, de 24 de novembro de 1891, sancionado pelo presidente do Estado, Américo Brasiliense, instituindo a Academia de Medicina, Cirurgia e Farmácia de São Paulo. Sua criação se insere no plano de organização geral do ensino superior do Estado, que, a partir de 1891, e em menos de dois anos, propôs oito projetos de criação de escolas de nível superior, e um de reforma da chamada instrução popular, que criou a Escola Normal Superior. (3)

A apresentação dessa gama de projetos pode ser interpretada à luz do processo sócio-político de descentralização republicana ocorrido no país no final do século XIX que teve São Paulo como um de seus marcos principais. A consolidação do estado como pólo mais dinâmico da economia, resultado da crescente expansão de sua lavoura cafeeira voltada para a exportação, foi um dos fatores decisivos nesse processo de descentralização, devido à não-correspondência entre seu peso econômico e sua representação política.

Tais projetos buscavam oferecer uma resposta à necessidade de formação de quadros para gerir uma organização social e econômica cada vez mais complexa, e que se traduzia, por sua vez, na crescente urbanização da cidade e do estado de São Paulo.

Contudo, a exemplo de outras tentativas fracassadas de se estabelecer escolas médicas, ocorridas em 1803/1804, 1823 e 1878, o decreto de 1891 não resultou na criação de fato da Academia de Medicina.

Dessa vez, a escola não foi criada, devido à deposição de Américo Brasiliense, ocorrida em razão da queda do marechal Deodoro da Fonseca, 25 de novembro de 1891, ironicamente um dia depois da publicação do decreto de criação da Academia de Medicina Cirurgia e Farmácia de São Paulo. (4) Américo Brasiliense deixou o governo do Estado em 25 de dezembro do mesmo ano, provocando, em consequência, uma quebra na continuidade de seus projetos administrativos.

A criação efetiva da escola só ocorreu 21 anos mais tarde, através da lei nº 1.357, de 19 de dezembro de 1912, assinada pelo recém-eleito presidente da província Francisco de Paula Rodrigues Alves e pelo secretário do Interior Altino Arantes (5). Em 1912, a escola foi criada como Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (FMCSP) e só passou a Faculdade de Medicina de São Paulo em 1925.

O intervalo de 21 anos, entre 1891 e 1912, que separou a assinatura entre o primeiro e o segundo decreto que efetivamente criou a Faculdade, foi marcado pelos debates entre médicos, representantes de vários órgãos públicos, o legislativo e a imprensa da província.

Em relação à imprensa, o jornal "O Estado de



São Paulo" teve um papel destacado. Ali escrevia regularmente e sob o pseudônimo de **Epicarnus** o médico e futuro diretor da Faculdade Arnaldo Vieira de Carvalho. Cunhado do proprietário do jornal - Julio de Mesquita - Arnaldo tornou-se, nas páginas do jornal, um conhecido defensor da criação da escola. Ao lado dele, alinhavam-se personalidades de prestígio, como o médico positivista Luis Pereira Barreto, que contribuíram para alimentar os debates em torno da necessidade de criação de uma escola médica em São Paulo. (6)

As discussões oscilavam entre a urgência de uma instituição de ensino médico e a escassez de verbas para sua + instalação. A alegada falta de recursos não impediu, contudo, que o governo paulista subsidiasse no período escolas particulares de nível superior, como a "Escola Livre de Farmácia", tendo surgido ainda outras iniciativas malsucedidas de instituições particulares de ensino médico. (7)

A necessidade social do médico extrapolava, em fins do século XIX, a sua atuação individual e curativa, para assumir um papel destacado em relação às condições sanitárias. Em regiões economicamente ativas como São Paulo, o descompasso entre sua vitalidade e "pujança", e a precária situação sanitária - com constantes epidemias de febre amarela, febre tifóide, escarlatina, sarampo, varíola, tuberculose, na capital e interior, inclusive o porto de Santos e centros produtores de café - explica, segundo Elza Nadai, o empenho das elites locais na reedição da legislação que instituiu a Faculdade de Medicina, no início da segunda década deste século. (8)

A precariedade das condições de saúde pública perdurou mesmo após a organização do Serviço Sanitário do Estado, em 1892 (lei nº 43, 18 de julho), órgão subordinado à Secretaria do Interior, e responsável pela coordenação da assistência e socorro, no dois níveis: preventivo e curativo. O mesmo decreto instituiu laboratórios de análises químicas, laboratório bacteriológico e o Instituto Vacinogênico, para a produção de vacinas. (9)

A falta de condições sanitárias adequadas constituía-se numa ameaça efetiva ao fluxo imigratório, necessário para substituir a mão-de-obra da escravidão recém-abolida. Entre 1890 e 1899, cerca de 120 mil imigrantes chegaram ao Brasil anualmente. Entre 1900 e 1904 esse índice baixou para 50 mil. Por outro lado, além de comprometer a imigração, a precariedade sanitária colocava internamente em risco as estruturas de produção do café - principal produto de exportação do país no período - através de um número crescente de óbitos.

Luiz Antônio de Castro Santos, lembra, contudo, que a "a hipótese que refere os interesses do café à imigração, e daí ao movimento de saúde pública, necessita ser melhor especificada. (...) Como explicar o movimento de saúde pública no Rio de Janeiro, onde o fator imigratório não era certamente tão essencial ao funcionamento da economia como o foi em São Paulo? " (10)

Assim, o governador da província Rodrigues Alves - em sua segunda administração estadual e de volta ao

governo paulista depois da gestão como presidente da República -, ao recriar a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, tendo em vista as precárias condições sanitárias do estado, estava, em certo sentido, dando continuidade às ações saneadoras empreendidas no Rio de Janeiro.

Ali, enquanto presidente, Rodrigues Alves havia nomeado Oswaldo Cruz diretor geral de Saúde Pública, motivado também por pressões sociais, econômicas e políticas. Como é sabido, a medida de Rodrigues Alves teve importantes desdobramentos para a ciência biomédica no Brasil. (11)

### **II.3 - A história da Faculdade reforça o papel das lideranças locais na criação das instituições: o caso de Arnaldo Vieira de Carvalho**

Em 1913, o decreto nº 2.344, de 31 de janeiro (12), estabeleceu o regulamento da escola, nomeando seu diretor o médico Arnaldo Vieira de Carvalho, diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia, desde 1894, e diretor do Instituto Vacinogênico desde sua criação em 1892. Naquela instituição, Arnaldo Vieira de Carvalho ajudara a reformular as práticas de saúde pública no estado, com a introdução da vacinação e revacinação obrigatórias e a instalação de postos de saúde com essa finalidade na capital e no interior. (13)

Arnaldo foi também um dos fundadores, em 1895, da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, misto de associação profissional e científica, cujo primeiro presidente foi o médico e ex-ponte positivista Luis Pereira Barreto com quem Arnaldo Vieira de Carvalho mantinha sólidas relações de amizade. Em 1896, os membros da Sociedade organizaram a Policlínica de São Paulo que oferecia atendimento médico gratuito. (14)

Na Policlínica, Vieira de Carvalho organizou o serviço de Ginecologia, e dirigiu a instituição entre 1897 e 1906. Em razão de sua intensa atividade, a Policlínica "assumiu ares de escola, quando passou a funcionar plenamente". (15)

Entre 1901 e 1906, o próprio Arnaldo presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, sendo designado vice-presidente-honorário a partir de 1910. Em 1911, participou da Exposição de Higiene de Dresden como delegado por São Paulo. Foi também sócio-fundador e membro permanente da Comissão do Instituto Pasteur de São Paulo, que se organizou em 1906.

Formado em 1888 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Arnaldo Vieira de Carvalho esteve à frente do movimento que se estabeleceu na Santa Casa, em favor da recriação da Faculdade de Medicina, e permaneceu como diretor clínico do hospital, mesmo depois de sua nomeação para a Faculdade de Medicina. (16)

As relações acadêmicas entre a Faculdade e a Santa Casa se mantiveram até 1945, com o funcionamento ali - e por mais de 30 anos - do ensino das disciplinas clínicas. A

transferência se deu somente com a inauguração em 1945 do Hospital das Clínicas, cuja construção resultou do cumprimento tardio de uma das cláusulas do último acordo assinado entre a FMOSP e a Fundação Rockefeller. (17)

Como "personalidade médica e científica de destaque", Arnaldo Vieira de Carvalho fundou e dirigiu os **Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia**, publicação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Em 1919, tornou-se o presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo, sendo nesse mesmo ano eleito membro do conselho consultivo da Cruz Vermelha brasileira (seção de São Paulo). (18)

O médico morreu a 5 de junho de 1920, aos 53 anos de idade, vítima de septicemia, em decorrência de uma gripe. Até essa data, Vieira de Carvalho foi a figura central em torno da qual se organizou a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Ainda hoje, os membros mais antigos da Faculdade cultuam e preservam a memória em torno do primeiro diretor da escola. Internamente a escola é chamada a "Casa de Arnaldo". (19)

#### II.4 - O ideal da "medicina científica"

##### **precede o contato com a Fundação Rockefeller**

Desde o começo, Arnaldo Vieira de Carvalho buscou conferir base científica e experimental ao ensino da Faculdade, com ênfase na pesquisa e no laboratório, em

contraposição ao modelo vigente no país que privilegiava as aulas teóricas, com ênfase na clínica. Essa preocupação decorria, em parte, de suas funções anteriores como diretor do Instituto Vacinogênico (mais tarde incorporado ao Instituto Butantan), assim como à sua ligação com os círculos científicos de São Paulo. (20)

O primeiro decreto criando a Faculdade, datado de 1891, já previa a contratação para a escola de pelo menos um terço de professores estrangeiros. O segundo, de 1912, em torno do qual o curso de fato se organizou, previa a sua realização em seis anos e manteve a deliberação inicial de contratação de professores estrangeiros. (21)

Antes mesmo dos primeiros acordos firmados com a Fundação Rockefeller a partir de 1918, a estrutura curricular da Faculdade buscava dosar aulas teóricas e práticas de laboratório, abrindo assim a possibilidade de os estudantes receberem uma formação de cunho mais científico e não meramente clínico. Essa preocupação com estudos de Anatomia, Histologia, Fisiologia e Microbiologia tinha como objetivo afastar do curso o "espírito enciclopedista", possibilitando o aprofundamento na biologia e ciências correlatas. (22)

Dessa forma, o primeiro ano foi dedicado a um curso preliminar, dividido em três cadeiras: Física Médica, Química Médica e História Natural Médica. O curso geral, com duração de cinco anos, foi estruturado em torno das cadeiras de Anatomia Descritiva, Fisiologia e Farmacologia Médica, no

primeiro ano: Anatomia Descritiva, Fisiologia, Histologia, Clínica Dermatológica e Sifiligrápica e Clínica Otorrinolaringológica, no segundo ano. (23)

O terceiro ano foi destinado às cadeiras de Microbiologia, Anatomia e Histologia Patológicas, Anatomia Médico-Cirúrgica, Operações e Aparelhos, Clínica Médica, Patologia Interna, Clínica Cirúrgica, Patologia Externa, e Clínica Oftalmológica. No quarto ano: Patologia Geral e Experimental e Clínica. Arte de Formular, Clínica Médica, Clínica Cirúrgica, Clínica Obstétrica, Clínica Pediátrica, Fuericultura. Quinto ano: Higiene, Medicina Legal, Clínica Médica, História da Medicina, Clínica Ginecológica, Clínica Psiquiátrica e de Moléstias Nervosas. (24)

Essa orientação definiu a composição do corpo docente, com a contratação de vários professores estrangeiros, entre os quais figuravam nomes que haviam alcançado ou alcançariam boa reputação em suas especialidades. (25)

Da Europa vieram: Alfonso Bovero, da Universidade de Turim, para a cadeira de Anatomia Experimental e Descritiva. Emile Brumpt, da Universidade de Paris, para a cadeira de Parasitologia; Lambert Mayer, de Nancy, para a Fisiologia.

Oriundos também da Itália, vieram Antonio Carini e Alexandre Donati, da Itália, para as cadeiras de Microbiologia e Patologia Geral, respectivamente, além do austriaco Walter Haberfeld, que já trabalhava no Brasil e havia

sido contratado pela Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, na época de sua criação em 1916.

A FMOSP foi a primeira escola pública de nível superior de São Paulo a permitir explicitamente em seu regulamento o ingresso de estudantes de ambos os sexos - o que possibilitou a formatura de duas mulheres na primeira turma -, além de destinar 10% de suas vagas para a matrícula de alunos pobres (26). Apesar dessa aparente flexibilidade, houve, desde o começo, grande rigor na admissão dos estudantes, na disciplina e na qualidade do ensino oferecido.

A Faculdade começou a funcionar em instalações cedidas pela Escola de Comércio Álvares Fenteado, em 1913. O processo de admissão se dava através de diferentes modalidades, como aceitação de portadores de diplomas de outros cursos superiores, transferência de outros cursos de medicina, egressos do Ginásio do Estado ou da Escola Normal. (27)

Assim, foram aceitos 180 alunos para o curso preliminar que começou naquele mesmo ano, 1913. Desse total, apenas 34 foram aprovados para o primeiro ano do curso regular, que iniciou em 1914. Dos 146 excluídos, 110 o foram por questões disciplinares. (28)

A primeira turma do curso preliminar, formada em 1913, tinha a seguinte composição, considerando-se suas diferentes procedências: 16 oriundos do Ginásio do Estado, nove diplomados em ciências e letras, 20 bacharéis em direito, 103



diplomados em ciências e letras por ginásios equiparados, 22 diplomados da Escola Normal, oito transferidos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e dois diplomados da Escola Politécnica. (29)

Entre os alunos procedentes da Escola Politécnica de São Paulo se encontrava Ernesto de Souza Campos que viria a ter uma atuação destacada na vida da Faculdade. Como aluno, organizou o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. Como professor, foi uma das figuras centrais no desenvolvimento dos últimos acordos com a Fundação Rockefeller, sendo um dos integrantes da comissão de estudos que percorreu diferentes países em busca de subsídios para a construção dos edifícios definitivos da Faculdade. (30)

A aula inaugural aconteceu no dia 2 de abril de 1913, a cargo do lente catedrático de Física Médica Edmundo Xavier, em salas cedidas pela Escola Politécnica de São Paulo, com a presença do secretário do Interior Altino Arantes e do secretário da Presidência do Estado Oscar Rodrigues Alves (Oscar era filho do presidente da província e ex-presidente da República Francisco de Paula Rodrigues Alves); além do diretor da Escola Politécnica Antônio Francisco de Paula Souza, e do próprio Arnaldo Vieira de Carvalho. (31)

As aulas do curso preliminar se dividiram entre a Escola de Comércio Álvares Penteado e a Escola Politécnica. Dos 180 matriculados, apenas 70 se mantiveram no curso até o final do ano. Do total de excluídos, 58 foram

reprovados por faltas e 52 por indisciplina. Dos 70 alunos que puderam prestar exames finais, 36 foram reprovados. Ainda em 1913, foi contratado o primeiro professor estrangeiro, Emile Brumpt, da Faculdade de Medicina de Paris, que assumiu o cargo em 21 de fevereiro. (32)

Em março de 1914, se instalou, então, o curso regular, com seus 34 alunos. Nesse ano, a escola se transferiu para a rua Brigadeiro Tobias, onde ficou até 1931, quando foram inaugurados os prédios construídos com os recursos liberados pela Fundação Rockefeller. Em 1914, foram contratados dois professores estrangeiros para a escola: Alfonso Bovero, da Universidade de Turim, para a cadeira de Anatomia Descritiva, e Lambert Mayer, da Faculdade de Nancy, para a cadeira de Fisiologia. Em agosto desse ano, Brumpt e Mayer voltaram para a Europa, em razão dos conflitos da I Guerra. (33)

### II.5 -A associação com a Fundação Rockefeller

A Fundação Rockefeller despachou sua primeira comissão para estudar as condições gerais de saúde pública e ensino médico na América Latina em 1915. (34)

Naquele mesmo ano, em seu relatório, o diretor do **International Health Board**, Wickliffe Rose, comunicou ao **staff** da Fundação a decisão de apoiar iniciativas no Brasil. Rose justificava sua posição a partir de pontos como: "... o sentimento de que entre a América do Norte e a do Sul existem

interesses comuns, reavivados pela guerra na Europa (...), "a crença no Brasil como país líder do continente sul-americano (...)", baseando-se na premissa de que "(...) a cooperação dos brasileiros (poderá) abrir as portas dos países vizinhos às atividades do **International Health Board**", "(...) além de conquistas importantes do país em medicina preventiva e o consentimento do governo brasileiro às atividades da missão Rockefeller". (35)

No ano seguinte, em 1916, duas novas comissões retornaram à região com o objetivo de estabelecer contatos para atuação no continente latino-americano nas áreas de saúde pública e ensino médico. (36)

O objetivo da primeira comissão era a implantação de um amplo programa de combate a doenças endêmicas. O trabalho da segunda era mais específico, e visava identificar centros de ensino médico que pudessem ser apoiados em uma perspectiva de complementar o trabalho da primeira comissão. Ou seja, centros de ensino dispostos a implantar, com o apoio da Fundação Rockefeller, disciplinas de Higiene e Saúde com vistas a formar e treinar pessoal para atuação em prevenção e campanhas de saúde pública. Nesse ano, a comissão visitou, com este objetivo, o Equador, Peru, Venezuela e Colômbia, além do Brasil. (37)

Segundo relato de Raymond Fosdick, presidente da Fundação Rockefeller entre 1936 e 1948, o levantamento de informações, acerca da medicina no Brasil, empreendido pelo professor de patologia e pesquisa médica da Universidade da

Pensilvânia, Richard Mills Pearce, obteve tal êxito junto a direção da Fundação, que ele foi designado conselheiro da Junta Internacional de Saúde. Mais tarde, em 1919, continua Fosdick, "a Fundação estabeleceu um departamento separado, o de Educação Médica, sob a direção de Pearce". (38)

O objetivo deste Departamento era, nas palavras do então presidente da Fundação George Vincent, ajudar "a escolas médicas situadas em pontos estratégicos de diversas partes do mundo a aumentar seus recursos e melhorar seus serviços ensino e pesquisa". (39)

A partir de então, Pearce foi responsável pelos contatos da Fundação com as escolas médicas de todo o mundo, construindo habilmente uma rede internacionalmente apoiada pela FR. Em São Paulo, Pearce teve uma atuação destacada na implantação do modelo de ensino da Fundação Rockefeller. Esteve várias vezes no país e elaborou os principais projetos de adequação da estrutura acadêmica da FMSP aos preceitos da instituição que representava. (40)

Quando a Fundação Rockefeller estabeleceu os primeiros acordos com a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1918, o Estado, além de próspero economicamente, já dispunha de uma base científica e intelectual.

Consolidado como pólo produtor e exportador de café, São Paulo vinha construindo o "mais amplo serviço regional de saneamento e higiene do Brasil e, talvez, da América

Latina". (41)

O Estado mantinha na capital duas escolas superiores de prestígio, a Faculdade de Direito, criada em 1827, e a Escola Politécnica, de 1894, e, no interior, a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 1901. Além das escolas, o Estado mantinha institutos como o Bacteriológico (1893), mais tarde transformado em Adolpho Lutz, na capital, e o Agrônômico (1887), em Campinas.

Essa base intelectual e científica, associada à orientação inicialmente imprimida à escola, favoreceu sua escolha como centro de ensino a ser apoiado. O relatório Rose, de 1915, justifica essa decisão com base na "tradição brasileira no campo de pesquisa bacteriológica, a tradição sanitária e as escolas formadas por Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, e Emilio Ribas e Adolpho Lutz, em São Paulo". (42)

SEGUNDA PARTE:

A Fundação Rockefeller e os marcos de  
sua associação com a Faculdade de  
Medicina e Cirurgia de São Paulo

## CAPÍTULO III

### Fase preparatória

(1916-1917)

#### III.1 - Primeiros acordos e negociações

Oficialmente, os primeiros contatos entre a então Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (FMCSP) e a Fundação Rockefeller (FR) foram estabelecidos a partir da correspondência enviada por Arnaldo Vieira de Carvalho em 24 de novembro de 1916, solicitando o apoio da FR para o estabelecimento de duas cadeiras: Higiene e Patologia. (1)

A resposta veio em 30 de dezembro do mesmo ano, assinada por Richard Mills Pearce, diretor do Departamento de Educação Médica, que comunicava sua vinda ao Brasil no início do ano seguinte quando, então, se encontraria com Arnaldo, a fim de acertar os termos do acordo entre as duas instituições. (2)

É interessante ressaltar que, oficialmente, o pedido de auxílio teve que partir da instituição beneficiada - no caso a FMCSP - apesar de a decisão do **International Health Board**, no sentido de apoiar a Faculdade, ter sido tomada em um momento bem anterior a essa solicitação. Afinal, a comissão chefiada por Richard Pearce e despachada para o Brasil em 1916 tivera exatamente como objetivo identificar centros de ensino médico que pudessem ser apoiados.

Dessa forma, o depoimento de Benedicto Montenegro, diretor da Faculdade entre 1941 e 1947, é bastante esclarecedor:

*Em princípio do ano de 1916 visitaram São Paulo dois emissários da Fundação Rockefeller: o prof. Richard Pearce, da Divisão de Ensino Médico, e o dr. John Ferrell, da Divisão de Saúde Pública. O professor Pearce havia sido assistente da cátedra de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Universidade de Pensilvania quando o professor Alexandrino Pedroso, em primeiro lugar, e eu, em seguida, havíamos cursado aquela Faculdade, por onde nos diplomamos em épocas diferentes: ele em 1904 e eu em 1909.*

*Depois de um jantar em minha residência, oferecido a estes dois ilustres representantes da Fundação Rockefeller e a que compareceu o professor Alexandrino Pedroso, confidenciou-me o professor Pearce que o objetivo de sua viagem era estudar o estado das faculdades de medicina da América Latina, pois a Fundação Rockefeller desejava favorecer substancialmente uma delas. Haviam visitado a maior parte das faculdades escolhidas, faltando apenas a de Buenos Aires e a de Montevidéu, mas ele (Pearce) estava desde logo inclinado a favorecer a Faculdade de São Paulo, por dois motivos principais:*

*1º - por ser uma faculdade nova, estando apenas no seu quarto ano de funcionamento; portanto livre de tradições e tabus que pudessem dificultar os entendimentos entre as partes interessadas;*

*2º - porque aqui se encontravam dois ex-discípulos seus, ambos trabalhando na Faculdade, e por isso podendo facilitar as negociações entre o governo do Estado e a Fundação. (3)*

O professor Alexandrino Pedroso tornou-se, inicialmente, intermediário nas negociações entre a FR e a FMCSP, servindo mais tarde como intérprete do primeiro especialista enviado pela Fundação para a cadeira de Higiene. (4)

Benedicto Montenegro, por sua vez, teve um papel destacado nas relações com a Fundação Rockefeller. Integrou a comissão de estudos formada na FMCSP, e custeada pela



Fundação, que viajou pela Europa e Estados Unidos com o objetivo de recolher subsídios para a construção das instalações definitivas da escola. (5)

O encontro de Richard Pearce e Arnaldo Vieira de Carvalho em São Paulo, em 1917, marcou o início das negociações que resultaram no primeiro acordo entre as duas instituições. O acerto inicial, que se concretizou a partir de 1918, previa a participação da Fundação Rockefeller na organização do Departamento de Higiene, tratado ora como departamento ora como Instituto de Higiene e Saúde. (6)

Os termos do acordo foram enviados a Vieira de Carvalho em 20 de abril de 1917 por Wickliffe Rose, diretor geral da Junta Internacional de Saúde, o **International Health Board** (IHB), ou Comissão Sanitária Internacional, como passou a ser identificada oficialmente no Brasil a partir da instalação de sua representação no Rio de Janeiro.

O IHB aceitou organizar e manter o Departamento de Higiene da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo por um período de cinco anos e se comprometeu a fornecer o equipamento inicial, com valor estimado de US\$ 10 mil, além de dispendê-lo anualmente - e pelos cinco anos de vigência do acordo - uma quantia entre US\$ 15 mil e US\$ 20 mil. (7)

Pelos termos acertados, o IHB concederia duas bolsas em higiene e saúde pública a brasileiros (a comunicação explícita que a concessão seria feita a dois homens) para estudos nos Estados Unidos, com a cobertura das despesas de

ida, volta e estadia, enquanto durasse o treinamento.

Finalmente, o IHB se comprometeu a enviar dois cientistas para dirigir o Departamento durante os cinco anos de vigência do acordo, supervisionando o trabalho de dois assistentes, no caso os próprios bolsistas da FR.

A contrapartida da Faculdade se deu pelo aluguel e reforma de instalações adequadas aos trabalhos acadêmicos e de laboratório, além de fornecer em torno de "não menos que US\$ 3 mil anuais para as despesas de operação do Departamento de Higiene". (8)

Nos termos do acordo, o IHB esperava que a FMCSF assumisse a manutenção do Departamento, vencido o período de cinco anos, o que de fato ocorreu. A carta de Rose, datada de abril de 1917, pedia urgência na confirmação dos termos acertados com a Faculdade, o que a escola fez, já no mês seguinte, maio de 1917.

Um aspecto que vale a pena ressaltar é a agilidade das decisões iniciais, quando Arnaldo Vieira de Carvalho era o diretor da Faculdade. Nos anos seguintes, nem sempre a comunicação entre as duas instituições transcorreu de forma eficiente. Como se verá mais adiante, nos anos subsequentes e em diversas ocasiões, a Fundação Rockefeller explicitou seu desagrado com a morosidade nas negociações e no cumprimento dos acordos pela Faculdade.

### III.2 - Eventos paralelos definem

#### a autonomia do Instituto de Higiene

A criação do Instituto de Higiene foi uma decorrência do primeiro acordo estabelecido entre a Faculdade de Medicina e a Fundação Rockefeller, interessada em prover os recursos necessários para a instalação da cadeira de Higiene, como dito anteriormente.

Cabe aqui, contudo, um parênteses no sentido de se explicitar alguns desdobramentos que se verificaram ao longo do período analisado. A não-explicação destes detalhes poderia, possivelmente, comprometer o entendimento do quadro subsequente, envolvendo as relações entre a Fundação Rockefeller, a Faculdade de Medicina e o Instituto de Higiene.

Assim, vencido o prazo do acordo inicial, firmado com a Fundação Rockefeller em 1918 e com vigência até 1922, o Instituto renovou-o por mais dois anos, até dezembro de 1924. A partir de 1926, o órgão desmembrou-se da Faculdade, ganhando autonomia com a lei 2018 (26.12.1924). Desde então, o Instituto passou a gerir-se, transformando-se, em 1945, em Faculdade de Saúde Pública (decreto-lei nº 14.857, 10.07.1945).

(9)

E importante salientar, contudo, que antes de se desvincular da Faculdade, o Instituto foi a primeira unidade de uma instituição de ensino superior do país, no caso a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, a dispor de regime

de tempo integral, criando a figura do pesquisador.

A categoria foi introduzida com a assinatura do segundo acordo entre o Instituto e a Fundação Rockefeller, datado de 13 de outubro de 1922, em seu artigo V, nos seguintes termos:

*A Comissão Sanitária Internacional concorda além disso em conceder, durante o período deste contrato, duas pensões anuais para médicos recém-formados, cada uma delas com uma subvenção mensal de quatrocentos e dezesseis mil réis (416\$000), a serem concedidas pelo Diretor do Instituto de Higiene com o fim especial de promover pesquisas e estudos especiais, dedicando-se os pensionistas exclusivamente a esses fins. (10)*

Com o desmembramento do Instituto de Higiene, fica mais nítida a atuação dos dois diferentes órgãos da Fundação Rockefeller envolvidos com a Faculdade de Medicina em São Paulo.

De um lado o IHB, ou a Comissão Sanitária Internacional, se relacionando diretamente com o Instituto de Higiene no provimento dos acordos assinados a partir de 1918. De outro, a Divisão de Educação Médica, orientando a reformulação da estrutura de ensino da Faculdade, introduzindo ali o regime de tempo integral para as disciplinas pré-clínicas. (11)

### III.3 - O cumprimento dos primeiros acordos

A FMCSP vinha funcionando em dois prédios alugados na mesma rua (Brigadeiro Tobias nos 1 e 42) e alugou ali

mais uma casa (nº 45), com o objetivo de instalar no local as dependências do Instituto de Higiene, comunicando o fato ao IHB. A resposta enfática de Rose - beirando a aspereza de tratamento - veio no sentido de que nada fosse alterado, que não fosse feita qualquer reforma pela Faculdade, até a indicação de um nome do IHB para o Departamento de Higiene. (12)

Ora, Arnaldo Vieira de Carvalho era um dos médicos mais ilustres de São Paulo, uma figura pública, de grande prestígio, que administrava a Faculdade com absoluta autonomia. Mesmo esse tratamento inicial, que poderia ser considerado áspero, dispensado aos brasileiros por membros da FR, não se constituiu em motivo suficiente para afastar Arnaldo Vieira de Carvalho de seus propósitos associativos com a Fundação Rockefeller.

Mais tarde, esse tipo de tratamento conferido por Rose a notáveis locais, mas identificado como sendo próprio da Fundação Rockefeller, seria taxado de "arrogante" pelo secretário do Interior, Decar Rodrigues Alves. Há, portanto, desde o início do relacionamento entre as duas instituições, pelo menos duas maneiras distintas de o meio acadêmico e o meio político reagirem ao tratamento dispensado pelos norte-americanos aos brasileiros. (13)

Nos anos posteriores, sobretudo quando o relacionamento entre a Faculdade e a Fundação Rockefeller passou a ser intermediado por Richard Mills Pearce, os contatos se tornaram amenos e cordiais, na maioria das vezes.

Em agosto de 1917, a FMCSF foi comunicada de que os contatos com Samuel Taylor Darling - indicado para a direção do Instituto de Higiene em São Paulo - já estavam adiantados. Darling era membro permanente do Conselho Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller e vinha desenvolvendo pesquisas sobre a febre amarela com financiamento do IHB. Havia trabalhado com Gorgas no saneamento do Panamá, contribuindo para a abertura do Canal, tendo atuado também na Malásia, e Indonésia, além da região oeste dos Estados Unidos.

Em novembro e dezembro do mesmo ano, Pearce (Divisão de Educação Médica) e Rose (IHB), respectivamente, comunicaram a Arnaldo Vieira de Carvalho a designação de Samuel Taylor Darling para o Departamento de Higiene da Faculdade. Pearce apresentou-o como "uma das nossas mais notáveis autoridades em higiene e saúde pública, que deverá permanecer alguns anos no Brasil". (14)

Mais contido, Rose limitou-se a referir-se a ele como pesquisador experiente no diagnóstico e tratamento da ancilostomíase, reiterando a confiança do IHB na capacidade de Darling em administrar o Departamento de Higiene em São Paulo. (15)

#### III.4 - A Faculdade expande o circuito de suas relações

Um dos primeiros resultados para a Faculdade dos contatos mantidos com Richard Pearce foi a sua inclusão no

mailing list de instituições científicas estrangeiras, possibilitando à FMCSF se inteirar da produção científica internacional, conforme demonstra a correspondência do **Wistar Institute of Anatomy and Biology**, de Philadelphia.

Atendendo à solicitação de Pearce, o Instituto passou a enviar regularmente para a FMCSF, a partir de 1917, publicações como **Journal of Morphology**, **The Journal of Comparative Neurology**, **The American Journal of Anatomy**, **The Anatomical Record**, **The Journal of Experimental Zoology**, **Bulletin of The Wistar Institute**, **Memoirs of The Wistar Institute**, bem como artigos de trabalhos realizados nos laboratórios do **Wistar**.  
(16)

Segundo o Instituto, as publicações fornecidas cobriam em grande parte a pesquisa norte-americana nas áreas de anatomia e zoologia. O **Wistar** solicitava ainda, em correspondência datada de 6 de dezembro de 1916, o intercâmbio de publicações com a FMCSF. (17)

A Faculdade se valeu desse contato para pedir ao Instituto as coleções completas das publicações enviadas, o que nem sempre foi atendido. (18)

Da mesma forma, a escola era objeto de solicitações no gênero, ou seja, que fornecesse publicações de sua produção. Em 1917, por exemplo, Pearce pediu o envio de material para a recém-criada Escola de Higiene e Saúde Pública da Johns Hopkins University, Baltimore, uma escola, como se viu,

concebida e implantada pela própria Fundação Rockefeller. (19)

Fearce explicava em sua carta que a biblioteca da escola estava criando uma subseção inteiramente voltada para questões de saúde pública, sanitarismo e medicina tropical na América do Sul, havendo, portanto, interesse em todo o tipo de publicação: relatórios de departamentos de saúde, hospitais, escolas médicas, artigos científicos, cujos custos de remessa seriam totalmente cobertos pela Escola de Higiene da Johns Hopkins University. (20)

A FMCSP buscou ampliar sua malha de contatos e, em 1917, o Serviço Consular dos Estados Unidos em São Paulo enviou correspondência à Faculdade, comunicando que, em atendimento ao pedido da direção da escola, havia solicitado publicações científicas a "vários centros e instituições nos Estados Unidos" (...) "e espero que em pouco tempo um grande número de publicações valiosas serão enviadas para a biblioteca da Faculdade (...)". (21)

Entre 1919 e 1920, a Faculdade estendeu seus contatos nos Estados Unidos, fazendo doações ao **U.S National Museum**, bem como participando de intercâmbios com o **Nutrition Laboratory**, de Boston, Massachusetts, através dos professores bolsistas na Johns Hopkins University, Geraldo Horácio de Paula Souza, que buscava se especializar em bacteriologia e Francisco Borges Vieira, em química biológica. (22)

Paralelamente aos contatos que se desenvolviam com a Fundação Rockefeller, o governo do Estado, na



figura do novo presidente Altino Arantes, ex-secretário do Interior, autorizou a construção de instalações próprias para a Faculdade (Lei nº 1504, de 17 de outubro de 1916), que vinha funcionando em prédios alugados e impróprios, segundo as alegações dos professores e do próprio diretor Arnaldo de Carvalho. (23)

Dos cinco edifícios projetados inicialmente, apenas um foi construído e é o mesmo onde hoje funciona em São Paulo o Instituto Médico Legal, próximo às instalações definitivas da Faculdade, inauguradas em 1931, cuja construção foi substancialmente custeada pela Fundação Rockefeller. (24)

## CAPÍTULO IV

### Ação direta (1918-1925)

#### IV.1 - Introdução

Entre 1918 e 1925, a Faculdade de Medicina de São Paulo (FMSP) viveu um período de acordos, acertos e negociações que poderia ser caracterizado como de "gestação" das amplas reformas institucionais que se consubstanciaram nos anos de 1924, 1925 e 1926, mudando inteiramente sua estrutura de ensino e pesquisa. O presente capítulo busca explicar o papel central desempenhado pela Fundação Rockefeller no processo de alteração do perfil institucional da Faculdade de Medicina de São Paulo durante esse período.

Os especialistas enviados pela FR permaneceram na Faculdade até 1925, ou seja, até a aprovação da legislação que alterou os regulamentos da instituição. Daí a escolha dessa periodização - 1918 a 1925 -, que compreende desde a chegada do primeiro pesquisador para o Instituto de Higiene até o retorno do último especialista. Ou seja, o cerne do modelo da Fundação Rockefeller foi aprovado em 1925 e o processo que resultou em sua aprovação contou com a presença de professores estrangeiros enviados a São Paulo mediante acordos com a Faculdade de Medicina.

Contudo, neste capítulo, serão feitas várias referências aos anos subsequentes, período no qual entra em

execução a legislação aprovada em 1925. Por exemplo, a partir de 1º de janeiro de 1926 passa a vigor o novo regulamento, alterando a estrutura acadêmica da Faculdade e estendendo para as disciplinas pré-clínicas o tempo integral previsto desde 1922 para o Instituto de Higiene. Essa mesma reestruturação reduziu para 50 o número de vagas na escola. (1)

Por outro lado, a introdução do regime de tempo integral em oito disciplinas desdobrou-se entre 1925 e 1927. O novo regime garantiu que as disciplinas pré-clínicas se estruturassem em departamentos com ênfase no trabalho de laboratório, institucionalizando, dessa forma, e pela primeira vez numa escola superior do país, a figura do pesquisador em dedicação exclusiva à pesquisa e docência. (2)

Estes dois aspectos, ou seja, o tempo integral para pesquisa e docência - e a correspondente estruturação de departamentos com ênfase no trabalho de laboratório - e a redução do número de alunos, somados à criação do hospital-escola (hospital de clínicas), constituíam o cerne do modelo introduzido pela Fundação Rockefeller (FR). (3)

#### IV.2 - O processo de adequação institucional

O período de 1918 a 1925, acima caracterizado como de "gestação" das reformas institucionais, esteve marcado pela presença ativa na Faculdade de Medicina de São Paulo dos

professores designados pela Fundação Rockefeller para cumprirem os acordos assinados entre as duas instituições.

Durante estes sete anos quatro especialistas foram enviados para São Paulo e atuaram diretamente na organização da vida acadêmica e científica da Faculdade, implantando disciplinas, departamentos e institutos. (4)

Acompanhando-se a trajetória de cada um, pode-se afirmar que eles, em graus diferenciados, monitoraram o processo de adequação institucional da estrutura existente na escola até então ao modelo da Fundação Rockefeller. Assim, eles podem ser identificados como os responsáveis diretos pelo acompanhamento das reformas que foram se sobrepondo à estrutura acadêmica anterior, participando e intermediando os ajustes e negociações empreendidos pelas duas instituições.

Foram eles: **Samuel Taylor Darling** (1918-1920), **Wilson G. Smillie** (1920 a 1922), no Instituto de Higiene, e **Oskar Klotz** (1921 a 1923), para cadeira de Anatomia e Histologia Patológica e **Robert Archibald Lambert** (1923 a 1925), em substituição a Klotz. (5)

Estes professores, sobretudo os dois últimos, estiveram diretamente envolvidos na implementação das decisões da Fundação Rockefeller na reorganização da estrutura acadêmica e de pesquisa da Faculdade de Medicina, já que tanto Darling quanto Smillie foram designados especificamente para o Instituto de Higiene. Eles agiram como intermediários entre as duas instituições, embora estivessem, pelos acordos assinados a

partir de 1920, formalmente subordinados à direção da escola.  
(6)

Até a morte em 1920 de Arnaldo Vieira de Carvalho, diretor da Faculdade, a escola dispunha de razoável autonomia no relacionamento com a Fundação, devido, em boa parte, ao grande prestígio de seu diretor. A tentativa de controle formal do relacionamento entre as duas instituições, por parte da Secretaria do Interior, órgão ao qual estava subordinada a Faculdade, se manifestou nas cláusulas dos acordos assinados nos meses subsequentes à morte de Arnaldo Vieira de Carvalho em 1920. (7)

Na prática, as cláusulas constantes destes acordos se revelaram inócuas, meras exigências formais e sem substância, não sendo, portanto, suficientes para neutralizar a atuação decisiva daqueles personagens na alteração dos regulamentos da escola. Contudo, entraves burocráticos, partidos quase sempre da Secretaria do Interior, ajudaram a retardar o ritmo de execução de tais acordos ao longo dos anos seguintes.

O período entre 1918 e 1925, decisivo para a implantação do modelo introduzido pela FR, foi também um dos momentos mais delicados da história da FMSP, em razão da crise institucional aberta com a morte de seu primeiro diretor Arnaldo Vieira de Carvalho.

Há indicadores de que a FR teria pensado em desistir da decisão de apoiar a FMSP, tendo em vista a morosidade do processo. As resistências manifestadas à atuação da

FR eram provenientes, quase sempre, de instâncias extra-Faculdade de Medicina. Os focos de resistência se encontravam sobretudo no meio político - Legislativo e Executivo -, como se verá mais adiante.

Os sete anos que serão reconstituídos e analisados neste capítulo criaram de fato a base institucional para a introdução do modelo da Fundação Rockefeller. Nesse sentido, e tendo em vista o detalhamento da análise, o período foi desmembrado em subperíodos onde se buscou identificar um conjunto de características comuns que justificassem a subdivisão.

Dessa forma, não se estruturou uma divisão rígida, já que se trata de um processo cuja continuidade extrapola a mera divisão em anos ou meses. Assim, fatos e questões presentes em determinados momentos são muitas vezes retomados em períodos subseqüentes, sem que tal, imagina-se, tenha comprometido o entendimento da análise que se desejou empreender.

#### IV.2.1 - Os primeiros anos

##### O acordo do Instituto de Higiene

O primeiro acordo foi assinado em fevereiro de 1918 e começou a ser cumprido nesse mesmo ano com a vinda de Samuel Taylor Darling para São Paulo. Darling assumiu com o objetivo prioritário de criar o Departamento de Higiene da

Faculdade de Medicina, posteriormente denominado Instituto de Higiene. Mais tarde, em 1922, o Instituto ganhou autonomia, passando a se reportar diretamente à Secretaria do Interior, órgão ao qual a Faculdade estava subordinada. (8)

Em setembro de 1918, o IHB enviou correspondência a Vieira de Carvalho, onde acusava o recebimento de um relatório de Darling sobre as atividades do Departamento de Higiene. Nela, o diretor do IHB chegou a manifestar sua satisfação tendo em vista a maneira pela qual o acordo vinha se desenrolando, com o estrito cumprimento dos termos pelas partes envolvidas. (9)

A partir daí, e à medida em que se estreitaram as relações entre as duas instituições, o tom da correspondência de Rose foi se amenizando em relação às comunicações anteriores, quase sempre secas e ríspidas. (10)

O médico Alexandrino de Moraes Pedroso, do Instituto Bacteriológico, formado nos Estados Unidos em 1904, pela Universidade da Pensilvannia, que havia inicialmente intermediado os primeiros contatos entre Arnaldo Vieira de Carvalho e Richard Pearce, passou a servir de intérprete a Taylor em suas aulas e exposições. Mais tarde, Pedroso foi indicado membro permanente do comitê que a Fundação manteve durante alguns anos em São Paulo. (11)

No mesmo ano, 1918, os professores Geraldo Horácio de Paula Souza e Francisco Borges Vieira seguiram como bolsistas da Fundação Rockefeller para Escola de Saúde Pública

da Johns Hopkins University, para uma permanência ali de dois anos, e se tornaram, segundo depoimento de Ernesto de Souza Campos, os primeiros diplomados daquela escola. (12)

Em abril de 1919, Pearce voltou a São Paulo, onde se reuniu com Vieira de Carvalho, Darling e o representante da Comissão Sanitária Internacional no Brasil, L.W. Hackett. Nessa reunião, Arnaldo Vieira de Carvalho comunicou a aprovação de um aumento de US\$ 2.500 no orçamento do Departamento, além de se comprometer no sentido de obter do governo de Estado que, uma vez vencido o acordo, a Secretaria do Interior injetasse o mesmo nível de recursos garantidos pela Fundação. (13)

Ficou acertado também que um novo bolsista seria enviado aos EUA, às custas do IHB, tendo, inclusive, se discutido a criação de um departamento de Fisiologia e Farmacologia Experimental, nos moldes do acordo que havia sido estabelecido para o Departamento de Higiene.

Arnaldo Vieira de Carvalho se comprometeu no sentido de consultar o governo a respeito. No entanto, a decisão se deu pelo envio aos EUA de um ou dois bolsistas, pelo período de dois anos, que se encarregariam de criar em São Paulo um Departamento de Patologia, quando voltassem ao Brasil. (14)

#### Novos acordos

Estes entendimentos, ocorridos em 1919,



evoluíram para a assinatura de um novo acordo, o segundo realizado entre as duas instituições. Datado de 25 de setembro de 1920, visava, desta vez, o provimento da cadeira de Anatomia e Histologia Patológicas, e foi assinado depois da morte de Arnaldo Vieira de Carvalho, falecido em 5 de junho daquele ano. (15)

Ao contrário do anterior, desta vez várias exigências foram feitas pelo governo do Estado. As cláusulas aí incluídas surgiram, possivelmente, no âmbito da Secretaria do Interior, órgão do governo ao qual estava subordinada a Faculdade de Medicina.

O primeiro acordo, assinado por Vieira de Carvalho em 9 de fevereiro de 1918 com vistas à criação do Departamento de Higiene, era extremamente simples e não entrava em considerações sobre as obrigações da Fundação Rockefeller para com a Faculdade de Medicina. (16)

Pelos termos acertados, estabelecia-se apenas o valor das contribuições que seriam efetuadas pela Fundação, que se comprometia em equipar os laboratórios e fornecer os fundos para manutenção do Departamento. Cabia também à Fundação conceder duas bolsas de estudos nos Estados Unidos para estudantes brasileiros, na disciplina de Higiene e Saúde, bem como providenciar o envio de um especialista norte-americano para assumir o Departamento de Higiene.

A contrapartida da Faculdade estava representada pelo fornecimento de um prédio considerado adequado

às necessidades do Departamento e o provimento de um pequeno orçamento anual para as despesas do órgão. (17)

O novo acordo, pelo contrário, foi lavrado em termos bastante formais. Em relação à vinda do especialista, por exemplo, o contrato exigia que a escolha do profissional deveria se dar "**ad-referendum**" do diretor da Faculdade, "devendo a respectiva indicação ser acompanhada de esclarecimentos e dados relativos à sua vida científica, como sejam, cargos que haja ocupado, títulos que possuir e relação de trabalhos e publicações de sua lavra". (18)

Mais adiante, uma das cláusulas reserva à diretoria da Faculdade o direito de "promover junto à Fundação Rockefeller a substituição do profissional sobre o qual houver recaído a escolha para o ensino daquela cadeira, uma vez que ele não satisfaça as exigências do ensino ou que, de qualquer modo, deixe de cumprir as obrigações especificadas na cláusula VI deste contrato".

Na referida cláusula, o professor enviado pela Fundação "ficará obrigado a observar o Regulamento e Regimento internos da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, bem como as determinações de sua diretoria, no que disser respeito à organização e orientação da aludida disciplina".

E interessante destacar que o referido especialista seria enviado exatamente para implantar a disciplina. Ainda, assim, pelo contrato, o Governo de Estado

conferia à Faculdade a prerrogativa de "organizar e orientar o ensino da aludida disciplina". Pelos termos do contrato, em caso de substituição do professor, tendo em vista a insatisfação da Faculdade com seu desempenho, o governo se eximia também de qualquer tipo de indenização ao substituído. (19)

#### IV.2.2 - Instabilidade e crise

A morte de Arnaldo Vieira de Carvalho não repercutiu apenas em eventuais formalidades no relacionamento entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina de São Paulo. Além de ter consequência direta no encaminhamento dessa relação, ela causou um profundo impacto no dia-a-dia da escola ao gerar um clima de instabilidade institucional com sucessivas trocas em sua diretoria.

Esse clima de instabilidade pode ser explicado, em parte, pelo perfil de Arnaldo Vieira de Carvalho e o papel que desempenhou na criação da Faculdade. Nesse sentido, as informações a seguir constituem um parêntese que tem como objetivo fornecer elementos para a análise que se pretende estabelecer.

Sua morte gerou, como foi dito anteriormente, uma grave crise institucional, resultado tanto de sua atitude centralizadora na direção das atividades da escola, quanto do inegável prestígio de que dispunha e que lhe conferia uma autoridade difícil de ser questionada, dentro e fora da escola.

### A sucessão

Depois da morte de Arnaldo, seu vice, Ovidio de Pires Campos assumiu a direção da escola, permanecendo poucos meses. Novos diretores se sucederam, também por breves períodos. A descrição de Ernesto de Souza Campos - na época professor e posteriormente diretor da Faculdade por dois meses -, é reveladora do clima que se instalou: "a escola estava inteiramente dividida, como dois partidos políticos". Uma estabilidade relativa só foi alcançada entre 1924 e 1930 quando Carlos de Campos, presidente do Estado, nomeou seu amigo pessoal Pedro Dias da Silva para a direção da escola. (20)

Pedro Dias da Silva não pertencia ao quadro docente da Faculdade e foi descrito por Benedicto Montenegro como "médico modesto, sem repercussão profissional". Montenegro reconhece, no entanto, que se havia o "inconveniente" de Pedro Dias não pertencer aos quadros da Faculdade, "por outro lado havia a confiança mútua entre o diretor e o presidente (do Estado) que o prestigiava; daí a facilidade e a presteza com que eram atendidas as sugestões do diretor, representativas das reais necessidades da instituição". (21)

A "desobstrução" das relações entre a direção da Faculdade e o Executivo da província facilitou os entendimentos entre a Fundação Rockefeller e a FMSP. Tanto que as decisões mais importantes foram tomadas e implementadas exatamente nos seis anos em que Pedro Dias da Silva esteve na

direção da Faculdade, ou seja, entre 1924 e 1930.

Da morte de Arnaldo Vieira de Carvalho, em 1920, até 1924, quando Pedro Dias da Silva assumiu, seis professores se sucederam na condução da FMSP, num período de quatro anos bastante tumultuados, o que comprometeu as negociações entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina, como se verá mais adiante pelo depoimento de Benedicto Montenegro.

Entre 1920 e 1924, a direção da FMOSP se alternou entre as seguintes pessoas:

**Ovidio Pires de Campos**, vice de Arnaldo que dirigiu a escola por sete meses, entre 16 de julho de 1920 e 14 de janeiro de 1921.

**Edmundo Xavier** foi o terceiro diretor da Faculdade e ficou no cargo pelo período de um ano, de 21 de fevereiro de 1921 a 21 de fevereiro de 1922. Edmundo havia sido professor no Ginásio do Estado e na Escola de Farmácia e era conhecido por seu "longo passado de lutas contra a classe estudantil". (22)

**Celestino Bourroul** permaneceu na direção da escola por cerca de nove meses, de 2 de março de 1922, a 11 de dezembro do mesmo ano.

**Adolpho Carlos Lindenberg** manteve a posição por aproximadamente um ano e quatro meses, de 15 de dezembro de 1922

a 30 de abril de 1924.

**Pedro Dias da Silva** assumiu em 14 de maio de 1924, ali ficando até 27 de outubro de 1930, cobrindo desta forma o período mais significativo da associação entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina. (23)

#### Animosidades

A maneira pela qual esse estado de instabilidade institucional entre 1920 e 1924 afetou o relacionamento entre as duas instituições pode ser aferido pelo depoimento de Benedicto Montenegro.

Referindo-se ao fato de que a nomeação de Pedro Dias da Silva ajudou a restabelecer a normalidade das relações entre a FR e a FMSP, embora tenha desagradado o corpo docente, Montenegro afirma em seu depoimento:

*E foi assim que, depois de oito anos de espera ansiosa, quando a paciência dos diretores da Rockefeller estava prestes a se esgotar e com disposição para favorecer outra faculdade, conseguimos aquilo que tanto almejávamos e pelo que vínhamos batalhando com tenacidade e sem esmorecimento.*

*Aceita a sua proposta, a Fundação dispôs-se a custear todas as despesas de uma comissão composta de três professores que percorressem os Estados Unidos, o Canadá e alguns países da Europa, para estudarem a organização das faculdades de medicina e dos hospitais, e a construção dos respectivos edifícios dos países visitados, a fim de aplicar os resultados desses estudos na construção do edifício para alojar as cátedras de laboratório e do edifício do Hospital das Clínicas. (24)*

A ausência de Vieira de Carvalho e a crise aberta com os conflitos em sua sucessão reforçaram a mudança no

"tom" do relacionamento entre as duas instituições, como visto anteriormente em relação ao segundo acordo, assinado em 1920. Até então, a Fundação Rockefeller vinha sendo tratada com extrema deferência por parte dos responsáveis pela Faculdade de Medicina, especialmente o diretor Arnaldo Vieira de Carvalho, tendo em vista ser uma das poucas fontes de financiamento disponíveis então.

Prestigiado, Arnaldo Vieira de Carvalho se empenhara pessoalmente nas negociações. Ainda assim, alguns membros do governo haviam demonstrado uma certa resistência aos acordos com a Fundação Rockefeller, desde os seus primeiros contatos, conforme registra o depoimento do ex-diretor da Faculdade Benedito Montenegro.

*Levada a proposta [a primeira proposta de alteração dos regulamentos da Faculdade] (...) recusou-se este, o Conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves, a tomá-la em consideração sob o pretexto de que os cofres públicos não poderiam arcar com despesa que, por certo seria bastante elevada. Ademais, argumentava, nem se sabia se a Fundação era, na verdade, uma instituição filantrópica ou de infiltração americanista, ou possivelmente de infiltração religiosa protestante .... (25)*

Anos mais tarde, precisamente em 22.12.1924, Oscar Rodrigues Alves, filho do ex-presidente da República e da província e ele próprio ex-secretário do Interior de São Paulo no período de assinatura dos primeiros acordos entre a FMSP e FR, denunciaria, em discurso no Senado, que:

*(...) A missão Rockefeller empregou no tratamento do amarelão, nos postos de saúde de Guarulhos e São Bernardo, um medicamento de toxidez e dosagem mal-conhecidas - óleo de chenopódio - e, ao que tudo indica, parece ter causado ou pelo menos precipitado a morte de 14 pessoas. No mesmo discurso, Oscar Rodrigues Alves queixava-se do tratamento frio*

que os médicos integrantes da missão Rockefeller davam ao Brasil. (26)

#### IV.2.3 - As negociações prosseguem

##### O desdobramento dos acordos

O segundo acordo, assinado em 1920 e com duração de cinco anos, previa a indicação pela FR de um especialista norte-americano que ocuparia a cadeira de Anatomia e Histologia Patológicas. A indicação **ad referendum** do diretor da Faculdade deveria ser minuciosamente justificada pela Fundação Rockefeller, que se comprometia a fornecer dados da vida científica e acadêmica do indicado, cargos ocupados, títulos e publicações.

A indicação recaiu sobre Oskar Klotz, que chegou a São Paulo em 1921, para assumir a disciplina de patologia na cátedra de Anatomia e Histologia Patológicas. Antes, contudo, ou seja, ainda em 1920, Samuel Taylor Darling, que vinha administrando o Instituto de Higiene, voltou para os Estados Unidos, onde foi operado, em dezembro do mesmo ano, no Johns Hopkins Hospital, de um tumor no cérebro. Darling não voltou mais ao Brasil e faleceu nos Estados Unidos em 1925.

Em dezembro de 1920, Rose comunicou ao então diretor da Faculdade, Ovidio Feres Campos, a substituição de Darling Wilson Smillie como novo diretor do Instituto de Higiene da Faculdade e a indicação de Oskar Klotz para a cadeira



de Anatomia e Histologia Patológicas. (27)

A indicação de Klotz, professor da Universidade de Pittsburg, e "um dos mais eminentes patologistas do Estados Unidos, professor erudito e competente", foi decidida por membros graduados do **staff** da Fundação Rockefeller: William Welch, Simon Flexner e McCallum, que decidiram também mudar o sistema de envio dos professores. (28)

A partir de então, os especialistas não seriam mais enviados a São Paulo pelo período de cinco anos, como acertado inicialmente com a indicação de Darling. O prazo foi reduzido para permanência por dois anos. Decidiu-se, então, que "seria melhor enviar alguém de 'primeira categoria' do que vários homens de segunda linha" ( **first rate man than one second rate men** ). (29)

Esta decisão possivelmente tenha se originado na descontinuidade do trabalho no Instituto de Higiene, provocada pelo retorno de Darling aos Estados Unidos, para seu tratamento de saúde, sem que ele pudesse ter concluído período de cinco anos, acertado inicialmente entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina. Contudo, essa deliberação deixava em aberto a possibilidade de a decisão ser revista, caso as partes envolvidas assim o decidissem. (30)

#### IV.2.4 - As relações se intensificam

Segundo os dados disponíveis, a escolha de

Klotz teria resultado de uma avaliação criteriosa dos membros da Fundação Rockefeller, tendo em vista, possivelmente, o papel que a FR lhe reservava na intermediação dos acordos entre as duas instituições. Dessa forma, em janeiro de 1921, Rose escreveu para o Ovídio de Pires Campos, diretor da Faculdade, falando de seu interesse pessoal em escolher o "homem certo" para a FMSP, escolha que definiu Oskar Klotz para o cargo. (31)

De origem canadense, Rose considerava Klotz a pessoa adequada em razão de sua dupla formação em escolas canadenses e norte-americanas e pelo trabalho desenvolvido por muito tempo em instituições nos Estados Unidos. Klotz foi apresentado por Rose como portador de "entusiasmo nato pela inteligência, aguçado refinamento, vasta cultura e personalidade encantadora", "um bom professor e um cientista produtivo", enfim, "um homem de elevadíssima posição no país [EUA]". (32)

Dessa forma, Rose manifestava explicitamente sua inteira confiança na habilidade e capacidade de Klotz de desenvolver seu trabalho em São Paulo. Ao mesmo tempo, declinava do convite da Faculdade feito a McCallum para visitar a FMSP, já que o médico estava envolvido com projetos de construção na **Johns Hopkins University**, remetendo a visita - que não chegou a acontecer - para um momento posterior. (33)

Klotz chegou em fevereiro de 1921 e ficou até fevereiro de 1923, sendo substituído em março de 1923 por Robert Archibald Lambert, da Universidade de Yale (New Haven), que foi o último representante direto da Fundação Rockefeller nos

quadros da Faculdade, tendo ambos desempenhado um papel importante nos contatos entre as duas instituições.

Embora os termos do acordo assinado em 1920 enquadrasse Klotz formalmente nos regulamentos da Faculdade, subordinando-o ao diretor, o professor de Pittsburgh tornou-se, de fato, um intermediário entre as duas instituições, representando os interesses da Fundação Rockefeller perante a FMSP e a Secretaria do Interior. (34)

Klotz passou, inclusive a assinar a documentação gerada subsequentemente no relacionamento com a Faculdade. Embora o representante legal do International Health Board - ou Comissão Sanitária Internacional, como era denominado o órgão nos documentos em português - fosse L.W. Hackett, Klotz assumiu formalmente essa condição perante a FMSP. (35)

Nessas circunstâncias, coube ao representante oficial da Fundação Rockefeller no Brasil, L.W. Hackett, um papel tangencial nas negociações entre as duas instituições, possivelmente até pelo fato de se encontrar instalado no escritório da FR no Rio de Janeiro.

A partir de 1922, estreitaram-se os laços entre a Faculdade e a Fundação Rockefeller e Klotz foi explicitamente designado por Pearce como seu intermediário. (36)

#### IV.2.5 - A introdução do modelo

Presença "solicitada"

A trajetória da Fundação Rockefeller, bem como os documentos disponíveis, indicam que a intenção de implantar o seu modelo de ensino em uma escola da América Latina - e cuja escolha recaiu na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo - era um projeto presente desde a visita das duas primeiras comissões, em 1915 e 1916. Um projeto que pode ser entendido à luz da estratégia de expansão das atividades da Fundação, cuja concepção tem sido creditada a Wickliffe Rose. (37)

Oficialmente, contudo - ou seja, do ponto de vista do registro formal do processo pela FMSP -, a introdução do modelo de excelência patrocinado pela Fundação Rockefeller teve início em 1921, com a correspondência assinada pelo diretor da Faculdade Edmundo Xavier e enviada ao diretor do **International Health Board**, Wickliffe Rose. Nela, Xavier **solicita** o envio de especialistas da Fundação a São Paulo, no sentido de aconselhar a escola sobre a adoção dos meios mais procedentes para a melhoria do ensino. (38)

É importante ressaltar que naquela altura, ou seja, em 1921, dois acordos já vinham sendo cumpridos, com a manutenção do Instituto de Higiene pela Fundação Rockefeller e o envio de especialistas para a cadeira de Higiene (Samuel Taylor Darling e Wilson George Smillie), e, também, para a cátedra de Anatomia Patológica (Oskar Klotz).

A partir de 1921, a correspondência da

direção da Faculdade, endereçada à Fundação Rockefeller, passa a conter elementos próprios do modelo que viria a ser implantado. Crescentemente, a documentação oficial da Faculdade irá assumindo o discurso e as recomendações da FR.

A incorporação do modelo pela direção da Faculdade é perceptível, por exemplo, já na solicitação que Edmundo Xavier encaminhou ao presidente da Fundação, George Vincent. Nele, o diretor da Faculdade tece considerações acerca da necessidade de agrupamento das atividades de ensino e pesquisa num espaço contínuo - com a conseqüente construção de laboratórios. Outro aspecto abordado é a questão do ensino clínico, que naquela data ainda era ministrado no hospital da Santa Casa de Misericórdia, em um ponto da cidade distante das atividades de ensino. (39)

#### O desencadeamento do processo

Dois meses após a solicitação de Edmundo Xavier, ou seja, em julho de 1921, o presidente da Fundação, George E. Vincent, respondeu ao pedido, manifestando "profundo interesse" nos planos da Faculdade e comunicando que encarregaria o diretor da Divisão de Educação Médica, Richard Pearce, na época em viagem à China, de atender a Faculdade. (40)

A partir daí, Pearce tornou-se a figura central do processo de introdução do modelo de excelência da Fundação Rockefeller na Faculdade de Medicina de São Paulo. O

diretor da Divisão de Educação Médica inicialmente intermediou o processo entre as duas instituições e foi o responsável pela elaboração dos documentos que articularam as mudanças nas estruturas de ensino e pesquisa da Faculdade.

Nesse sentido, 1922 é um ano-chave para o entendimento do processo que propiciou as mudanças institucionais na concepção do ensino e da pesquisa da Faculdade de Medicina e que se consubstanciaram em 1924, 1925 e 1926.

Richard Pearce foi enviado a São Paulo em 1922. Quando chegou, no início daquele ano, Edmundo Xavier já havia sido substituído por Celestino Bourroul na direção da Faculdade.

Durante sua permanência no Brasil, Pearce produziu um conjunto de três documentos datados de março de 1922, o primeiro dos quais denominado **Recomendações à Faculdade de Medicina de São Paulo no tocante aos meios de melhorar a Educação Médica**, e os outros dois complementares e sem denominação específica. (41)

Estes documentos dão as diretrizes gerais do modelo da Fundação Rockefeller. Eles se tornaram o núcleo em torno do qual a Faculdade elaborou seu projeto de reorganização da estrutura de ensino e pesquisa, que foi votado e transformado em legislação em 1924 e 1925 e entrou em execução em 1926. (42)

Dessa forma, as propostas de alteração ou reorganização do ensino e da pesquisa na Faculdade de Medicina -

formuladas por Pearce e que se encontram no cerne desse conjunto de documentos -vão reaparecer mais tarde. Elas podem ser identificadas nas leis nº 2016, de 26 de dezembro de 1924, nº 2124, de 30 de dezembro de 1925, e no decreto (nº 3874, de 11 de julho de 1925), que alteraram a legislação anterior da Faculdade. (43)

O cerne das alterações propostas - tempo integral, limitação do número de vagas e ênfase na pesquisa de laboratório e construção de hospital próprio, junto ao bloco de laboratórios ou a ele integrado para servir ao ensino clínico - se encontra nas leis nº 2016 relativa ao tempo integral e limitação do número de vagas e nº 2124 que autoriza a abertura de crédito para a construção do Hospital das Clínicas.

No regulamento, constante do decreto 3874, as recomendações estão mais diluídas, mas, ainda assim, seguem explicitamente a estruturação do ensino em cadeiras pré-clínicas e clínicas, com ênfase no tempo integral no primeiro nível do ensino, referindo-se à limitação do número de alunos. (44)

Dada a importância do conjunto de documentos produzidos por Pearce para a análise que é objeto desta dissertação, eles foram reproduzidos a seguir. Seu conteúdo, inédito, adquire maior significação quando confrontado com os termos da legislação citada.

#### Os documentos

O primeiro relatório, datado do dia 2 de

março de 1922, propõe, em suas linhas gerais que:

(...)

1 - A Faculdade de Medicina deveria reunir todos os seus departamentos em um único lugar. O ponto mais conveniente para isto seria o terreno adjacente ao Hospital do Isolamento o Araçá, e onde já se acha o Instituto de Medicina Legal. Ali deveriam ser edificados todos os laboratórios, um hospital para ensino clínico, bem como os escritórios e dependências necessárias para o serviço da Faculdade.

Caso fosse possível lá instalar também todos os laboratórios do Serviço Sanitário em um só edifício, São Paulo tornar-se-ia um centro médico e sanitário compatível com a importante posição que ocupa a cidade e o estado nos negócios do Brasil.

2 - A Faculdade de Medicina necessita pelo menos de 5 edifícios mais para laboratórios, em adição ao já existente do Departamento de Medicina Legal. Seriam esses laboratórios:

- a) Anatomia, incluindo Histologia, Embriologia e Biologia.
- b) Fisiologia, Farmacologia e Física.
- c) Química, incluindo Química Inorgânica e Biologia.
- d) Patologia e Bacteriologia.
- e) Higiene.

O edifício de Patologia e Bacteriologia deveria ser situado de tal forma a poder estar situado em relações estreitas com o novo hospital para o ensino e de Isolamento, de forma a poder ser utilizado para o trabalho rotineiro de diagnósticos destas duas instituições, assim como para o ensino e pesquisas feitas na Faculdade de Medicina. Da mesma forma, o edifício do Laboratório de Higiene deveria ser colocado de forma a poder se relacionar com qualquer dos edifícios do Serviço Sanitário do Estado que no futuro possa ser construído no local.

O Hospital para ensino clínico deve conter pelo menos 300 leitos. Se a congregação da Faculdade entender que pavilhões adicionais para doentes particulares virão facilitar o trabalho dos professores, isto deverá ser tomado em consideração nos planos para o futuro hospital.

3 - Ao planejar estes edifícios, a Faculdade deve decidir sobre a limitação do número de estudantes na composição de cada classe, a fim de poder equipar



suficientemente os laboratórios para os trabalhos individuais de cada estudante. As necessidades do Estado de São Paulo ficariam provavelmente sanadas com uma classe de 75 alunos no curso preliminar.

#### 4 - Os departamentos de

- a) Anatomia, incluindo Histologia e Embriologia
- b) Fisiologia, incluindo Farmacologia,
- c) Química Biológica,
- d) Patologia,
- e) Bacteriologia,
- f) Higiene e
- e) Medicina Legal, devem ter como chefe um

professor e, pelo menos, um outro auxiliar, ambos dedicando o seu tempo todo ao ensino e pesquisas, e não exercendo a clínica ou trabalhos particulares.

Esta provisão, todavia, não deve impedir, todavia, que estas pessoas ajam como consultores ou administradores nos ramos do serviço público de suas especialidades, desde que essas funções não interfiram com as de professor e investigador científico.

Além do pessoal que exclusivamente trabalha no laboratório, os departamentos poderão ter tantos auxiliares parciais quantos sejam considerados necessários.

5 - A adoção de pessoal exclusivamente dedicado aos sete laboratórios acarretará certamente um orçamento maior para os salários e para manutenção do ensino e pesquisas. Estes orçamentos deverão ser fixados anualmente e de antemão, as verbas respectivas ficando à disposição dos chefes dos departamentos.

6 - O chefe de cada um destes departamentos deverá ter autoridade suficiente para recomendar ao diretor, por intermédio da Congregação, as nomeações a serem feitas em seu departamento.

(...)

8 - Não é (...) aconselhável presentemente se recomendar alterações nos departamentos clínicos. O primeiro ponto essencial na reorganização da escola é colocar os serviços dos laboratórios sobre uma base efetiva e, até que isto seja atingido, a reorganização dos serviços clínicos poderá esperar.

A Faculdade deve, todavia, planejar desde já a construção de um Hospital de ensino clínico, por ela exclusivamente dirigido e no terreno anexo aos laboratórios. Quando a organização dos laboratórios estiver completa e o Hospital de ensino for um fato, a reorganização do lado clínico virá naturalmente.

Entrementes, talvez seja de vantagem o se enviar uma comissão de clínicos a outros países, a fim de estudarem métodos de administração de hospitais e de ensino clínico.

9 - As indicações sugeridas para o ensino das ciências médicas pela instrução intensiva em laboratórios que disponham de pessoal exclusivamente a eles dedicados e adequadamente aparelhados, trarão como consequência a necessidade de uma reforma no programa, sobre uma base semestral, com aumento do número de horas de instrução em todos os laboratórios.

10 - As alterações acima indicadas são irrealizáveis sob o regulamento atual. Este deve, portanto, ser reformado e submetido ao Congresso, com um pedido de autorização para reorganizar a escola sobre uma nova base.

Neste sentido, disposições especiais devem ser tomadas para:

a) maior autonomia dos Departamentos de pessoal exclusivo, isto é, o chefe de cada um destes departamentos deve ter domínio sobre as verbas que lhe forem destinadas e deve usá-las dentro dos limites determinados.

b) Ele deve ter autoridade para recomendar a nomeação de assistentes profissionais ao diretor por intermédio da Congregação, assim como de assistentes técnicos e burocráticos diretamente ao diretor. Nenhuma nomeação para o pessoal de um desses departamentos de pessoal exclusivo deve ser feita sem o consentimento e aprovação do chefe do mesmo.

c) A Congregação deve ter um poder maior para resolver sobre a nomeação de seus membros e deve obter o direito de fazer recomendações ao secretário do Interior sobre a nomeação do diretor e professores.

11 - Se as sugestões aqui exaradas levarem a Escola a uma reforma é de se desejar que os médicos por ela graduados obtenham o direito de clinicar em qualquer parte do Brasil sem outro exame. A fim de adquirir o reconhecimento, a Congregação da Faculdade de São Paulo não deve, todavia, sacrificar nenhuma de suas disposições progressistas, filiando-se a um tipo fixo. (45)

O segundo documento encaminhado por Richard Pearce ao diretor da Faculdade Celestino Bourroul, datado de 8 de março de 1922, tem o seguinte conteúdo:

De acordo com o pedido de V.Sa., tenho a honra de apresentar este suplemento ao memorandum sobre a reorganização dos laboratórios da Faculdade de Medicina de São Paulo que vos foi apresentado na congregação no dia 2 de março.

As informações pedidas classificam-se sob as três divisões seguintes:

1 - Amplitude e custos dos novos edifícios.

2 - Custo de manutenção dos departamentos com pessoal exclusivo (full time).

3 - Modificações essenciais no regulamento.

1 - Os edifícios necessários para a instalação da Faculdade de Medicina constam de mais:

a) 5 edifícios além do edifício já existente de Medicina Legal.

b) um novo hospital inteiramente sob a direção da Faculdade e junto dos edifícios da Faculdade.

c) um edifício para a administração.

d) um edifício para as dependências tais como força motriz, etc.

A construção desses edifícios deverá ser completada de acordo com um programa a ser executado em um período de cerca de 5 anos.

Não me é possível fazer um orçamento exato quanto ao custo desses edifícios devido à minha falta de conhecimento quanto às condições existentes em São Paulo no tocante à construção em geral. Entretanto, tomando em consideração o custo do edifício destinado ao laboratório de medicina legal e calculando a área necessária para os demais, julgo que cada um dos novos laboratórios deverá custar em média cerca de 800:000\$000, ou um total aproximado de 4000:000\$000 para todos os cinco. Esta última quantia parece-me deverá ser bastante para custear a instalação dos laboratórios.

O edifício para a administração deverá ser modesto, e não custar mais de 500:000\$000. O edifício para as dependências não deverá custar mais de 400:000\$000. Portanto, o custo total dos edifícios da Faculdade de Medicina elevar-se-á mais ou menos a 5.000:000\$000. Quanto ao hospital não me sinto habilitado a fazer qualquer orçamento.

2) O custeio dos sete laboratórios com

peçoal dedicado exclusivamente a eles, já mencionados no primeiro relatório, com orçamento para a biblioteca, etc. acarretaria um acréscimo de 200:000\$000 no orçamento atual desses laboratórios.

Deve-se ter em mente que esse acréscimo anual no orçamento será utilizado tão somente nos sete departamentos com laboratório e portanto não serão necessários enquanto os edificios desses laboratórios não estiverem concluídos, isto é, nestes dois anos.

3) Os "Regulamentos" deveriam ser codificados novamente com espírito liberal concedendo toda a autoridade possível ao diretor e à congregação de sorte a permitir o futuro progresso e desenvolvimento da escola sem restrições e estiolamentos.

a) Todos os chefes de departamento exclusivos obtenham anualmente e com antecedência um orçamento, e tenham a autorização de empregar essas somas conforme o julgarem mais acertado para o bem de seus departamentos, estando apenas sujeitos a certas regras gerais julgadas de vantagem comum.

b) O chefe de cada um desses departamentos exclusivos deverá ter o direito de recomendar ao Secretário do Interior, com a aprovação da congregação, e do diretor, nomeações (profissionais, técnicas ou burocráticas), no seu departamento, sem as restrições de um concurso.

c) A nomeação de um chefe de departamento exclusivamente dedicado a esse laboratório deverá ser baseada, sem concurso, na extensão de seus estudos e em seus dotes como professor e investigador em matéria de sua especialidade. A primeira decisão quanto a esta escolha deverá partir de uma comissão composta por todos os professores exclusivos que transmitirão sua recomendação ao Secretário do Interior por intermédio do Diretor. Os professores substitutos deveriam ser abolidos nos departamentos exclusivos.

d) Ao reorganizar os sete departamentos já mencionados, deve-se-á tomar as providências necessárias a fim de que neles sejam utilizados aqueles dentre os professores contratados que puderem dar todo o seu tempo de serviço à Faculdade. Os professores atualmente dedicando apenas parte de sua atividade a estes laboratórios e que embora com treino especial não possam ou não queiram se dedicar inteiramente ao serviço da escola deverão ser transferidos para outros lugares, a fim de não bloquearem essas posições que só deverão caber àqueles que se dedicarem inteiramente à escola.

Entretanto, em caso algum aconselharíamos qualquer decisão que pudesse ser interpretada como quebra de contrato ou negação de um contrato prévio. Julgamos que a reorganização poderá ser feita de modo a dar

plena satisfação a todos os interessados.

e) Ao codificar novamente os regulamentos, providências deverão ser tomadas a fim de permitir a futura organização de outros laboratórios exclusivos, caso o progresso e desenvolvimento da escola revelem ser isto de vantagem. . (46)

O terceiro documento, datado de 10 de março de 1922, resume os anteriores e esclarece alguns pontos, como pode ser visto a seguir:

A fim de servir de base para mútuo entendimento , de um forma sucinta passo a expor os resultados positivos das nossas conferências, relativas à reorganização de vossa escola, assim como o que se relaciona aos modos e meios sobre os quais a reorganização será levada a cabo.

1) Em um relatório datado de 2 de março aconselhei:

a) a construção de uma escola completa em único lugar com um hospital para ensino nas vizinhanças, a escola propriamente constando de pelo menos mais 5 edificios novos para o ensino das ciências médicas.

b) Aumento no orçamento para os sete departamentos com laboratórios sob base de pessoal exclusivo (full time).

c) Modificações nos regulamentos concedendo maior autonomia aos chefes de departamentos com laboratórios exclusivos, no tocante à nomeações e orçamentos, e quanto a outras modificações gerais em vista de conseguir-se uma organização mais eficiente.

d) Relativas à obtenção da autorização para os médicos nela formados de clinicarem em todo o país.

2) Em meu segundo relatório de 8 de março apresentei um orçamento do custo dos edificios e instalações principalmente em referência aos 5 novos edificios para laboratórios, bem como do aumento necessário no orçamento anual a fim de cobrir o custeio dos sete departamentos com laboratórios exclusivos. Amplifiquei também as minhas sugestões quanto às modificações sugeridas no regulamento.

3) Fica entendido que o plano apresentado foi aprovado formalmente pela Faculdade e recomendado

ao Secretário do Interior que o aprovou em suas linhas gerais e que tanto a Faculdade como o governo aceitariam de boa mente o auxílio da Fundação Rockefeller a fim de se executar esse plano num proximo futuro.

4) Nestas circunstâncias, exprimi minha boa vontade em recomendar à Fundação Rockefeller o fornecimento de uma quantia total a ser usada para a construção e instalação dos cinco edificios para laboratórios, ficando entendido que o governo de São Paulo edificará o hospital e mais edificios necessários para a escola, aumentando também o orçamento escolar da quantia de 200:000\$000 anualmente, destinada a manutenção dos laboratórios exclusivos, providenciando quanto às modificações julgadas necessárias no regulamento e tratando das outras sugestões incluídas nos relatórios 1 e 2 .

5) Fica entendido que ao fazer estas sugestões ajo apenas individualmente sem autoridade e sem que de modo algum venha assim a acarretar obrigações para a Fundação Rockefeller. De outro lado a Faculdade e o governo de São Paulo não ficam obrigados de modo algum por estes relatórios. Todos os planos serão considerados como provisórios até que seja firmado um contrato ou feito um ajuste entre o governo de São Paulo e a Fundação Rockefeller.

6) Fica combinado que o dr. Klotz, professor de Patologia na escola, agirá como intermediário depois de minha partida de São Paulo, todos os pontos sendo então discutidos diretamente com ele, e todas as comunicações passando por suas mãos como meu representante.

7) Além do auxílio acima referido, prontifiquei-me a recomendar à Fundação Rockefeller de convidar uma comissão da Faculdade de Medicina a fim de que visitando os Estados Unidos e outros países estude os métodos em uso tanto na construção de laboratórios e hospitais, como relativamente às questões de administração dessas instituições e métodos de ensino clínico.

Deverá fazer parte da comissão um arquiteto.

8) A fim de preparar rapidamente nestes dois ou três anos os individuos necessários para o trabalho nos departamentos de pessoal exclusivo, declarei que provavelmente a Fundação Rockefeller consentiria em ampliar o sistema de bolsas universitárias para o custeio do treino necessário desses profissionais.

Caso fosse pedido, a Fundação Rockefeller se encarregaria muito provavelmente de enviar um ou mais professores para organizarem e dirigirem temporariamente os novos laboratórios - nos seus primeiros anos de vida.

9) O relatório nº 1, de 2 de março, o

relatório nº 2, de 8 de março, e o presente relatório (nº 3, de 10 de março, foram traduzidos em português e que vos foram apresentados por mim assinados serão considerados doravante como o ponto de partida para discussões, correspondência e para futuras negociações.

10) Caso vos pareça que esses relatórios resumem todos os pontos essenciais de nossas conferências, e julgueis que formam uma base satisfatória para negociações futuras, peço-vos escrever-me uma nota a respeito, a fim de que não possam haver enganos de ambas as partes evitando inúteis demoras depois da minha partida. (47)

A resposta da Faculdade, nos termos solicitados por Pearce, está datada do mesmo dia de seu último relatório, ou seja, 22 de março, o que dá uma indicação do interesse da escola no assunto. Nesta correspondência, Bourroul se desdobra em gentilezas. Falando em nome do governo do Estado, o diretor apresenta os "mais calorosos agradecimentos pela preferência que a Fundação deu ao nosso Estado - dirigindo para aqui as suas vistas, pelos excelentes conselhos que seus especialistas nos trouxeram e pela valiosa contribuição material que se propõe fazer". (48)

Por outro lado, o ofício encaminhado à direção da Faculdade pela Secretaria do Interior no dia 3 de abril de 1922, acerca destes mesmos entendimentos, é conciso e formal. (49)

A análise de seus termos revela a diferença de ânimo com que as duas instâncias do governo - Faculdade e Secretaria - tratavam o mesmo objeto, ou seja, o relacionamento com a Fundação Rockefeller, como pode ser visto pela transcrição do ofício que é feita a seguir:

*Tendo estudado as sugestões (...), declaro a V.S. que a Faculdade de Medicina pode, sem assumir compromisso, aceitar as referidas sugestões como base de estudos para solução posterior do assunto, que deverá depender de contrato. O Estado aprecia o seu devido valor a alta importância da cooperação científica norte-americana e declara-se muito grato à Fundação Rockefeller pela preferência que lhe dispensou(50).*

Em decorrência da aceitação das sugestões, a Fundação Rockefeller autorizou em maio de 1922 a concessão de 4 mil contos de réis para a construção dos edifícios dos laboratórios, entendendo que como contrapartida o governo do Estado aumentaria em 200 contos de réis o orçamento anual da Faculdade. Contudo, a liberação dos recursos só se daria mais tarde, depois que as alterações propostas estivessem legalmente aprovadas. (51)

#### IV.2.6 - A reorganização da estrutura de ensino e pesquisa

As sugestões apresentadas por Pearce foram aceitas em sua totalidade e transformadas em projeto de reestruturação da Faculdade. Antes de ser encaminhado para votação e transformação em lei, a escola se encarregou de obter a aprovação da Fundação Rockefeller.

Em maio de 1923, o novo diretor da Faculdade, Adolpho Lindenbergh, então adoentado, pediu ao ex-bolsista da Fundação e então diretor do Instituto de Higiene, Geraldo Horácio de Paula Souza para, junto com Benedicto Montenegro, enviar a



George Vincent, presidente da FR, um sumário dos planos para a reorganização da escola. Vincent estivera em São Paulo naquele mesmo ano e cobrara de Lindenbergh a definição de tais projetos. (52)

### O projeto

O documento enviado para a Fundação em 1923 é rico em detalhes. Em onze páginas, ele desdobra toda a nova estrutura dos cursos, a carga horária das disciplinas ano a ano, bem como a composição dos departamentos que agrupariam tais disciplinas, estabelecendo, desde então, sua divisão em disciplinas fundamentais, anexas e complementares. (53)

Tal divisão contemplava como fundamentais as seguintes disciplinas: Física, Química, Biologia, Anatomia, Fisiologia, Patologia, Higiene, Jurisprudência Médica, Farmacodinâmica, Obstetrícia, Pediatria, Teoria da Medicina, Teoria da Cirurgia, Doenças Mentais.

Na categoria de anexas se encontravam: Radiologia e Fisioterapia, Histologia e Embriologia, Bioquímica, Anatomia Aplicada, Patologia Geral, Bacteriologia e Parasitologia, Laboratório Clínico, Oftalmologia, Garganta Nariz e Ouvido, Dermatologia, Ginecologia, Doenças Genito-unirárias, Ortopedia e Neurologia.

Como complementares foram classificadas: Técnica Cirúrgica, Diagnóstico Físico, Patologia Médica, Patologia Externa (Cirúrgica).

O projeto elaborado pela Faculdade reafirma a orientação da Fundação. Ele especifica que todas as disciplinas fundamentais deveriam ser ensinadas por professores contemplados pelo tempo integral e estabilidade, considerados titulares, enquanto as disciplinas anexas seriam ministradas por professores adjuntos, escolhidos pelos chefes de departamentos entre o corpo docente e a escolha referendada por dois terços dos membros da Faculdade. (54)

Pelos termos do projeto, o professor adjunto não tinha estabilidade e poderia ser demitido pelo titular responsável por sua indicação, exceto depois de ter completado dez anos de "bom trabalho", quando então passava a ter os mesmos direitos. Ainda assim, ao adjunto era vedada a participação nas decisões da Faculdade, configurada pelo impedimento de participar das reuniões, exceto a anual que tratava da exposição do programa de ensino.

Ao adjunto estava garantida a "liberdade didática". Ou seja, seu programa poderia ser definido por ele mesmo, desde que seus termos fossem aceitos pelo titular.

As disciplinas complementares seriam ensinadas pelos docentes classificados como "encarregados de cursos", escolhidos pelo chefe do departamento ao qual a disciplina estava subordinada. O "encarregado de um curso" era designado por dois anos, renováveis desde que seu trabalho fosse considerado bom pelo professor titular.

Todos os docentes deveriam ser escolhidos entre membros da Faculdade. A escolha obedecia a critérios de seleção baseados no "teste de capacidade" do candidato. Através de uma bateria de exames, era testada sua habilidade para o ensino de uma determinada disciplina.

Em caso de empate, garantia-se ao titular a prerrogativa do desempate. O "encarregado de curso" não dispunha de "liberdade didática" e seu programa era definido pelo titular.

Depois de sua nomeação, todos os docentes poderiam usufruir de uma licença de dois anos para estudos no exterior, antes de assumir a função. Cada disciplina teria ao lado do professor, independentemente de sua classificação, um chefe de laboratório ou de clínica e dois assistentes, constituindo-se, dessa forma, um equipe ou um núcleo de profissionais capazes de desenvolver aquela área de estudo.

Nesse sentido, nos departamentos onde deveria prevalecer o tempo integral, os professores, fossem eles titulares, adjuntos ou encarregados, deveriam ser incluídos no regime de "tempo integral dedicado ao ensino e à pesquisa". De acordo com o documento enviado à Fundação Rockefeller, era o desejo de "todos os membros da Faculdade se dedicarem em tempo integral ao ensino e à docência". (55)

A correspondência ressalva, no entanto, que um empreendimento desta envergadura envolvia muitos custos, com os quais o governo ainda não poderia se comprometer. Portanto,

decidiu-se que somente uma pequena parte dos departamentos teria seu **staff** sujeito ao regime de tempo integral.

A Faculdade tinha ainda poderes para contratar um professor por um período não-superior a três anos para qualquer departamento onde não houvesse sido identificado entre os docentes um membro capaz de assumir as responsabilidades que dele se esperava. Ao final do período, esperava-se, então, que algum membro pudesse preencher os requisitos anteriores. O sistema, segundo o projeto, apresentava a vantagem de trazer sempre sangue novo para a escola. (56)

O documento aponta, ainda, que para viabilizar os planos de reorganização da escola, tornava-se necessária a construção de novos edifícios para abrigar os novos departamentos. Outro aspecto ressaltado dizia respeito ao orçamento que deveria ser revisto com a finalidade de atender aos novos custos com o pessoal de tempo integral.

A correspondência enviada à Fundação retoma os orçamentos e as previsões de recursos inicialmente apresentadas, enfatizando a necessidade de revê-los à luz da nova realidade.

Em cerca de três anos, a cotação do dólar se elevara na seguinte proporção: em 1920 a relação era de 1 : 4. Em 1923, essa relação já atingira o patamar de 1 : 9.5. O documento pondera ainda quanto à elevação dos custos de construção, material e mão-de-obra, bem como em relação ao custo de vida e a

definição do salário do corpo docente, sobretudo do pessoal dedicado ao regime de tempo integral. (57)

Nos termos do projeto, a direção da Faculdade chegou a cogitar na diminuição dos salários do pessoal clínico com o objetivo de transferir recursos para a implantação do regime de tempo integral. (58)

#### A aprovação do projeto

A aprovação do projeto de reorganização da estrutura de ensino e pesquisa da Faculdade por parte da Fundação Rockefeller se deu através do diretor da Divisão de Educação Médica Richard Mills Pearce. Em correspondência datada de 18 de junho de 1923, Pearce considera o programa "satisfatório", ressaltando que esta questão ficaria inteiramente a cargo da Faculdade. (59)

Em relação ao agrupamento das disciplinas, Pearce considera-o "excelente", bem como "satisfatória" a classificação dos professores conforme suas funções. Ressalva, contudo, que "para as matérias fundamentais, isto é, os ramos de laboratório, haja somente professores **full time**", abrindo apenas pequenas brechas em se tratando de prestação de serviço ao Estado, dentro da especialidade de cada professor:

*Não deve haver afastamento deste princípio pelo estabelecimento do dia de oito horas de laboratório e permitindo o indivíduo praticar (clinar) em outro tempo. Um tal arranjo seria contrário ao espírito da medicina moderna e não de acordo com o programa que esbocei com os membros de sua*

*Faculdade, em 1922. Não há, porém, motivos pelos quais os professores não dêem uma parte de seu tempo, dentro do campo de suas especialidades, em conexão com os departamentos do Governo. Por exemplo, o professor de Higiene pode ser um funcionário do Departamento de Saúde do Estado e em outros assuntos de laboratório uma tal divisão do trabalho em conexão com departamentos do Governo pode ser possível e desejável com ou sem compensação adicional. (60)*

Ainda em relação ao tempo integral, o diretor da Divisão de Educação Médica propunha a adoção do regime primeiramente nos departamentos de Anatomia, Fisiologia e Patologia, considerando-os "como os mais importantes". Pearce sugeria, também que: "se agruparem Histologia e Embriologia com Anatomia, Química Fisiológica e Farmacologia com Fisiologia, e Bacteriologia com Patologia, poderão desenvolver gradualmente o plano de **full time** sem grande dificuldade financeira no começo". (61).

No mesmo documento, Pearce sugeria, também que o sistema de contratação fosse revisto no tocante à possibilidade de professoras de outras escolas do país serem contratados sem a necessidade de concurso. "Penso que deviam fazer alguma disposição pela qual, quando a seleção é feita no grupo dos docentes para professor, indivíduos de outras escolas, já professores, pudessem ser propostos sem exame. Sugiro essa possibilidade na esperança de que encontrareis algum caminho que resolva esta dificuldade". (62)

Quanto às questões financeiras, não há o compromisso de Pearce, ou seja, da Fundação, em ampliar os donativos. Cauteloso, suas afirmações apenas adiam a discussão do problema:

*Estudei com grande cuidado os seus dados financeiros com relação ao orçamento geral e também em relação aos ordenados, porém, como são problemas que devem ser resolvidos com conhecimento pleno das condições locais, hesito desta distância a fazer qualquer comentário. Vossa sugestão sobre a diminuição nos ordenados dos clínicos, não em base de full time, penso ser acertada. De outro lado, os ordenados para manutenção dos homens de laboratório com full time devem ser suficientemente grandes para contentá-los, visto como eles estão impossibilitados de clinicar. A escala dos ordenados deve ser naturalmente estabelecida nas bases das condições locais de vida e dentro dos limites financeiros de seu orçamento. (63)*

### Contratempos

Do ponto de vista da formulação dos projetos de reorganização da estrutura de ensino e pesquisa da Faculdade de Medicina, o processo se completou em 1923. Desde então, a Fundação Rockefeller passou a cobrar sua institucionalização através da aprovação de legislação específica.

Em setembro de 1923, o presidente da FR, George Vincent, escreveu ao diretor da Faculdade, Adolpho Lindenberg, manifestando satisfação pelo fato de os planos terem avançado. Contudo, informava, na mesma correspondência, que "esperava ter em breve uma palavra sobre a aprovação dos novos regulamentos pelo governo". (64)

A aprovação, no entanto, só ocorreu em 1924 e 1925, quando o médico Pedro Dias da Silva já havia assumido a direção da escola, passando os novos regulamentos a vigorarem apenas a partir de 1926. A importância da atuação do novo diretor pode ser aferida pela denominação que a reforma de 1925 assumiu

posteriormente, sendo apontada em documentos da própria Faculdade como "Reforma Pedro Dias". (65)

A mesma legislação que alterou os regulamentos da Faculdade, segundo os preceitos do modelo da Fundação Rockefeller, mudou também sua denominação. Ela deixou de ser Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (FMCSP), como definira a legislação de 1912, para passar a Faculdade de Medicina de São Paulo (FMSP). Essa denominação prevaleceu até 1934, quando foi criada a Universidade de São Paulo. Desde então, a Faculdade passou a se chamar Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). (66)



## CAPÍTULO V

### Ação indireta (1926-1931)

#### V.1 - Introdução

O presente capítulo dedica-se aos últimos cinco anos do relacionamento entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina de São Paulo, tendo em vista a delimitação geral que se adotou, compreendendo os anos que vão de 1916 a 1931.

Os critérios adotados para esta periodização geral consideraram o que poderia ser chamado o cumprimento de um ciclo. Ou seja, estes quinze anos constituíram o tempo necessário para que os objetivos da Fundação Rockefeller se concretizassem, com a adoção pela Faculdade de seu modelo de excelência no ensino e na pesquisa.

Por outro lado, a análise desse período propiciou, também, localizar a institucionalização de uma nova prática e mentalidade científicas no âmbito da Faculdade de Medicina de São Paulo, com implicações para a futura Universidade de São Paulo e, conseqüentemente, para a atividade científica no país.

#### Um ciclo e duas fases

A análise da documentação permite afirmar que, grosso modo, o processo de institucionalização do modelo da

Fundação Rockefeller na Faculdade de Medicina durou cerca de quinze anos, um prazo bem mais dilatado do que inicialmente a FR supunha ser necessário. Uma análise mais apurada, no entanto, demonstra que esses quinze anos comportam a delimitação de, no mínimo, dois sub-períodos, considerando as diferentes características de cada um deles

Assim, entre 1916 e 1925, a Fundação Rockefeller se empenhou na introdução de seu modelo, iniciativa que se intensificou nos anos que vão de 1921 a 1925, período no qual estiveram presentes e atuantes dentro da Faculdade membros destacados de seu **staff**, como visto nos capítulos anteriores.

Por outro lado, os cinco anos finais, que serão analisados neste capítulo, se caracterizaram pela consolidação das alterações introduzidas no período precedente e institucionalizadas pela legislação aprovada nos anos de 1924 e 1925. Nesse segundo momento, o foco de atuação da Fundação Rockefeller se dobrou em duas frentes. De um lado, as duas instituições esforçaram-se no sentido de implantar a base material da Faculdade.

Ou seja, a construção da infra-estrutura física, instalações e equipamentos que deveriam garantir a plena execução do modelo introduzido e aprovado anteriormente. De outro, ambas as instituições intensificaram a execução de um programa de formação e qualificação de pessoal destinado a assumir o tempo integral no ensino e na pesquisa.

Contudo, como é sabido, a periodização em um

trabalho acadêmico visa oferecer alguns marcos referência. Nesse sentido, o capítulo não se encontra rigidamente enquadrado nos anos de 1926 a 1931, até porque isso não seria possível, considerando o entrelaçamento dos fatos. Portanto, sempre que necessário, a análise empreendida recua no tempo, alinhando elementos e informações do período precedente.

## V.2 - A consolidação de um ambiente científico

Ao mesmo tempo em que a Faculdade de Medicina buscava formular os projetos de reestruturação de sua infraestrutura física, a partir da alteração de seus regulamentos, a Fundação Rockefeller procurou, como foi dito, desencadear no período um programa mais amplo de concessão de bolsas de estudo no exterior, sobretudo nos Estados Unidos.

Dessa forma, somente entre os anos de 1925 e 1926, seguiram para universidades norte-americanas, para um período de estudo de dois anos, os professores das disciplinas de Fisiologia, Franklin de Moura Campos, de Patologia, Mario Egydio de Souza Aranha, ambas sob o regime de tempo integral. Em 1925, seguiu também o professor da cadeira de Terapêutica e Arte de Formular (farmacologia), Raul Margarido da Silva. (1)

A Fundação Rockefeller não iniciou seu programa de bolsas entre 1926 e 1931, mas garantiu nesse período a ampliação da quantidade de bolsas e de áreas beneficiadas. A

concessão de auxílios desta natureza esteve presente desde o início de sua atuação em São Paulo.

As primeiras bolsas concedidas datam de 1919, quando membros do recém-criado Instituto de Higiene se especializaram por dois anos na **Johns Hopkins University**, tornando-se, segundo os registros da Faculdade, os primeiros diplomados daquela escola. (2)

Os desdobramentos deste programa, somado às condições de tempo integral que passaram a vigor na Faculdade, tiveram uma significativa repercussão na institucionalização da pesquisa científica na área de biomédicas no Brasil, como poderá ser visto na conclusão deste capítulo. As implicações de sua abrangência e continuidade extrapolaram o período analisado na presente dissertação.

A concessão das bolsas de estudo pela Fundação Rockefeller na área de biomédicas ultrapassou o ano de 1931. Com a formação da Universidade de São Paulo (USP), em 1934, o programa assumiu outras características, tendo em vista a organização da nova estrutura de ensino e pesquisa então criada. (3)

#### Intensificação de intercâmbios

O ambiente científico que foi se institucionalizando permitiu "numerosas aquisições de material de ensino, tendente a melhorar as condições de eficiência dos laboratórios e ambulatórios de diversas cadeiras da Faculdade".

(4)

Além da compra de equipamentos, a melhoria das condições de pesquisa propiciou, também, nos anos de 1926 e 1927, uma troca mais intensa com a comunidade científica internacional.

Assim, "durante os meses de agosto e setembro de 1926 e 1927, fizeram na Faculdade, cursos de Fisiologia e Metabolismo, respectivamente, os Drs. Henri Laugier e Guy Laroche, que aqui estiveram sob os auspícios do Instituto Franco Brasileiro de Alta Cultura e do Governo do Estado (...). Realizaram conferências na Faculdade, sobre assuntos de suas especialidades, os eminentes cientistas Mme. Curie e Profs. V. Ascoli e Emile Brumpt". (5)

A Faculdade de Medicina iniciou, também em 1926, a publicação de seus Anuaes, registrando não só as ocorrências administrativas, como a indexação de sua produção científica, representada pela "Relação de Teses".

Em seu primeiro volume, a publicação inventariou a produção dos alunos desde a primeira turma, formada em 1918, além de publicar artigos de seus professores, entre os quais figuram aqueles de maior prestígio, como Lauro Travassos, Arthur Neiva, Alfonso Bovero, Richard Archibald Lambert.

A partir de 1928, passou a listar os periódicos constantes no acervo de sua biblioteca, entre os quais figuravam assinaturas, coleções completas e incompletas, permuta

e doações. Entre as publicações, oriundas de diferentes procedências, encontravam-se as atas científicas de distintas especialidades provenientes de países como a Suécia, Dinamarca, Japão, Itália, Espanha, Estados Unidos, ou da América Latina, como a Venezuela, Uruguai, Argentina, entre outros. (6)

A publicação sobreviveu até a década de 50, quando foi suspensa no número 30.

### V.3 - A implantação da infra-estrutura, uma exigência da Fundação

A aprovação dos novos regulamentos da Faculdade de Medicina, em 1925, coincidiu com o retorno aos Estados Unidos de Richard Archibald Lambert, o último especialista enviado ao Brasil pela Fundação Rockefeller em cumprimento aos acordos assinados entre as duas instituições.

Lambert deixou o Brasil em dezembro de 1925, embora, oficialmente, seu contrato com a Faculdade tivesse terminado em setembro. Do Brasil, Lambert seguiu para Porto Rico. Nos anos seguintes, tornou-se assistente de Pearce na Divisão de Educação Médica, e posteriormente um de seus diretores, permanecendo na sede da Fundação Rockefeller, em Nova York, até sua aposentadoria. (7)

No período em que esteve no Brasil - a partir de 1923, quando substituiu Oskar Klotz até 1925 -, Lambert

esteve diretamente envolvido no processo de reorganização da estrutura de ensino e pesquisa da Faculdade.

Da mesma forma que seu antecessor, Lambert atuou como porta-voz da Fundação Rockefeller, especialmente da Divisão de Educação Médica. Sua atuação diferenciou-se pela atitude incisiva com que cobrou da escola as definições na aprovação dos novos regulamentos, processo que vinha se arrastando no tempo.

Nos documentos, as manifestações de Lambert estavam, na maioria das vezes, amparadas pela aquiescência de Pearce quanto ao teor e aos termos utilizados. Em diferentes ocasiões, Lambert explicita claramente o respaldo de que dispunha.

Em suas considerações acerca do andamento do processo, ele procurava, quase sempre, recorrer às recomendações do diretor da Divisão de Educação Médica, reafirmando a exigência da Fundação Rockefeller quanto ao tempo integral e a reorganização do ensino. Enfim, exigências amplamente conhecidas pela diretoria da Faculdade. (5)

#### A comissão de estudos

Além da adoção do tempo integral, a Fundação Rockefeller vinha, desde 1922, insistindo com a direção da Faculdade na importância de se criar uma comissão de estudos que pudesse percorrer diferentes centros de ensino médico no

exterior, sobretudo os hospitais e laboratórios, com o objetivo de recolher subsídios para a elaboração dos projetos de reorganização da infra-estrutura da escola. (9)

No início de 1925, a Comissão encontrava-se finalmente constituída por três membros, e com viagem marcada para o dia 9 de abril. Foram designados Ernesto de Souza Campos, que havia se transferido para Manguinhos, onde trabalhava como assistente, e fora chamado de volta a São Paulo. Benedicto Montenegro, da cadeira de Anatomia, e Luiz Rezende Fuech, então assistente da cadeira de Pediatria.

Ao deixar Manguinhos a contragosto, segundo seu próprio relato, Ernesto de Souza Campos manteve seus vencimentos por determinação de Carlos Chagas. "Tal atitude nos levou a tomar a iniciativa de fazer, como fizemos, conferências em nome do Instituto, nos Estados Unidos, Inglaterra e França", durante a viagem da comissão. (10)

Ernesto de Souza Campos atribui a si mesmo um papel destacado na retomada dos entendimentos entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina de São Paulo, por ocasião da transferência da direção da escola para Pedro Dias da Silva e que teria resultado em sua indicação para a comissão. (11)

Outro dado interessante apontado por Souza Campos em seu relato diz respeito à incorporação de Luiz Rezende Fuech na comissão de estudos financiada pela Fundação Rockefeller. Segundo ele, tal incorporação se prendeu mais aos



interesses da Santa Casa de Misericórdia, onde funcionavam as cadeiras do ensino clínico da Faculdade, do que propriamente por definição da escola. Contudo, posteriormente, Puech assumiu um papel relevante no desdobramento dos trabalhos.

A informação sugere que o contato empreendido com a viagem pode ter provocado consequências também no que diz respeito a reformas na Santa Casa de Misericórdia. Nesse sentido, Ernesto de Souza Campos relata o episódio da seguinte forma:

*Concertou-se em São Paulo que a comissão seria constituída de mais dois representantes da Faculdade [além dele próprio, que se encontrava então em Manguinhos], os professores Celestino Bourroul e Benedicto Montenegro. O professor Bourroul não pôde aceitar o encargo (...). Ficaria a comissão apenas com dois membros se à mesma não se incorporasse o dr. Luiz de Rezende Puech, naquela ocasião assistente da cadeira de Pediatria.*

*Realmente, a Santa Casa de Misericórdia, sob a direção de Diogo de Faria, desejava remodelar suas velhas construções. Ciente da comissão da Faculdade, encarregou o dr. Rezende Puech dessa missão. Visitaria no estrangeiro o que houvesse de melhor para a renovação de suas instalações. (12)*

#### À viagem

A comissão chegou a Nova York no final de abril de 1925. Benedicto Montenegro retornou ao Brasil em setembro, mas tanto Puech quanto Souza Campos só estariam de volta em 1926.

O depoimento de Ernesto de Souza Campos é rico quanto à descrição da viagem empreendida:

A Comissão encarregada de estudar os planos da escola médica, financiada pelo governo Carlos de Campos e pela Rockefeller, percorreu as melhores organizações de ensino e hospitalar dos Estados Unidos, Canadá e Europa. Visitou cerca de 200 institutos de ensino médico, integrados ou não em universidades e outros tantos hospitais.

Em Nova York, estabeleceu-se o plano para a excursões na América do Norte. O programa rigidamente fixado foi rigidamente cumprido. Deste centro de ação expedimos toda a correspondência com boa antecipação. Cada instituição a ser visitada recebeu carta, indicando dia e hora da visita e solicitando os elementos documentais. (...) Tudo funcionou admiravelmente, pois não existe aí o problema de trens ou outras viaturas atrasadas.

Em cadernos de notas, tomamos as observações com todas particularidades. Os documentos colhidos (anuários, programas e cursos, plantas, etc.) eram enviados de cada cidade para o centro em Nova York. O material encheu várias caixas de madeira, remetidas para o Brasil, antes da viagem para a Europa.

No velho continente fizemos centro em Paris. Se bem que ali na Europa não fosse possível um programa tão seguro, por se tratar de países diversos, conseguimos seguir quase a mesma orientação.

Nos Estados Unidos, a Rockefeller reuniu à comissão um seu representante, encarregado de obter, também, informações sobre o funcionamento das bibliotecas universitárias. Coube a missão ao conhecido cientista O'Connor, membro da Escola de Medicina Tropical de Londres. Para o dr. Rezende Puech, que não falava o idioma inglês foi incorporado um funcionário da Rockefeller, holandês de nascimento, mas conhecedor perfeito de nossa língua, sem nunca, aliás, ter estado em nosso país.

Na Europa, percorremos os seguintes países: França, Alemanha, Austria, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Suíça, Itália, Portugal. Em resumo, examinamos 102 instituições européias, 73 norte-americanas e 25 canadenses. Seja dito, de passagem, que mais tarde ilustramos nossos conhecimentos, nesse sentido, no Japão, Ceilão, Africa do Sul e todos os países da América do Sul. (13)

#### O dinheiro e os planos

De volta ao Brasil, no início de 1926 a comissão se manteve mobilizada em torno do Escritório Técnico de Obras, criado com o objetivo de elaborar os planos de construção

da Faculdade. Durante todo o ano de 1926, a direção da Faculdade manteve a Fundação Rockefeller informada dos detalhes do projeto.

Entretanto, o orçamento extrapolou os recursos inicialmente destinados à obra pela Fundação Rockefeller. Iniciou-se, então, uma difícil negociação entre as partes, com a Faculdade reivindicando o aumento das doações e a Fundação mantendo a decisão inicial. (14)

Na tentativa de solucionar o impasse, em julho de 1926 a Fundação Rockefeller sugeriu a ida aos Estados Unidos de dois membros da Faculdade com o objetivo de discutir a adequação dos planos ao orçamento.

Em setembro, Luiz de Rezende Puech voltou a Nova York, onde se encontrou com Pearce e acertou as seguintes modificações no projeto original:

1. *Eliminação de certas duplicações de instalação que resultará em economia de construção, manutenção e equipamento; como, por exemplo, um único laboratório para cursos de Fisiologia.*

2. *A transferência temporária de Física e Terapêutica para o pavilhão da escola que já está pronto.*

3. *Modificação das instalações no térreo, centralizando o necrotério em relação à Anatomia.*

4. *A promessa de estudar a possibilidade de eliminação da duplicação dos laboratórios dos cursos práticos e regulares em histologia patológica ou bacteriologia e histologia, resolvendo da melhor maneira possível esta questão, em relação à qual o Dr. Pearce tem repetidamente acentuado a sua custosa duplicação. (15)*

As modificações propostas significaram uma redução de aproximadamente 10% dos custos. Como os valores ainda

extrapolavam em quase 20% os recursos originalmente destinados, Pearce prometeu fazer gestões junto à Fundação Rockefeller no sentido de cobrir a diferença, o que efetivamente ocorreu. Dois meses depois, ou seja, em novembro de 1926, a Faculdade recebeu a comunicação oficial da destinação dos recursos adicionais concedidos pela Fundação. (16)

#### As obras

A agilidade das decisões da Fundação Rockefeller não teve contrapartida no âmbito da Faculdade. Apesar dos ajustes nos projetos terem sido feitos em 1926, as obras só começaram em 1928, precisamente a 25 de janeiro. (17)

O intervalo de um ano entre a adequação do projeto e o início das obras é parcialmente explicado pelo processo de sucessão do governo estadual. Com a morte do presidente do Estado, Carlos de Campos, o vice Antônio Dino da Costa Bueno assumiu por poucos meses, sendo substituído na sequência pelo novo presidente eleito Julio Prestes de Albuquerque.

Há versões conflitantes quanto à atitude em relação aos acordos com a Fundação Rockefeller. Em julho de 1927, o diretor do Conselho Sanitário Internacional no Rio de Janeiro, J.H. Janney, escreveu a Pedro Dias manifestando sua preocupação:

*Levando em consideração as grandes somas com que a Fundação Rockefeller vem auxiliando a Faculdade de*

Medicina, o Instituto de Higiene e o Serviço Sanitário do Estado, eu desejava, para minha tranquilidade pessoal, saber o que pode surgir sob a administração que se inicia em 15 de julho, no que diz respeito às instituições em que vimos cooperando. A prática nos tem demonstrado que os novos governos comumente fazem reformas radicais, que às vezes não deixam de perturbar o programa traçado pelo governo antecessor, quando esse programa é dos que exigem sucessivas administrações para sua completa execução.

Os Drs. Pearce, Russell, Strode e eu pensamos que a cooperação da Fundação Rockefeller com a atual administração conseguiria o escopo colimado; por isso faço votos para que o novo governo conserve o Dr. [Pedro Dias] e o Dr. Paula Souza nos respectivos cargos, para que se leve a bom termo o programa já traçado (...). (18)

Dias depois, o diretor da Faculdade procurava tranquilizar o representante da Fundação, nos seguintes termos:

Com referência ao desejo que, muito justamente, V.S. manifesta (...), em caráter particular, posso informar que o presidente Julio Prestes pretende amparar e observar o programa estabelecido pelo governo passado (...). E nem poderia deixar de assim ser, porquanto, além dos fortes compromissos assumidos pelo governo anterior, o dr. Julio Prestes, quando líder da câmara de deputados estadual, teve ocasião de brilhantemente defender e exaltar a obra da Fundação Rockefeller, de um modo geral e particularmente os serviços que essa benemérita instituição vem prestando ao nosso Estado e ao nosso país.

Quanto à continuação do dr. Paula Souza na direção do Serviço Sanitário e a minha, na diretoria da Faculdade de Medicina, nada posso dizer de preciso, mas estou certo de que quaisquer que sejam os diretores desses departamentos, em nada serão prejudicados os planos traçados com a cooperação da Fundação Rockefeller. (19)

Apesar das palavras tranquilizadoras de Pedro Dias, o projeto original não foi cumprido inteiramente. A construção do hospital, parte integrante dos planos e um dos aspectos importantes do modelo introduzido pela Fundação Rockefeller, só viria a se concretizar em 1944. Ou seja, treze anos depois de concluídas as obras dos edifícios centrais,

destinados aos laboratórios, administração, bibliotecas e salas de aula, que ficaram prontos em 1931.

Em sua narrativa sobre a história da Universidade de São Paulo, Ernesto de Souza Campos considerou "evasiva" a atitude de Julio Prestes:

*Julio Prestes sucedeu Carlos de Campos quase na época do início das obras do prédio dos laboratórios, a ser construído com os recursos da Fundação Rockefeller. Assim, já no seu governo, ocorreu o lançamento da pedra fundamental do grandioso edifício no planalto do Araçá.*

*Naquele mesmo dia, 25 de janeiro de 1928, indagamos do novo presidente, finda a cerimônia, quais seus propósitos relativamente à edificação do hospital, cujas despesas seriam custeadas pelo Estado, em conformidade com o acordo estabelecido e a permissão constante da lei nº 2.124, de 1925, sancionada por Carlos de Campos.*

*A resposta foi evasiva. Previmos, então, que nada se faria durante seu governo, em favor do hospital, então projetado (...). E realmente nada se fez no governo de Julio Prestes, neste sentido, apesar dos recursos votados pelo poder legislativo e da íntima amizade que dedicava a Pedro Dias. Não houve possibilidade de arrancar-lhe um único centavo para aquele compromisso, que por outro lado a Rockefeller estava executando fielmente (...).*

*Passou-se todo o governo de Julio Prestes sem que pudéssemos sequer iniciar as fundações do hospital. Sobreveio, no fim do seu governo, a revolução de 1930. E o hospital ficou no esquecimento por 10 anos. (20)*

Os edifícios da Faculdade, construídos com recursos da Fundação Rockefeller, foram inaugurados em 25 de janeiro de 1931. O Hospital das Clínicas, que representava a contrapartida do governo do Estado aos recursos liberados pela FR anteriormente, só começou a ser construído em 1938 e concluído em 1944. Atualmente, existem vários institutos anexos ao Hospital das Clínicas e o conjunto é considerado um dos maiores complexos hospitalares da América Latina.

#### V.4 - A Fundação Rockefeller e o processo de formação da comunidade científica

##### O caso da Genética

A importância do programa de formação e qualificação docente promovido pela Fundação Rockefeller pode ser aferido, por exemplo, pelas ações desencadeadas na década de 30 por André Dreyfus na área de Genética. Dreyfus pertencia aos quadros da Faculdade desde 1926, para onde fora atraído pelo tempo integral na cadeira de Histologia e Embriologia.

Como professor, Dreyfus atuou de forma "estimulante", criando em torno de si um grupo de estudantes interessados na especialidade, segundo depoimentos de ex-alunos, como Crodowaldo Pavan, ele próprio ex-bolsista da Fundação Rockefeller, e ex-presidente do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico em meados da década de 80. (21)

Com a formação da Universidade de São Paulo, Dreyfus assumiu a chefia do Laboratório de Biologia Geral da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, descrita por Simon Schwartzman "como um ambiente acadêmico capaz de criar uma ciência de alto nível e com potencialidades de aplicação". (22)

O trabalho ali desenvolvido por Dreyfus contribuiu para a vinda ao Brasil de Theodozius Dobzhansky, em 1943 a convite da Fundação Rockefeller. Sua atuação na

Universidade de São Paulo, onde foi recebido por Dreyfus e sua equipe, é descrito por Schwartzman como um "momento crucial do desenvolvimento da Genética no Brasil". (23)

#### Outros desdobramentos

A importância do ambiente científico legado pela introdução do tempo integral pode ser aferida também pelo depoimento de Zeferino Vaz, também ele herdeiro da tradição de pesquisa ali implantada pela ação da Fundação Rockefeller.

Zeferino ingressou na Faculdade de Medicina de São Paulo em 1926; formou-se em 1931 e obteve o título de doutor em Ciências em 1932. Ao ingressar na escola exatamente no ano em que as reformas introduzidas pela Fundação Rockefeller começaram a vigorar, Zeferino beneficiou-se do contato com nomes de grande importância para a pesquisa científica no país, entre os quais estavam, além do próprio Dreyfus, o do helmintologista Lauro Travassos.

Travassos foi contratado em março de 1926, junto com Cesar Pinto, ambos do Instituto Oswaldo Cruz, pelo período de dois anos para a cadeira de Biologia Geral e parasitologia, em substituição a Celestino Bourroul e Oscar Monteiro de Barros.

Pesquisador de prestígio internacional, Travassos era considerado na época "uma das maiores figuras vivas da helmintologia", conforme o depoimento de Zeferino Vaz.



Vaz reconhece em Travassos - e no trabalho conjunto desenvolvido nos laboratórios da Faculdade, nos três anos em que o parasitologista ali permaneceu - o modelo de ciência e cientista de grande impacto sobre "o jovem adolescente que mal tinha 17 anos". (24)

E foi exatamente esse modelo de excelência científica que Zeferino Vaz buscou imprimir nas instituições nas quais atuou. Primeiro reitor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), cargo que ocupou por cerca de doze anos, Zeferino Vaz foi uma das figuras centrais no processo de organização, implantação, e consolidação dessa e de outras instituições, entre as quais se encontram a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto, considerada um marco na ciência médica brasileira.

## CONCLUSÃO

Entre 1916 e 1931, a Fundação Rockefeller (FR) desempenhou um papel fundamental na organização da vida científica e acadêmica da Faculdade de Medicina de São Paulo, (FMSP) não só em relação aos aspectos ideológicos - sobretudo pela definição do modelo de ensino e pesquisa ali implantado -, como, também, no tocante à sua existência física.

Nesse período, a FMSP concebeu e executou, com recursos da FR e sob sua orientação, a construção de um dos mais modernos centros de ensino médico da época. A presença da FR em sua estrutura possibilitou à Faculdade estabelecer, a partir de então, um diálogo mais efetivo com a produção científica internacional, ao mesmo tempo em que propiciou à comunidade acadêmica redesenhar sua identidade, projetando a imagem de uma escola de vanguarda.

Tal inserção não teria sido possível sem o patrocínio da FR, uma vez que, desde sua criação, a Faculdade vinha se debatendo com dificuldades para se implantar com um mínimo de condições e infra-estrutura necessárias ao funcionamento. Nesse sentido, a escola enfrentou, nos primeiros anos, obstáculos decorrentes da dispersão de suas atividades localizadas em instalações repartidas e inadequadas, dificuldades que só foram superadas com a inauguração de suas instalações definitivas em 1931. Para sua construção, a FR ofereceu recursos e apoio logístico, a fim de que uma comissão da Faculdade visitasse cerca de 200 instituições na Europa, Estados Unidos e

Canadá, em busca de informações que subsidiasse os projetos. Uma vez elaborados, estes projetos foram também executados com recursos repassados pela FR.

Por outro lado, para tais recursos fossem liberados, a FR exigiu que os regulamentos da escola estivessem de acordo com seu modelo de ensino e pesquisa, cuja concepção assentava-se essencialmente sobre três aspectos: limitação do número de vagas em 50 (**numerus clausus**), tempo integral para os docentes nas disciplinas científicas (pré-clínicas), e ênfase no trabalho de laboratório, com a respectiva concentração destas atividades num espaço contínuo. Outra característica do modelo proposto era a organização do sistema universitário em departamentos com maior autonomia.

As exigências feitas pela FR à Faculdade foram atendidas, configurando-se a alteração de seu regulamento original na aprovação do decreto nº 3.874 em 11 de julho de 1925, cuja execução entrou em vigor a partir de 1º de janeiro de 1926. As alterações introduzidas credenciaram a Faculdade a receber os recursos da Fundação Rockefeller, cujo montante, em 1930, atingiu cerca de US \$ 1 milhão, uma cifra bastante expressiva, considerando-se que para o combate da febre amarela o país recebeu da mesma instituição, entre 1916 e 1940, aproximadamente US \$ 4 milhões. (1)

A associação entre as duas instituições foi bastante favorecida pelo fato de a Faculdade ser uma escola recém-criada em 1915 - ano em que a primeira comissão da FR

chegou ao Brasil para estudos preliminares acerca da viabilidade de apoiar centros de ensino médico no país. As condições privilegiadas de São Paulo não escaparam à avaliação da comissão. Afinal, o Estado já se tornara o pólo dinâmico da economia nacional com base na atividade cafeeira, dispunha de uma base científica respeitável e de uma escola médica recém-criada.

Em seu relatório datado de 1915, a comissão avaliou que a então denominada Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo seria mais receptiva a ações que alterassem sua estrutura acadêmica, ao contrário das escolas tradicionais. No caso, as escolas tradicionais estavam localizadas nas cidades de Salvador (BA) e Rio de Janeiro (RJ). Elas foram as primeiras instituições de ensino médico-cirúrgico do país, criadas em 1808 em decorrência da transferência da corte portuguesa para o Brasil.

As previsões de receptividade às mudanças que deveriam ser introduzidas na estrutura da Faculdade, constantes do relatório de 1915, confirmaram-se dez anos depois, com a alteração dos regulamentos em 1925. Assim, os anos de 1925 e 1926 podem ser considerados como o período fundamental para a institucionalização das alterações introduzidas pela Fundação Rockefeller na estrutura de ensino e pesquisa da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Algumas observações, consequências e implicações da adoção deste modelo podem ser destacadas:

a) ao longo do processo de associação entre as duas instituições, a direção da Faculdade assumiu claramente o discurso e o modelo da Fundação Rockefeller. Depois da alteração dos regulamentos, e em diferentes circunstâncias, diretores e outros membros graduados da Faculdade passaram a se referir à escola como modelo de organização a ser difundido no continente sul-americano. Originalmente, o projeto de criação da Faculdade de Medicina visava atender necessidades locais, ou seja, do Estado de São Paulo, não havendo sequer referência à pretensão - mesmo eventual - de que a escola se tornasse um modelo para o país.

Portanto, boa parte de sua identidade, ou seja, o conceito e a imagem que sua comunidade - acadêmica e científica - desenvolveu, introjetou e projetou acerca de si mesma esteve calcada no modelo de excelência introduzido pela Fundação Rockefeller. De tal forma que, mesmo depois de decorridas algumas décadas de implantação do modelo, seus preceitos básicos continuariam a ser seguidos quase como dogmas pela direção da escola.

Nesse sentido, vale a pena reproduzir um trecho do depoimento concedido por Zeferino Vaz a Tjerk Franken e Ricardo Guedes, em 1977, onde o depoente assume que o cerne do modelo da Fundação presidia as concepções e as decisões da elite universitária, sem, no entanto, referir-se explicitamente a ele:

*Zeferino Vaz - (...) em 1951, o Conselho Universitário e o governador de então, que era o Lucas Garcez, entederam que se devia fazer uma nova Faculdade de Medicina no Estado de São Paulo - porque havia a Faculdade de Medicina de*

Pinheiros (Faculdade de Medicina de São Paulo) e havia a Escola Paulista de Medicina. Mas o número de candidatos ao curso médico crescia assustadoramente, e havia uma pressão tremenda para ampliar o número de vagas aqui de Pinheiros.

Tjerk Franken - E muita gente vinda do interior, não é?

Z.V. - Milhares. E a pressão para aumentar o número de vagas, porque eram apenas 80, 90 vagas. Mas aumentar o número de vagas é diminuir a qualidade de ensino.

Ricardo Guedes - A USP resistia a essa idéia de aumentar o número de vagas?

Z.V. - Ah, sim, claro. Sobretudo a Congregação da Faculdade de Medicina. Ferozmente, não admitiam nunca.

T.F. - Até hoje?

Z.V. - Até hoje. E ela mesma preconizou a criação de uma nova Faculdade, integrante da USP no interior. E foi-me apresentado esse desafio de criar uma Faculdade de Medicina no interior. (2)

b) apesar de a concepção de base ser o modelo da Fundação Rockefeller, a análise dos documentos deixa entrever um fato curioso: existe a percepção de que a contribuição da Fundação Rockefeller foi importante. Contudo, sua importância é reconhecida mais em termos materiais do que propriamente pelo modelo de profissionalização da atividade científica que implantou na Faculdade de Medicina. Ou seja, em publicações oficiais, comemorativas a fatos ou personagens de sua história, a Fundação Rockefeller é frequentemente reverenciada pela construção da infra-estrutura física, edifícios e laboratórios, que a liberação dos recursos na década de 20 permitiu. Em relação à introdução do tempo integral para a pesquisa pré-clínica, as referências são difusas e desarticuladas.

Vale a pena ressaltar, mais uma vez, que a liberação dos recursos para a construção dos edifícios tinha como pré-condição a aprovação do tempo integral, redução do número de alunos e ênfase no trabalho de laboratório. Posteriormente, a organização espacial das atividades de ensino obedeceu a critérios internacionais. Para que as plantas e projetos tivessem o necessário apuro técnico no sentido de concentrar as atividades em espaços contínuos, a Fundação Rockefeller insistiu na formação de uma comissão de estudos que viajasse ao exterior em busca de subsídios. A comissão, coordenada por Ernesto de Souza Campos, visitou cerca de 200 instituições de ensino e pesquisa nos Estados Unidos, Canadá e Europa.

c) quando a Fundação Rockefeller estabeleceu os primeiros contatos com a Faculdade de Medicina de São Paulo, em 1916, a comunidade científica era, no Brasil, um grupo ainda em formação, tanto em termos quantitativos, quanto ideologicamente. Vale lembrar que a caracterização de um grupo social enquanto "comunidade científica" dá-se pela aceitação e incorporação por esse grupo de regras próprias de conduta que definem a inclusão ou exclusão de seus membros.

No caso, a condição de grupo em processo de diferenciação social, ou seja com identidade em gestação, ajuda a explicar a adesão do corpo dirigente e discente da Faculdade ao modelo introduzido pela Fundação Rockefeller. Afinal, produzir ciência no país ainda era uma atividade incipiente, havendo, portanto, pouco a contrapor em termos de modelos, e avidez em experimentar o que estava disponível ou era oferecido.

d) a análise dos documentos permitiu inferir ter existido uma "tensão" permanente entre o meio acadêmico-científico e o meio político no tocante aos acordos com a Fundação Rockefeller, uma vez que ao governo do Estado cabia arcar com as contrapartidas necessárias aos recursos e benefícios concedidos. Enquanto a Faculdade de Medicina esteve sob a direção de uma figura de grande prestígio da elite local como foi o caso do médico Arnaldo Vieira de Carvalho, as resistências foram menores e facilmente neutralizadas. Depois de sua morte, em 1920, uma profusão de nomes se sucederam na direção da escola, até que se fixou novamente na figura do médico Pedro Dias da Silva, que assumiu em 1924 e ficou no cargo até 1930.

Enquanto durou a disputa pelo poder dentro da Faculdade de Medicina, sua capacidade de negociação com o governo enfraqueceu-se consideravelmente, tendo sido os anos que vão de 1920 a 1924 o período mais crítico em termos de articulação dos acordos com a Fundação Rockefeller. Deve-se destacar que Pedro Dias da Silva não era um quadro oriundo da Faculdade, o que gerou resistências por parte do meio acadêmico à indicação de seu nome para a direção da escola. Curiosamente, no entanto, foi na sua gestão que a Faculdade logrou acertar as pendências na gestão e articulação dos acordos entre as duas instituições.

Figura de confiança do governador Carlos de Campos, o que facilitava o trânsito junto às esferas políticas, Pedro Dias da Silva obteve do governo do Estado autonomia e poder



para gerir o relacionamento entre a Faculdade de Medicina e a Fundação Rockefeller. A estabilidade alcançada no período revelou-se fundamental para a conclusão dos acordos.

Nos seis anos de sua gestão, os regulamentos foram alterados e as mudanças aprovadas pelo Legislativo, as reformas entraram em vigor, com a contratação de professores em tempo integral e ênfase na pesquisa científica. A ampla reformulação da Faculdade passou inclusive a ser conhecida como Reforma Pedro Dias.

Durante sua gestão, novos acordos e encaminhamentos foram estabelecidos com a Fundação: a formação da comissão de estudos que embarcou para o exterior em busca de subsídios para a construção dos edifícios definitivos da Faculdade, a liberação de recursos para a construção e compra de equipamentos dos laboratórios, e o início das obras que foram concluídas em 1931, um ano após sua saída da direção da escola.

e) apesar da concretização dos acordos com a Fundação Rockefeller, ainda assim, o tipo de associação propiciada pela filantropia organizada em larga escala - uma atividade incomum e desconhecida da cultura local - continuou a ser visto com desconfiança pelo Executivo e Legislativo.

É interessante notar que ao meio político escapava quais poderiam ser as "verdadeiras intenções" da Fundação Rockefeller. Decorreram daí resistências calcadas em suspeitas tais como suas atividades constituírem-se em "fachada" para a penetração de interesses norte-americanos no

oais, fossem eles econômicos, religiosos, ideológicos, ou visando a utilização de brasileiros como cobaias de produtos farmacêuticos ainda insuficientemente testados.

Finalmente, um bom indicador das resistências do governo de Estado no cumprimento dos acordos pode ser encontrado no postergamento no episódio do Hospital das Clínicas, cuja construção representava a contrapartida de São Paulo aos edifícios construídos e equipados com recursos da Fundação Rockefeller.

Projetado pelo mesmo Escritório Técnico que concebeu as plantas da Faculdade, o hospital deveria ter sido erguido paralelamente às novas instalações da escola, até porque a utilização articulada dos espaços - escola e hospital - era parte integrante do modelo da FR. Contudo, suas obras só foram concluídas mais de uma década depois de inauguradas as instalações definitivas da Faculdade.

f) ao contrário das esferas políticas, a comunidade acadêmica e científica local não polemizou a associação com a Fundação Rockefeller, pelo menos no âmbito da Faculdade, devido, possivelmente a dois aspectos: a escassez de recursos para atividade científica e a ausência de modelos a contrapor.

É interessante observar, no entanto, que o corpo docente da Faculdade assumiu a concepção e o discurso da Fundação Rockefeller, sem assumir a "paternidade" do modelo. Ou seja, embora, haja oficialmente referências frequentes ao

"auxílio" prestado pela FR, a Faculdade não conseguiu produzir até hoje uma análise consistente do significado, implicações e desdobramentos de sua associação com a Fundação Rockefeller.

Dessa forma, o prestígio adquirido em razão dos resultados alcançados com a profissionalização da atividade científica é visto como decorrência dos atributos individuais daqueles que ajudaram a construir a escola. Ou seja, é fruto do talento de seu corpo docente e não o resultado da introdução de um modelo profissional de ensino e pesquisa.

g) contudo, mais importante do que aferir as comendas, homenagens ou o reconhecimento oficial, é perceber de que maneira a concepção de excelência científica da Fundação Rockefeller cristalizou-se e difundiu-se para outras instituições acadêmicas e científicas no Brasil, a partir de sua associação com a Faculdade de Medicina de São Paulo.

É possível entender essas ramificações tendo em vista pelo menos dois focos de abordagem. De um lado, a partir da institucionalização de disciplinas científicas, como se deu com a Genética, na Universidade de São Paulo. A segunda abordagem pode ser desenvolvida acompanhando-se a trajetória institucional de figuras-chaves na difusão do modelo introduzido pela Fundação Rockefeller. Nesse caso, e a partir da Faculdade de Medicina de São Paulo, duas figuras foram especialmente relevantes: Ernesto de Souza Campos e Zeferino Vaz.

Ernesto de Souza Campos já tinha se formado

em Engenharia na Escola Politécnica de São Paulo quando ingressou na primeira turma da então Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Como estudante, foi, em 1913, um criadores e presidente por cinco anos do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, ainda em atividade. Depois de formado, ingressou na Faculdade como professor e estagiou em Manguinhos. Pertence à geração de pesquisadores que Simon Schwartzman denominou "pioneiros", ao designar aquele grupo de pessoas que ajudou a implantar a atividade científica no país. (3)

Fiel aos ideais de pesquisa científica da Fundação Rockefeller, sua atividade como "disseminador" desta concepção foi desenvolvida, sobretudo, dentro da estrutura burocrática da Universidade de São Paulo, onde ocupou diversos cargos, entre os quais o de presidente da Comissão de Pesquisa Científica, "constituída em 1948 (...) com a finalidade de coordenar e estimular a investigação científica, cabendo-lhe, ainda, a missão de apurar o rendimento do trabalho dos docentes em regime de tempo integral". (4)

Zeferino Vaz, por sua vez, pode ser considerado, em termos de difusão dos ideais da FR, um continuador de Ernesto de Souza Campos, embora sua atuação tenha sido muito mais abrangente. Além de membro do Conselho Universitário da Universidade de São Paulo por mais de 27 anos, Zeferino Vaz estendeu a outras instituições o modelo de pesquisa apreendido enquanto estudante na Faculdade de Medicina de São Paulo, onde ingressou em 1926. Ou seja, exatamente no ano em que passaram a vigor as alterações introduzidas pela Fundação

Rockefeller.

O depoimento de Zeferino Vaz é bastante revelador acerca da influência do ambiente de pesquisa que encontrou na Faculdade:

*Tjerk Franken - O senhor entrou (na Faculdade) com a idéia de seguir carreira de médico?*

*Zeferino Vaz - De médico, como todos nós. Clínico. Naquele tempo nem se pensava em ciência. Sucede, porém - e isto é um depoimento fundamental -, que no dia 10 de março de 1926 ministrou a primeira aula de Parasitologia para a minha turma o professor Lauro Pereira Travassos, que viera de Manguinhos, contratado pela Faculdade de Medicina. O diretor Pedro Dias da Silva contratou o professor Lauro Travassos, que trazia como assistente Cesar Pinto.*

*Duvida a primeira aula, quando ela terminou, o jovem adolescente, que mal tinha 17 anos, tem o atrevimento de ir à sala do Professor Travassos, que era uma salinha mínima, ridícula, e dizer a ele: "Professor, sei que vou fazer Parasitologia, o senhor me deixa trabalhar consigo?" Ele (...) me diz: "Olha, menino, vou fazer uma autópsia agora, você quer me ajudar?"*

*(...) Um homem como Lauro Travassos (...) já era considerado uma das maiores figuras vivas da Helminologia. Havia saído recentemente o livro de York and, ingleses de Oxford, que é um tratado de Nematóides. A introdução, a filosofia de Nematologia era quase toda do Travassos. Discutia pontos de vista dos outros mas ... "However we prefer to follow Travassos". "As Travassos has pointed out". Isso na introdução. Na bibliografia, mais de uma centena de trabalhos do Travassos citados.*

*Então vejam o que é o autêntico cientista (...) que diz àquele jovem adolescente que ele conheceu ali, no primeiro dia. "Você quer me ajudar na autópsia que eu vou fazer?" "Isso eu quero sim". "Então vai vestir o avental". E a partir daí, durante três anos consecutivos - 26, 27 e 28 nós nunca dissemos até amanhã, porque nunca saímos do laboratório antes de duas horas da manhã.*

*(...) Três anos maravilhosos, em que ele pouco ensinava. Vejam, ele me dava problemas para resolver, cada vez mais complicados, ele me dava desafios, me orientava na busca da bibliografia, me orientava nas técnicas. Como clarear um nematóide, como corar um trematódeo, como obter a boca de nematóide extremamente pequeno para cima do microscópio (...).*

*Mas sobretudo ele ensinou a necessidade de ser honesto na bibliografia científica, ler tudo que se publica sobre a especialidade, para não estar descobrindo a América de novo, para ser honesto em valorizar aquilo que já foi feito e por quem foi feito (...). Recebia desse homem esse impacto contínuo de informação.*

Nesse sentido, pode-se afirmar que Zeferino Vaz modelou sua mentalidade científica num ambiente marcado intensamente pela presença e atuação da Fundação Rockefeller. Anos mais tarde, em 1951, ele próprio viria a receber recursos da FR para a implantação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto, ou FNUSP-PP), nos moldes de excelência preconizados pela Fundação.

A mesma ênfase à pesquisa científica pode ser identificada no cerne do modelo que direcionou a implantação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), projeto que Zeferino Vaz ajudou a elaborar e implantar, tendo sido seu primeiro reitor, cargo no qual permaneceu por doze anos.

Por outro lado, a importância de Ernesto de Souza Campos e Zeferino Vaz, como disseminadores do modelo da Fundação Rockefeller pode ser aferida, também, pela documentação que a própria instituição mantém acerca de ambos (4).

Finalmente, pode-se afirmar que o êxito da Fundação Rockefeller ao associar-se com a Faculdade de Medicina de São Paulo foi parcial no tocante à amplitude territorial, uma vez que sua expectativa era torná-la um pólo irradiador de seu modelo para a América do Sul, sem considerar a diversidade social, econômica e cultural da região. Contudo, do ponto de

vista dos resultados obtidos no cerne de instituições científicas brasileiras, os resultados se fazem sentir até os dias de hoje, o que permite afirmar que sob esse ponto de vista o êxito da Fundação Rockefeller é surpreendente. E que mais surpresas hão de surgir, à medida em que novas pesquisas nessa direção forem realizadas.

## NOTAS

### INTRODUÇÃO

- (1) Cf. SCHWARTZMAN, Simon. *Formação da Comunidade Científica no Brasil*. RJ: Ed. Nacional, 1979, 481p. especialmente os capítulos 6 e 7.
- (2) Cf. TEIXEIRA, Anísio. *Ensino Superior no Brasil: Análise e Interpretação de sua Evolução até 1969*. RJ: FGV, 1989, 186p., e AZEVEDO, Fernando. *As Ciências no Brasil*. RJ: Melhoramentos, 1955, 2 vols.
- (3) Cf. BEN-DAVID, Joseph. *O Papel do Cientista na Sociedade*. SP: Pioneira-Edusp, 1974, 281 p.
- (4) Cf. SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 17a. ed. SP: Cortez, 1991, 252p., p. 115.
- (5) Cf. WHEATELEY, Steven C. *The Politics of Philanthropy: Abraham Flexner and Medical Education*. Madison: Wisconsin University Press, 1989, xx + 249p.



## CAPÍTULO I

- (1) Cf. KOHLER, Robert E. Science, Foundations, and American Universities in the 1920s. *Osiris*. [Philadelphia]: University of Pennsylvania, 3: 135-64, 2nd series, 1987
- (2) Cf. FOSDICK, Raymond. *La Fundación Rockefeller*, trad. do inglês [The Story of The Rockefeller Foundation] por Julio Luelmo. México: Grijalbo, 1957, 363p.
- (3) Consultar: ARNOVE, Robert (ed.). *Philantropy and Cultural Imperialism: The Foundation at Home and Abroad*. Bloomington: Indiana University, 1982, 482p.
- (4) VALLA, Victor. Os Estados Unidos e a Influência Estrangeira na Economia Brasileira: Um Período de Transição (1904-1928). *Revista de História*, São Paulo, 42 (85): 147-74, jan.-mar. 1971. A esse respeito, consultar, também, BURNS, E. Bradford, As Relações Internacionais do Brasil durante a Primeira República, in: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo III, *O Brasil Republicano*, 2º vol., *Sociedade e Instituições (1889-1930)*, 2ª. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978, p. 375-401. Sobre as relações comerciais entre os dois países, Burns registra: "Acentuaram-se as relações amistosas entre o Brasil e os Estados Unidos durante as últimas décadas do século XIX. Os norte-americanos surgiram como os melhores fregueses das três principais exportações brasileiras: café, borracha e cacau. Desde 1865, os Estados Unidos tinham importado a maior quota isolada de café do Brasil; e, depois de 1870, com a abolição dos impostos de importação sobre o café, os Estados Unidos passaram a comprar mais da metade dos grãos do café brasileiro vendidos no estrangeiro. Por volta de 1912, Nova Iorque se transformara no maior mercado de borracha do mundo e quase 60% de borracha negociados eram brasileiros. Da mesma forma, os norte-americanos consumiam mais cacau do Brasil do que qualquer outro país. O resultado foi que, em 1912, os Estados Unidos compravam 36% das exportações do Brasil, ao passo que o segundo mercado mais importante, a Grã-Bretanha, adquiria apenas 15%", p. 377.
- (5) BURNS, E.B. op. cit. p. 379-380: "O pragmático Barão do Rio Branco, que se tornou Ministro das Relações Exteriores no fim de 1902, (...) compreendeu cabalmente a relação entre o comércio e diplomacia e também a **Realpolitik** do hemisfério. O chanceler classificou Washington, imediatamente, como a capital mais importante para a diplomacia brasileira (...). Desde o princípio, trabalhou com habilidade para conseguir a compreensão e o apoio do Departamento de Estado para as suas metas. Uma medida de seu êxito foi a mútua elevação, no começo de 1905, das legações do Brasil e dos Estados Unidos à condição de embaixadas: a primeira embaixada dos Estados Unidos na América do Sul e a primeira embaixada do

Brasil num país estrangeiro (...)".

- (6) CANDEIAS, Nelly Martins Ferreira. *Memória Histórica da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo: 1918-1946*. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, 18: 2-60, 1984, p. 2.
- (7) Cf. correspondências enviadas por Arnaldo Vieira de Carvalho, diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, e Alexandrino Moraes Pedrosa, professor da cadeira de histologia, a Richard Mills Pearce, diretor da Divisão de Educação Médica da Fundação Rockefeller, em 24 de novembro de 1916 (*Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo*). Deve-se registrar que Alexandrino havia sido aluno de Pearce, no departamento de Pesquisas Médicas da Universidade da Pennsylvania, Filadélfia. Acerca dos primeiros contatos entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina, consultar, também, CANDEIAS, op. cit. p. 4; LACAZ, Carlos da Silva. *Faculdade de Medicina: Reminiscências, Tradição, Memória de minha escola*. São Paulo: ed. do autor, 1985, p. 5.
- (8) Cf. BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil: Dois séculos de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973, xx + 500p.
- (9) A relação entre as campanhas de saúde pública e a penetração da indústria farmacêutica no país foi primeiramente estabelecida por Elza NADAI em *Ideologia do Progresso e Ensino Superior: São Paulo 1891-1934*, São Paulo: Loyola, 223p. A autora se refere a dados de Caio PRADO Jr em *História Econômica do Brasil*. 11a. edição, São Paulo: Brasiliense, 1973, 360p., onde o historiador afirma o seguinte: "...as primeiras indústrias subsidiárias [norte-americanas] já datam no Brasil de antes da I Grande Guerra. Entre outras, pode-se citar a **Fullman Standard Car Export Corporation**, a primeira de vulto que se instalou no Rio de Janeiro em 1913, com oficinas de montagem de material ferroviário. Durante a guerra, ou pouco antes, afluem várias indústrias subsidiárias, mas de um tipo diferente: são os frigoríficos, que não visam o mercado brasileiro, mas apenas o aproveitamento da matéria-prima abundante no país, e exportação de carne para a Europa. São eles: **Wilson & Company, Armour, Swift, Continental, Anglo**. Toda a indústria brasileira de carnes congeladas (a que se juntou logo a de conservas) foi sempre e ainda é na maior parte constituída de filiais de grandes empresas estrangeiras, norte-americanas em particular. Mas é depois da I Grande Guerra que as indústrias subsidiárias se multiplicam no Brasil. Só as norte-americanas (são as mais numerosas, mais importantes e únicas que possuímos dados completos) somam 16, todas de grande vulto, estabelecidas entre 1919 e 1932. Os ramos principais da sua produção são: veículos motores, produtos farmacêuticos e químicos, aparelhamento elétrico, alimentação (farinhas, conservas, etc)" p. 267.

- (10) Para uma visão de conjunto sobre a trajetória da Fundação Rockefeller, tendo em vista diferentes perspectivas de análise, consultar, entre outros: ARNOVE, Robert. op. cit.; KARL, Barry D. e KATZ, Stanley N. *The American Private Philanthropic Foundation and the Public Sphere 1890-1930*. *Minerva*. [London], 19 (2): 236-81, summer 1981; KOHLER, Robert E. op. cit. e *Science and Philanthropy: Wickliffe Rose and the International Education Board*, *Minerva*. [London], 23 (1): 75-95, spring, 1985; FISHER, Donald. *American Philanthropy and the Social Sciences in Britain: 1919-1939: The Reproduction of a Conservative Ideology*, *Sociological Review*. Keele, 28 (2): may, 1980; MACRAKIS, Kristie. *The Rockefeller Foundation and German Physics under National Socialism*, *Minerva*. London, 27 (1): 33-57, spring 1989; WHEATELEY, Steven C. op. cit.; CUETO, Marcos. *The Rockefeller Foundation's Medical Policy and Scientific Research in Latin America: The case of Physiology*, *Social Studies of Science*. 20: 229-54, 1990. Santos, Luiz A. de Castro. *A Fundação Rockefeller e o Estado Nacional (História e Política de uma Missão Médica e Sanitária no Brasil)*, *Rev. Brasileira de Estudos da População*. São Paulo, 6 (1): 105-10, jan/jun. 1989.
- (11) ARNOVE, Robert (org.). op. cit. p. 1. e 4.
- (12) BROWN, E. Richard. *Rockefeller Medicine Men: Medicine and Capitalism in America*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1979, 282p.
- (13) Idem, ibidem, p. 8.
- (14) LABRA, Maria Eliana. *O Movimento Sanitarista nos Anos 20: Da conexão sanitária internacional à especialização em saúde pública no Brasil*. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Administração Pública da Fund. Getúlio Vargas, 1985, 399p. (dissertação de mestrado), p. 21
- (15) CUETO, Marcos. *Ciencia y Filantropia en las Americas*. Conferência apresentada no III Congresso Latinoamericano de Historia da Ciência e da Tecnologia, Cidade do México, janeiro de 1992, 15 p., p. 3.
- (16) Idem, ibidem, p. 4.
- (17) Idem, ibidem, p. 4.
- (18) KOHLER, Robert E. op. cit. p. 135.
- (19) Cf. FOSDICK, Raymond. op. cit. p. 18 e 19. Confirma também: LAMURE, Pierre. *John D. Rockefeller*. Paris: Plon, 1937, 96p. e LATHAM, Earl (ed.) et alii. *John D. Rockefeller: Robber Baron or Industrial Statesman?* Boston: D. C. Heath, 1949, x + 116p. (Problems in American Civilization)
- (20) FOSDICK, Raymond. op. cit. p. 21.

- (21) Idem, ibidem, p. 22.
- (22) Idem, ibidem, p. 19.
- (23) Idem, ibidem. Acerca de Gates, Fosdick registrou: "Até o ano de 1890 - disse Mr. Rockefeller - seguia eu, entretanto, o costume de fazer donativos ao acaso em todas as partes em que os pedidos se formulavam. Eu investigava como podia, e trabalhava nesta atividade sozinho, com uma tensão nervosa esgotadora e às cegas, sem uma ajuda adequada, sem normas, através deste campo cada vez mais extenso do esforço filantrópico". É completa: "Mister Gates transformou de maneira tão completa este sistema que, vinte e cinco anos mais tarde, Mr. Rockefeller se referiu a ele como o **gênio condutor de todos os nossos donativos**". Quanto à avaliação do próprio Gates, Fosdick documentou: "Eu desenvolvi, e introduzi gradualmente em todas as suas obras caritativas, os princípios da dádiva científica, e não se passou muito tempo até que ele abandonasse quase totalmente o sistema de fazer pequenos donativos, entrando, em contrapartida, com segurança e tranquilidade no terreno da filantropia em grande escala". p. 21.
- (24) HOWE, Barbara. The Emergence of Scientific Philanthropy, 1900-1920: Origins, Issues and Outcomes. p.25-54 in: ARNOVE, R. op. cit. p. 28.
- (25) Idem, ibidem, p. 29.
- (26) Cf. KOHLER, Robert E. Science and Philanthropy: Wickliffe Rose and the International Education Board. *Minerva*. [London], 23 (1): p. 75-95, spring 1985. Consultar, também, ARNOVE, Robert F. Foundations and the Transfer of Knowledge. in: ARNOVE, Robert F. op. cit. p. 305-32, que trata, sobretudo, das concessões no período pós-II Guerra. Uma análise mais apurada do papel da filantropia científica, promovida pela Fundação Rockefeller pode ser encontrada em ABIR-AM, Pnina G. The Discourse of Physical Power and Biological Knowledge in the 1930s: A Reappraisal of the Rockefeller Foundation's 'Policy' in Molecular Biology. *Social Studies of Science*. London/Beverly Hills: 12: 341-82, 1982. A autora propõe, nesse artigo, uma nova interpretação sobre o papel da Fundação Rockefeller no desenvolvimento da biologia molecular, e alerta para as análises que se apoiaram demasiadamente nos documentos oficiais, lembrando que "(...) the heavy realiance of these studies on the policy documents produced by Foundation's officers has tended to reflect, rather than reflect upon, the officers' perspective. In some cases, (...) the arguments follows a mere reiteration of the view of one Foundation officer", op. cit. p. 343. Consultar, também, da mesma autora, The Assessment of Interdisciplinary Research in the 1930s: The Rockefeller Foundation and Physico-chemical Morphology. *Minerva*, [London], 26 (2): 153-76, summer 1988.

- (27) Cf. BROWN E. Richard, op. cit. p. 13 e 14, e HOWE, Barbara, op. cit. p. 25 e 26. Cf., também, KARL, Barry D. e KATZ, Stanley N., op. cit.
- (28) FOSDICK, Raymond, op. cit. p. 20.
- (29) Idem, ibidem. Sobre a demanda e irracionalidade dominantes, Fosdick reproduziu um trecho onde Gates relata os percalços do magnata com missionários batistas: "[Rockefeller] Havia dirigido uma pequena sociedade estrangeira de missões (...) Cada dia recebia, individualmente, pedidos de missionários batistas que trabalhavam em alguma das regiões onde havia missões batistas... Seu escritório, sua casa, sua mesa se viam acossadas por missionários que regressavam, cada um desconhecendo quase que por completo todos os campos de atividade missionária que não fossem seu próprio campo... Nós cortamos a corrente daqueles pedidos privados dos missionários, remetendo cada um deles diretamente aos diretores executivos das missões em Boston. Mr. Rockefeller já não dava então milhares de dólares como antigamente, mas centenas de milhares, mas cada um destes dólares era investido sob a responsabilidade de uma junta especializada" p. 21.
- (30) Idem, ibidem, op. cit. p. 17 e 18.
- (31) FOSDICK, Raymond, op. cit. p. 17.
- (32) SLAUGHTER, Sheila e SILVA, Edward T. Looking Backwards: How Foundations Formulated Ideology in the Progressive Period. p. 55-86 in: ARNOVE, Robert, op. cit. p. 55.
- (33) Idem, ibidem, op. cit. p. 66.
- (34) Cf. MARKS, Russell. Legitimizing Industrial Capitalism: Philanthropy and Individual Differences. in: ARNOVE, Robert, op. cit. p. 87-122.
- (35) FOSDICK, Raymond, op. cit. especialmente o capítulo III.
- (36) HOWE, Barbara, op. cit. p. 26 e 27.
- (37) FOSDICK, Raymond, op. cit. p. 22 e 23
- (38) FEE, Elizabeth. *Disease and Discovery: A History of the Johns Hopkins School of Hygiene and Public Health, 1916-1939*. Baltimore/London: The Johns Hopkins University, 1987, xiv + 290p.
- (39) FOSDICK, Raymond, op. cit. p. 24.
- (40) Idem, ibidem, p. 41. Veja-se, também, as referências nas p. 51 e 52.

- (41) A linguagem "militar" que permeou o discurso da Fundação Rockefeller foi recorrente em diferentes membros de sua direção. Por exemplo, Fosdick, ao referir-se a Rose, o fez, nestes termos, em determinada passagem: "(...) Foi neste período que se manifestaram de forma extraordinariamente brilhante certas grandes qualidades de generalato e capacidade de organização do doutor Rose" (FOSDICK, Raymond, op. cit. p. 52). "Preparar a bomba", eis como Rose se referia à maneira de colher amostras para o serviço sanitário, em seu trabalho de controle da ancilostomíase no sul dos Estados Unidos, conforme relata Fosdick em outra passagem (op. cit., p. 58). Veja-se, também, p. 46, da mesma obra, como a nota 43, deste capítulo.
- (42) Id., ib., p. 61. CHOPE, H.D. *Princípios Fundamentais da Orientação da Fundação Rockefeller em Relação a Escolas de Saúde Pública*. O Arquivo Pró-Memória, Fac. de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, identifica o Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo como a segunda instituição de formação de quadros em saúde pública a ser beneficiada pela Fundação Rockefeller, logo após a criação da Johns Hopkins School of Hygiene and Public Health. O Instituto de Higiene da Fac. de Medicina e Cirurgia de São Paulo foi beneficiado com o acordo para a instituição da cadeira de higiene em 1918, enquanto que a Johns Hopkins School of Hygiene and Public Health foi criada com recursos da Fundação Rockefeller em 1916. apud CANDEIAS, Nelly Martins Ferreira. op. cit. p. 4
- (43) A metáfora é atribuída ao ex-presidente George Vincent, cf. FOSDICK, Raymond, op. cit. p. 61.
- (44) ARNOVE, Robert, op. cit. p. 5 e FOSDICK, Raymond, op. cit. p. 40.
- (45) Consultar a respeito FOSDICK, Raymond, op. cit., capítulo IV, p. 64-79.
- (46) ARNOVE, Robert, op. cit. p. 34.
- (47) Consultar a respeito: DICKSON, Douglas N. *Business and Its Public*. New York: Wiley, 1984, 468p.; LERBINGER, Otto. *Information, Influence and Communications: A Reader in Public Relations*, New York: Basic Book, ou, ainda, GURGEL, João Bosco Serra. *Cronologia da Evolução Histórica das Relações Públicas*. Brasília: Linha Grafica, 1984, 74p.
- (48) FOSDICK, Raymond, op. cit. p. 36.
- (49) Id., ib., p. 33 e 34.
- (50) Nas palavras de Gates: "Se a ciência e a educação são o cérebro e o sistema nervoso da civilização (...), a saúde é seu coração. A saúde é o órgão que impulsiona o fluido vital em todas as partes do organismo social, permitindo o

funcionamento de todos e cada um dos órgãos, medindo e limitando sua vida de modo efetivo ... A enfermidade é o mal supremo da vida humana e é a fonte principal de quase todos os demais males humanos: pobreza, crime, ignorância, vício, ineficiência, taras hereditárias, e muitos outros males", FOSDICK, Raymond. op. cit., p. 40.

(51) Idem, ibidem. op. cit. p. 357-60.

(52) Id., ib., consultar especialmente o capítulo VII, p. 118-31.

(53) Vide nota 6, capítulo I.

## CAPÍTULO II

(1) LACAZ, Carlos da Silva. op. cit. p. 130.

(2) Cf. comunicado oficial, **American Medical Association - Council on Medical Education and Hospitals**, 13 de março, de 1951, Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo. O documento foi reproduzido também em Lacaz, op. cit. p.38.

(3) Cf. NADAI, Elza. op. cit. cap. IV.

(4) Cf. **Centenário de criação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo 1891-1991**, publicação da Comissão de Eventos Comemorativos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, p. 4.

(5) **Collecção das Leis, Decretos e Resoluções do Estado de São Paulo**. São Paulo: Typ. do Diario Official, 1913. t. XX

(6) LACAZ, Carlos da Silva. op. cit. p. 20.

(7) NADAI, Elza. op. cit. p. 177-9.

(8) Idem, ibidem, p. 170.

(9) **Collecção das Leis, Decretos e Resoluções do Estado de São Paulo de 1892**. São Paulo: Typ. do Diario Official, 1897. t.II

(10) SANTOS, Luis Antônio de Castro. Estado e Saúde Pública no Brasil (1889-1930). **Dados: Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, 23 (2): 237-50, 1980. O autor ressalva, contudo, que: "A questão da imigração é certamente uma pista importante para a compreensão das políticas de saúde durante a Primeira República. Entretanto, a hipótese da imigração deixa entrever certos problemas se entendida como o único fator explicativo das reformas adotadas na área de saúde pública. De fato, se assumirmos que os interesses da

classe de cafeicultores constituíram a única explicação para o movimento de saúde pública, torna-se difícil explicar, à luz desta hipótese, as barreiras erguidas à penetração, nas áreas rurais, das novas medidas sanitárias (...) que perduraram até 1896", p. 247.

- (11) Consultar a respeito: STEPAN, Nancy. *Gênese e Evolução da Ciência Brasileira: Oswaldo Cruz e a Política de Investigação Científica e Médica*. Rio de Janeiro: Arteneva/Fundação Oswaldo Cruz, 1976, 194p. e FRANCO, Afonso Arinos de Mello Rodrigues Alves: *Apogeu e Declínio do Presidencialismo*. Rio de Janeiro/São Paulo: José Olympio/Edusp, 1973, 932p., 2 vs.
- (12) *Collecção de Leis, Decretos e Resoluções do Estado de São Paulo*. São Paulo: Typ. do Diario Official, 1913.
- (13) GUIMARÃES, Antonio da Palma. *Arnaldo Vieira de Carvalho: Biografia e Crítica*. [São Paulo]: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, [1967], lxxvi + 916p., 2 vs., p. 537-9.
- (14) Consultar *Annaes da Faculdade de Medicina de São Paulo*, São Paulo, 1: xii-xix, 1926.
- (15) NADAI, Elza. op. cit. p. 217.
- (16) ANNAES, op. cit. p. xvi-xvii
- (17) Para informações mais detalhadas, consultar os capítulos IV e V.
- (18) Sobre o movimento de eugenia no Brasil, consultar STEPAN, Nancy. *Eugenesis, Genética y Salud Pública: El Movimiento Eugenesico Brasileiro y Mundial*. *Quipu*. septiembre-diciembre, 1983, p. 351-385.
- (19) LACAZ, Carlos da Silva. op. cit. p. 113, 123 e 129, e entrevistas com o autor. Consultar também o Museu da Faculdade de Medicina que funciona no prédio da escola.
- (20) Cf. STEPAN, Nancy. *Gênese...* capítulo VII que trata da criação dos institutos de pesquisa em São Paulo, nas últimas décadas do século XIX.
- (21) Cf. respectivamente as notas 9 e 14 deste capítulo.
- (22) Para uma análise detalhada da ideologia da modernização através do ensino superior em São Paulo, consultar NADAI, Elza. op.cit., especialmente o capítulo IV para o caso da Faculdade de Medicina.
- (23) Cf. Lei nº 1357, de 19 de dezembro de 1912, *Collecção de Leis, Decretos e Resoluções do Estado de São Paulo*. São Paulo: Typ. do Diario Official, 1923.



(24) Idem, ibidem.

(26) Acerca da importância da Faculdade de Medicina para a institucionalização da carreira científica no Brasil, bem como da composição original do corpo docente, Fernando de Azevedo registrou o seguinte: "O alto padrão da Universidade de São Paulo se explica, antes de mais nada, por ter sido precedida de mais de vinte anos por uma escola preparatória daquele espírito, dando ensejo a algumas experiências cujos bons resultados serviram de exemplo. Começamos (...) pela Faculdade de Medicina (...). Funcionando em vários prédios adaptados, teve, desde o começo, vários professores estrangeiros contratados. Tomou grande impulso depois da cooperação da Fundação Rockefeller, sobretudo útil na adoção de várias medidas de capital importância, máxime as relativas ao tempo integral e limitação de matrícula. Nos departamentos com grande autonomia, desenvolveu-se a pesquisa, e como é a alma da Universidade, pode-se concluir que de São Paulo começaram a soprar os bons ventos renovadores da viciada atmosfera de algumas congêneres. Com a mudança para ótimas instalações, em 1931, ficou sendo a nossa escola padrão. Dos professores estrangeiros contratados, nenhum deu maior rendimento que Alfonso Bovero (Pecetto Torinese, 1871-1937), discípulo de Giacomini e Waldeyer, que liquidou com os arcaicos métodos estáticos do ensino anatómico, entre nós, ensinando uma anatomia mais viva, sem aquela memorização de minúcias e nomes, inúteis e pouco educativas (...). Pesquisador, transmitiu o gosto pela pesquisa a um largo grupo de assistentes, que depois prolongaram a tradição da cadeira matriz em outras faculdades. Os trabalhos seguiram duas linhas principais: Anatomia Comparada, e, no que se refere à humana, Anatomia "Racial", vale dizer antropológica e étnica, mas não apenas de esqueleto, incluindo também as partes moles. As maiores contribuições neste plano saíram dos laboratórios de Bovero e seus discípulos". In: *As Ciências no Brasil*, [São Paulo]: Melhoramentos, [1955], 414p. e 400p., 2 vs., p. 243-4 (v.II)

(26) Lei 1357, de 19.12.1912, *Collecção de Leis, Decretos e Resoluções do Estado de São Paulo*. São Paulo: Typ. do Diario Official, 1913.

(27) LACAZ, Carlos da Silva. op. cit. p. 2.

(28) Idem, ibidem, p. 2..

(29) Idem, ibidem, p. 3.

(30) Ernesto de Souza Campos ocupou vários cargos de destaque na administração pública. Além de diretor da Faculdade de Medicina, por um breve período, em 1930 (de 27 de outubro a 15 de dezembro), Souza Campos foi, também, ministro da Educação e Saúde Pública no governo do general Eurico Gaspar Dutra e permaneceu no cargo por menos de um ano (31.01.1946 a 07.12.1946). No início de sua carreira estagiou por dois

anos em Manguinhos. Participou das discussões que resultaram na criação da Universidade de São Paulo, em 1934, onde defendeu a criação de uma instituição menos utilitarista, concepção, afinal, vencedora (cf. SCHWARTZMAN, S. op. cit. p. 192). Entre 1937 e 1938, Souza Campos dirigiu a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Foi também professor da Faculdade de Medicina, onde destacou-se nas negociações com a Fundação Rockefeller, como poderá ser visto no decorrer desta dissertação. Com a criação da Universidade de São Paulo, e os trabalhos subsequentes para a criação da cidade universitária, Souza Campos foi designado presidente da Comissão da Cidade Universitária que encaminhou os trabalhos para a implantação do campus da Universidade. Presidiu, também, a Comissão de Pesquisa Científica criada por sua iniciativa, em 1948, na Universidade de São Paulo, "com a finalidade de coordenar e estimular a investigação científica, cabendo-lhe ainda a missão de apurar o rendimento do trabalho dos docentes em regime de tempo integral (...). A Comissão entre outros trabalhos deliberou organizar e publicar o Índice Bibliográfico dos trabalhos de todos os departamentos e cátedras submetidas ao regime do tempo integral. Considerou esse o único meio razoável de apurar a atividade dos docentes sem intervir, o que seria impraticável, na intimidade de organização e funcionamento de cada faculdade ou escola. O primeiro volume foi dedicado à Faculdade de Medicina, primeira instituição de ensino oficial a introduzir o regime de tempo integral em seus quadros. Foi publicado em 1950 sob o título de Índice Bibliográfico - 1º volume". Zeferino Vaz sucedeu Souza Campos na presidência da Comissão em 1951 (CAMPOS, Ernesto da Souza, op. cit. p. 262-3). Acerca do estreito relacionamento de Souza Campos com a Fundação Rockefeller, Zeferino Vaz cita uma passagem interessante envolvendo Dean Rusk por ocasião de sua visita ao Brasil, em 1958, como presidente daquela Fundação. Segundo Zeferino (op. cit., p. 81), Rusk, embora permanecendo apenas três dias no Brasil, dois dos quais passados em Ribeirão Preto e apenas um em São Paulo, fez questão de ir pessoalmente à residência de Ernesto de Souza Campos, então com 74 anos, a fim de prestar o reconhecimento da Fundação Rockefeller a um membro da comunidade acadêmica e científica que, no seu entender, tanto havia contribuído para o bom relacionamento entre as duas instituições.

(31) LACAZ, Carlos da Silva. op. cit. p. 2.

(32) Idem, ibidem, p. 2.

(33) Idem, ibidem, p. 2.

(34) Consultar nota 6, Capítulo I.

(35) Citado por SANTOS, Luis Antônio de Castro, A Fundação Rockefeller... *Revista Brasileira de Estudos de População*. São Paulo, 6 (1): 105-10, jan./jul. 1989, p. 105.

(36) Simon Schwartzman registra a vinda de duas comissões, nos seguintes termos: "Em 1916, o **International Health Board** enviou duas comissões médicas à América Latina (Equador, Peru, Colômbia, Venezuela e Brasil). A primeira comissão visava pesquisar as condições da febre amarela, a fim de determinar os pólos de infecção e as medidas necessárias para erradicação da doença. A segunda visava identificar centros de educação médica e de saúde pública no Brasil que pudessem ser apoiados", *Formação da Comunidade Científica no Brasil*, São Paulo/Rio de Janeiro: Ed. Nacional/Finep, 1979, 481p., p. 243. Candeias (op. cit. p. 5), por outro lado, registra a presença de uma comissão com dois objetivos, educação médica e febre amarela: "(...) a respeito dos primeiros contatos da Fundação Rockefeller com o Brasil no ano de 1916 (...), prende-se à visita feita por Missão Médica, enviada por aquela Fundação, composta por Richard M. Pearce, da Universidade da Pennsylvania, pelo Major Bailey Ashford, do Corpo Médico do Exército dos Estados Unidos, e por John A. Ferrell (...), da referida instituição. Consta do Relatório da Fundação Rockefeller, para o ano de 1916, que de tal forma ficara a Comissão impressionada com os resultados dos trabalhos realizados no Brasil contra a febre amarela, **one of the most brilliant achievements of modern sanitary administration**, que se considerou interessante, para ambas as partes, estabelecer contato com o país que tanto havia contribuído para o bem-estar do hemisfério. Reconhecia-se, portanto, nesse contato, inestimável valor para as relações médicas e culturais das duas Américas".

(37) SCHWARTZMAN, Simon. op. cit. p. 243.

(38) Segundo Fosdick, a decisão da Fundação Rockefeller em apoiar a educação médica foi decorrência de seu trabalho em saúde pública. "Aquela era uma orientação que durante alguns anos havia sido estudada por Rose, porque desde algum tempo ele havia se dado conta que a menos que se melhorasse notavelmente a educação médica fundamental, havia escassas esperanças de existência de serviços de saúde pública em muitos dos países nos quais vinha trabalhando. Foi esta preocupação que o induziu em 1916 a pedir ao doutor Richard M. Pearce, professor de patologia e de investigação médica na Universidade da Pennsylvania, que fizesse um estudo da situação da medicina no Brasil. O projeto elaborado como consequência da investigação teve tal êxito que, pouco depois de seu regresso, Pearce foi designado conselheiro da Comissão Sanitária Internacional no campo da educação médica; e em 1919 a Fundação estabeleceu um departamento separado de Educação Médica, sob a direção de Pearce. A finalidade do Departamento, tal como foi definida por Vincent, era de ajudar a escolas médicas situadas em pontos estratégicos de diversas partes do mundo a aumentar seus recursos e melhorar seus serviços de ensino e pesquisa". (FOSDICK, Raymond. op. cit. p. 133).

(39) Idem, *ibidem*.

- (40) Os detalhes desse relacionamento constam dos capítulos IV e V, desta dissertação.
- (41) BLOUNT III, John Allen, *The Public Health Movement in São Paulo, Brazil: a History of the Sanitary Service, 1892-1918*, Tulane University, 1971, p.50-51, [tese de doutoramento] apud SANTOS, Luis A. de C. *Estado e Saúde Pública...*, op. cit. p.247.
- (42) SANTOS, Luis A. de Castro. *A Fundação Rockefeller ...*, op. cit. p. 108.

### CAPÍTULO III

- (1) Consultar nota 7, Capítulo I.
- (2) Cf. correspondência enviada por Richard Pearce, em 30 de dezembro de 1926. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (3) Depoimento concedido a GUIMARÃES, Antônio da Palma in: op. cit. p. 709.
- (4) ANNAES. op. cit. p. 27 e 51.
- (5) Consultar Capítulos IV e V.
- (6) O duplo tratamento (Departamento e Instituto, ou, eventualmente, apenas Cadeira) aparece tanto na documentação quanto na bibliografia que trata da história da Faculdade de Higiene e Saúde Pública, a exemplo de CANDEIAS, Nelly Martins Ferreira. op. cit., p. 4.
- (7) Cf. acordo assinado em 9 de fevereiro de 1918. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (8) Idem, ibidem.
- (9) Lei nº 2018, de 26 de dezembro de 1924, *Collecção de Leis, Decretos e Resoluções do Estado de São Paulo*, São Paulo: Typ. do Diario Oficial, 34, 1925. Decreto-Lei 14.857, de 10 de julho de 1945. Para uma história detalhada do processo de constituição da Faculdade de Saúde Pública, originada na Cadeira de Higiene, criada em 1918, bem como o papel da Fundação Rockefeller, nessa evolução, consultar CANDEIAS, Nelly Martins Ferreira. op. cit.
- (10) Cf. *Accordo entre o Governo do Estado de São Paulo-Brasil - e a Comissão Sanitaria Internacional da Fundação Rockefeller para a manutenção do Instituto de Hygiene anexo a Faculdade*

de Medicina e Cirurgia de São Paulo, durante o período entre 1º de janeiro de 1923 e 31 de dezembro de 1924, assinado em 13 de outubro de 1922. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].

- (11) É interessante observar que a autonomia do Instituto de Higiene em relação à Faculdade de Medicina não foi um processo tranquilo. Em diversas ocasiões, a Faculdade tentou reincorporá-lo e mantê-lo administrativamente subordinado à sua hierarquia. Nestas circunstâncias, a Fundação Rockefeller foi, novamente, instada a participar do processo a fim de preservar a autonomia do Instituto. Cf. CANDEIAS, Nelly Martins Ferreira. op. cit. p. 30-35.
- (12) Ao contrário do que ocorreu com Rose, os contatos de Pearce com Arnaldo Vieira de Carvalho e, posteriormente, com outros membros da Faculdade, se deram, quase sempre, em clima de bastante cordialidade. Por exemplo: quando visitou São Paulo, em 1917, para tratar dos primeiros acordos entre as duas instituições, Pearce foi levado para o "balneário do Guarujá", pelo médico paulista. Pearce refere-se a essa visita junto com a família de Arnaldo Vieira em suas correspondências subsequentes (22.02.1917 e 08.04.1917), assinalando os "momentos agradáveis", proporcionados. Esse clima ameno e cordial contrasta com a impessoalidade de Rose, em comunicações secas e formais, como pode ser verificado em uma análise comparativa destas comunicações. Sobre Rose, cf., por exemplo, correspondência de 2 de janeiro de 1917 e subsequentes. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (13) Tais queixas estavam, em geral, associadas ao trabalho da Fundação Rockefeller na saúde pública. Ainda, assim, alguns professores manifestaram uma posição cautelosa quanto a esta associação, como poderá ser visto pela transcrição do trecho a seguir. "Não obstante (...) posições nacionalistas, a Fundação Rockefeller foi penetrando, cada vez mais, nos negócios de saúde pública e de medicina e cirurgia, acabando por ajudar a definir, praticamente, a política estadual para o setor. Sua interferência no Serviço Sanitário e no Instituto de Higiene foi sempre muito intensa, a ponto de a imprensa veicular que 'todos que não pensam de acordo com a missão Rockefeller foram sacrificados'. Em geral, professores e alunos receberam bem a colaboração da Fundação Rockefeller. Praticamente, quase ninguém identificou sua atuação como 'ponta de lança' do capitalismo norte-americano, não obstante terem surgido críticas quanto aos métodos empregados e quanto à natureza do trabalho desenvolvido" (...). "Oscar Freire [da Cadeira de Medicina Legal], por exemplo, partidário que se buscasse o apoio da colaboração estrangeira para a formação científica do médico, apontava, contudo, para cuidados que se deveria tomar: 'Oxalá porém que nunca a sedução exercida pelas instituições européias, ou norte-americanas, nos alheie da realidade, e faça esquecer os ensinamentos que decorrem do exame da

evolução do nosso ensino. Adaptar e desenvolver o que é nosso com o auxílio de todas as colaborações capazes, constituir organizações que, apoiadas nos nossos hábitos, nos nossos costumes, nas nossas tradições, na feição de nosso espirito, aceitem e conformem ao nosso meio as lições da experiência estrangeira serão as únicas diretrizes capazes de nos conceder o ambicionado progresso". NADAI, Elza. op. cit., p. 221-2.

- (14) Cf. correspondência enviada a Arnaldo Veira de Carvalho por Richard Mills Pearce em 3 de novembro de 1917. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (15) Cf. corresp. enviada por Wickiliffe Rose a Arnaldo Vieira de Carvalho, em 13 de dezembro de 1917. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (16) Cf. corresp. do Wistar Institute, de 6 de dezembro de 1916. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (17) Idem, ibidem.
- (18) Cf. correspon. do Wistar Institute, de 9 de agosto de 1917. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (19) Cf. corresp. de Richard M. Pearce a Arnaldo Vieira de Carvalho, em 25 de fevereiro de 1917. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (20) Idem, ibidem.
- (21) Cf. corresp. do American Consular Service - São Paulo, Brazil, de 17 de julho de 1917. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (22) Os contatos com o U.S National Museum foram feitos através do United States Department of Agriculture, Bureau of Entomology, em Washington. Cf. correspond. enviada pelo órgão a Arnaldo Vieira de Carvalho, em 10 de janeiro de 1919. Cf. também, corresp. do Instituto de Higiene ao Nutrition Laboratory, em 8 de dezembro de 1920. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (23) Cf. Collecção de Leis, Decretos e Resoluções do Estado de São Paulo. São Paulo: Typ. do Diario Official, 26, 1917.
- (24) O projeto de construção dos cinco edificios concebidos para abrigar a Faculdade de Medicina foi substituído pelos planos e projetos elaborados e construídos com os recursos da Fundação Rockefeller, entre 1928 e 1931. O único prédio desse projeto original foi concluído em 18 de abril de 1918. Posteriormente foi denominado Instituto Oscar Freire, em homenagem ao primeiro professor de Medicina Legal da Faculdade. Tanto o prédio da Faculdade de Medicina quanto do Instituto Oscar Freire foram tombados pelo Conselho de

Defesa do Patrimônio Histórico, respectivamente em 1978 e 1982. Cf. LACAZ, Carlos da Silva. op. cit. p. 91.

#### CAPITULO IV

- (1) A lei 2016 de 26 de dezembro de 1924, instituiu o regime de tempo integral e autorizou a reforma do regulamento. Decreto nº 3.874, de 11 de julho de 1925, aprovou o novo regulamento e passou a vigorar a 1ª de janeiro de 1926. Cf. **Collecção de Leis, Decretos e Resoluções do Estado de São Paulo**. São Paulo: Typ. do Diário Oficial, 24 e 25, 1925 e 1926.
- (2) Em decorrência da aprovação da lei 2016 (de 26.12.1924), entraram em regime de tempo integral, a partir de março de 1926, as seguintes disciplinas: Histologia, Anatomia Descritiva e Anatomia e Histologia Patológicas. A partir de 1ª de janeiro de 1926, assumiram o tempo integral as seguintes disciplinas: Química Geral e Mineral, Biologia Geral e Parasitologia, Microbiologia e Medicina Legal. Em 1ª de janeiro de 1927, o tempo integral foi estendido para a disciplina de Fisiologia. Cf. **Annaes da Faculdade de Medicina de São Paulo**, op. cit., p.13 e 29.
- (3) Sobre a introdução do modelo de excelência da Fundação Rockefeller em escolas médicas da América Latina, consultar CUETO, Marcos, *The Rockefeller Foundation's Medical Policy and Scientific Research in Latin America: The Case of Physiology in: Social Studies of Science*, Sage, London, 20: 229-54, 1990. Especificamente sobre a Faculdade de Medicina, o autor registra: "(...) In 1930, The RF gave over \$ 1 million to equip a modern school of medicine in Sao Paulo, wich came to be known as the 'Rockefeller School' (...). For many years, Sao Paulo was able to maintain its leading position as the best medical school in Latin America (...)", op. cit. p. 231. Cueto assinala, ainda: "(...) In 1943, Sao Paulo's Medical School was the only place in Latin America where full-time positions officially and effectively established in all the pre-clinical departments", op. cit., p. 235.
- (4) As disciplinas implantadas com a participação direta dos especialistas enviados pela Fundação Rockefeller foram a cadeira de Higiene e a de Patologia. A cadeira de Higiene foi introduzida através de acordo entre a Faculdade de Medicina e a Fundação Rockefeller, transformando-se em departamento e posteriormente Instituto de Higiene, anexo à Faculdade de Medicina. Para a cadeira de Anatomia Patológica, vieram, respectivamente Oskar Klotz e Richard Archibald Lambert.

- (5) O acordo para o provimento da cadeira de Higiene previa a permanência de Darling no Brasil por cinco anos. O especialista voltou aos Estados Unidos, em 1920, onde se submeteu a uma cirurgia no Johns Hopkins Hospital. Ali extraiu um tumor no cérebro. Darling não reassumiu suas funções e faleceu em 1925. No Instituto de Higiene, ele foi substituído por Wilson George Smillie, graduado em Harvard e discípulo do prestigiado higienista Milton Rosenau, que cumpriu inteiramente o prazo acertado nos acordos. Smillie deixou o Brasil em 1922.
- (6) Em diferentes circunstâncias, Klotz e Lambert, receberam delegação expressa de Pearce para agir em nome da Fundação. Veja-se por exemplo, a comunicação de Pearce em 10 de março de 1922, encaminhada a Celestino Bourroul, então diretor da Faculdade de Medicina. Nele, o diretor da Divisão Médica explicitou: "(...) fica combinado que o dr. Klotz, professor de Patologia na escola, agirá como intermediário depois de minha partida de São Paulo, todos os pontos sendo então discutidos diretamente com ele, e toda as comunicações passando por suas mãos como meu representante". Cf. corresp. de Pearce a Celestino Bourroul, em 10 de março de 1922. [Arquivo da Faculdade de Medicina].
- (7) Cf. contrato assinado entre o Governo do Estado e a Fundação Rockefeller, lavrado na Secretaria dos Negócios do Interior de São Paulo, em 27 de setembro de 1920. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (8) Cf. nota 11, Capítulo III.
- (9) Cf. corresp. de Rose para Arnaldo Vieira de Carvalho, em 7 de setembro de 1918. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (10) A questão do relacionamento de Rose com a então incipiente comunidade científica da América Latina é um tema bastante sugestivo e aponta para a diferença de tratamento dispensado à Europa em relação aos demais países das Américas. Sobre o relacionamento de Rose com a ciência européia e as "fontes de suas idéias" acerca da filantropia científica, consultar KOHLER, Robert E. *Science and Philanthropy...* op. cit.
- (11) Cf. Campos, Ernesto de Souza, op. cit. p. 451
- (12) Idem, ibidem, p. 452.
- (13) Cf. Memorandum for Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho. Conference at Sao Paulo, April 5, 1919. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (14) Idem, ibidem.
- (15) Cf. Termo de contracto que fazem o Governo do Estado com a



"Fundação Rockefeller" associação com sede nos Estados Unidos da América do Norte, para provimento do lugar de professor contratado para a cadeira de Anatomia e Histologia Pathológicas da Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, de 25 de setembro de 1920. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].

- (16) Cf. Acordo entre o Governo do Estado de São Paulo e a Junta Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller para a organização do departamento de Hygiene anexo à Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, assinado em 7 de fevereiro de 1918. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (17) Idem, ibidem.
- (18) Cf. Termo de contrato . . . ., 25 de setembro de 1920, op. cit.
- (19) Idem, ibidem.
- (20) A nomeação de Pedro Dias da Silva foi contestada por membros da Faculdade de Medicina, porém mantida pelo presidente Carlos de Campos. Cf. CAMPOS, Ernesto de Souza. op. cit. p. 363.
- (21) Cf. GUIMARÃES, Antônio da Palma. op. cit. p. 910.
- (22) Cf. LACAZ, Carlos da Silva. op. cit. p. 13. Por outro lado, Ernesto de Souza Campos credits a Edmundo Xavier a iniciativa de regularizar o reconhecimento federal dos diplomas expedidos pela Faculdade de Medicina, uma das exigências para encaminhar novas negociações com a Fundação Rockefeller. "(...) o professor Xavier tratou de resolver o problema da validade dos diplomas conferidos pela Faculdade em todo o território nacional. A Faculdade tinha sido criada pelo Estado. Os médicos por ela diplomados só podiam exercer a profissão nos limites de São Paulo. O Dr. Xavier, secundado pelos alunos, movimentou-se no sentido de obter para a sua escola o privilégio de que já gozava a Escola Politécnica. Queria, assim, que os diplomas fossem válidos em todo o país, ficando a instituição com inteira liberdade didática, financeira e administrativa em relação ao governo federal. (...)". Projeto de lei nesse sentido foi aprovado sob o nº 4615 e sancionada em 7 de dezembro de 1922. Cf. CAMPOS, Ernesto de Souza. op. cit. p. 357-9.
- (23) Sobre a escolha de Pedro Dias da Silva, Ernesto de Souza Campos registrou: "(...) encontramos-nos, na rua São Bento, com o Dr. Pedro Dias da Silva com quem trabalhamos, durante vários anos na Santa Casa de Misericórdia. (...) Contou-nos, então Pedro Dias da Silva, que o Dr. Carlos de Campos, presidente eleito do Estado, tinha a intenção de convidá-lo para diretor da Faculdade. A Congregação achava-se dividida em dois grupos, reciprocamente hostis. Julgava o futuro presidente que seria interessante colocar, na direção da casa, uma pessoa estranha ao corpo docente e de sua

inteira confiança. Escolhera o Dr. Pedro Dias da Silva porque não pertencia ao magistério de nossa escola médica naquela época. Perguntou-nos Pedro Dias qual a nossa opinião sobre sua possível nomeação. Afirmamos que seria interessante sua aceitação. Gozando de absoluta confiança da administração pública, poderia reatar as negociações com a Fundação Rockefeller e prestar, assim, imenso serviço à educação médica paulista. Pedro Dias não estava informado do assunto, e não ser muito pela rama. Explicamos miudamente a questão por duas longas horas (...). Perguntou-nos se poderíamos auxiliá-lo no provável empreendimento. Garantimos nossa cooperação, embora estivéssemos trabalhando na capital da República" in: CAMPOS, Ernesto de Souza, op. cit. p. 362 e 363.

(24) GUIMARÃES, Antônio da Palma. op. cit. p. 911.

(25) Idem, ibidem, p. 910. Na sequência de seu depoimento, Montenegro dá outros indicadores da relutância do meio político em aprovar o encaminhamento dos acordos: "Em carta ao Prof. Pearce fiz-lhe ver que o Governo estava prestes a findar-se, e que talvez fôssemos mais felizes com o novo Governo. De fato, a 1 de maio, o Conselheiro Rodrigues Alves transferia a presidência do Estado ao seu substituto eleito, Dr. Altino Arantes Marques, ex-secretário do Interior do Governo que se findava, e como tal um dos responsáveis, do ponto de vista governamental, pela criação e instalação da Faculdade de Medicina. Substituiu-o na Secretaria do Interior o nosso amigo, Dr. Oscar Rodrigues [filho do ex-presidente da República e do Estado, Rodrigues Alves]. Durante o Governo Altino Arantes, estabeleceram-se relações de melhor compreensão com os intuítos da Fundação Rockefeller, tendo sido consentida a vinda de um representante da Fundação, Prof. Samuel Darling (...). Todavia, não houve maior progresso no sentido de aceitar a proposta da Fundação. Ao Dr. Altino Arantes sucedeu no Governo do Estado, em 1920, o Dr. Washington Luiz Pereira de Souza, que, apesar de portador do nome ilustre do nome do primeiro presidente dos Estados Unidos (...) não parece ter sido muito admirador dos americanos, ou pelo menos das intenções da Fundação Rockefeller, pois não se conseguiu convencê-lo dos benefícios que traria para o ensino o auxílio oferecido pela Fundação". GUIMARÃES, Antônio da Palma. op. cit. p. 910.

(26) Cf. Discurso de Oscar Rodrigues Alves in: *Annaes do Senado*, 60a. sessão ordinária, de 22-12-1924, p. 688. Citado por NADAI, Elza. op.cit. p. 222.

(27) Cf. ofício encaminhado por Wickliffe ao novo diretor da Faculdade, ex-vice de Arnaldo Vieira de Carvalho, Ovidio Pires Campos, em 20 de dezembro de 1920. Vale registrar que, ao contrário do acordo anterior, assinado em 1918, que se processou de maneira menos formal, dessa vez, a confirmação de Klotz se deu através de uma intensa troca de

correspondência. Além do ofício de Rose, enviado em 20 de dezembro de 1920, nova comunicação nesse sentido partiu de L.W.Hackett, diretor no Brasil da Comissão Rockefeller, com sede no Rio de Janeiro, e foi endereçada a Ovidio Pires de Campos, com data de 31 de dezembro de 1920. A essa, seguiram-se quatro outras comunicações, respectivamente, de Edwin Embree, secretário da Fundação Rockefeller, em 3 de janeiro de 1921; de Wickliffe Rose, em 4 de janeiro de 1921; de L.W. Hackett, em 14 de janeiro de 1921; e novamente de Embree, a 8 de fevereiro de 1921, todas destinadas ao diretor Ovidio Pires Campos. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].

(28) Cf. ofício encaminhado por Edwin Embree a Ovidio Pires Campos, em 4 de janeiro de 1921. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].

(29) Idem, ibidem.

(30) Idem, ibidem.

(31) Cf. corresp. de Wickliffe Rose a Ovidio Pires Campos, em 3 de janeiro de 1921. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].

(32) Idem, ibidem.

(33) Idem, ibidem.

(34) Cf. nota 6, deste capítulo.

(35) A delegação de poderes a Klotz ocorreu, por exemplo, e entre outras ocasiões, na assinatura do acordo de manutenção do Instituto de Higiene, em 13 de outubro de 1922. Cf. Accordo entre o Governo do Estado de São Paulo - Brasil e a Comissão Sanitária Internacional da Fundação Rockefeller para a manutenção do Instituto de Hygiene anexo a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, durante o período entre 1º de janeiro de 1923 e 31 de dezembro de 1924, assinado em 13 de outubro de 1922. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].

(36) Cf. corresp. enviada por Richard Mills Pearce ao então diretor da Faculdade de Medicina, Celestino Bourroul, em 10 de março de 1922. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].

(37) A decisão de Rose de incentivar a formação de escolas de Saúde Pública, bem como de melhorar o ensino médico, é apontada como uma avaliação decorrente de seu trabalho em campanhas de combate a doenças infecciosas. Seu modelo de universidade de elite, com redução do número de vagas e ênfase na pesquisa, corresponde às recomendações do famoso Relatório Flexner, publicado nos Estados Unidos em 1910, recomendando uma ampla reforma nas instituições de ensino

médico daquele país. Consultar a respeito, por exemplo, KOHLER, Robert E. Science and Philantropy... op. cit.

(38) Cf. corresp. enviada pelo novo diretor da Faculdade, Edmundo Xavier a Wickliffe Rose, em 28 de maio de 1921. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].

(39) A seguir, a reprodução na íntegra desta comunicação: São Paulo, May 28th. 1921. Dr. Wickliffe Rose, Director, International Health Board, Rockefeller Foundation - 61 - Broadway, New York, N.Y. Dear Dr. Rose: The Faculdade de Medicina e Cirurgia of São Paulo has now reached a stage in its development in wich it is necessary to apply the best thought and study for the future development of this institution. As you aware, the organization of this Faculty was undertaken by dr. Arnaldo Vieira de Carvalho and the activities of the Faculty were temporarily carried on in several small buildings wich were obtained for this purpose. Simultaneously a campus was chosen and one laboratory building is now nearing completion. We fully realize that better and permanent provision must soon be offered to other laboratory departments. The clinical teaching is carried on at Santa Casa where the Faculty has limited privileges for teaching. This hospital has a wealth of material, but its facilities for offering satisfactory opportunity to the advance for Medical Education are restricted. It is an important and encouraging fact that at the present time the interest in Medical Education is gaining ground, and both the state and comunity look forward to the establishment of a medical School wich shall be second to none in Brazil. It is obvious that the best results will be attained when we can centralize our entire plant upon a given campus, and this will necessitate the construction of both Hospital and School buildings in close proximity. However, before we can undertake any further work of construction, it would seem best for us to have the opinions of an expert, that he may indicate to us where to begin in our problem. The School is a state institution and of necessity must serve the needs of São Paulo. Its future, however, should influence the medicine of Brazil. We realize the possibilities before us, and for this reason we do not desire to make any mistake in our undertaking. We have learned to appreciate the interest which the Rockefeller Foundation has taken in us, and we hope that we may continue to merit your kindly friendship. At the present we may continue to know whether the Rockefeller Foundation would be good enough to have one of your experts (to) make a survey of our situation, so that we may better understand ourselves, and that we may know the proper mode of proceedure in further establishing the permanent structures for a better and advanced Medical Education. We deem it wise to have such a survey made by an impartial expert so that its influence upon the community and before the Government will carry the greater weight. In approaching you this favor we are certain of receiving the best advice and we can assure you that this Faculty and São

am not asking too much. I am, sir, Very respectfully yours,  
a) Edmundo Xavier, Director da Faculdade de Medicina de São Paulo. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].

- (40) Cf. corresp. datada de 8 de julho de 1921, assinada por George E Vincent, presidente da Fundação Rockefeller e enviada ao diretor da Faculdade, Edmundo Xavier. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (41) Cf. os relatórios produzidos pelo diretor da Divisão de Educação Médica, Richard Mills Pearce, e encaminhados a Celestino Bourroul, sob a denominação de Recomendações à Faculdade de Medicina de São Paulo no tocante aos meios de melhorar a educação médica, 1º memorandum, sem data, 2º Memorandum, de 8 de março de 1922, 3º Memorandum, de 10 de março de 1922. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (42) Cf. a lei 2016 de 26 de dezembro de 1924, instituiu o regime de tempo integral e autorizou a reforma do regulamento. Decreto nº 3.874, de 11 de julho de 1925, aprovou o novo regulamento e passou a vigorar a 1º de janeiro de 1926. Collecção de Leis, Decretos e Resoluções do Estado de São Paulo. São Paulo: Typ. do Diario Official, 24 e 25, 1925 e 1926.
- (43) Cf. Collecção de Leis, Decretos e Resoluções do Estado de São Paulo. São Paulo: Typ. do Diario Official, 24 e 25, 1925 e 1926.
- (44) Cf. Collecção de Leis, Decretos e Resoluções do Estado de São Paulo. São Paulo: Typ. do Diario Official, 25, 1926
- (45) Cf. 1º Memorandum, Recomendações à Faculdade de Medicina de São Paulo no tocante aos meios de melhorar a educação médica, s/data, encaminhado por Richard Mills Pearce a Celestino Bourroul. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (46) Cf. 2º Memorandum, 8 de março de 1922. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (47) Cf. 3º Memorandum, 10 de março de 1922. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (48) Cf. ofício encaminhado por Celestino Bourroul a Richard Pearce, em 22 de março de 1922. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (49) Cf. ofício encaminhado a Celestino Bourroul pelo secretário do Interior, Alarico Silveira, em 3 de abril de 1922. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (50) Idem, ibidem.

- (51) Cf. corresp. enviada por Norma Staughton, secretária assistente da Fundação Rockefeller, a Celestino Bourroul, em 27 de maio de 1922. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (52) Cf. corresp. enviada a George Vincent por Geraldo Horácio de Paula Souza, em 28 de maio de 1923. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (53) Idem, ibidem.
- (54) Idem, ibidem.
- (55) Idem, ibidem.
- (56) Idem, ibidem.
- (57) Idem, ibidem.
- (58) Idem, ibidem.
- (59) Cf. corresp. enviada por Richard Pearce a Adolpho Lindenbergh, datada de 18 de junho de 1923. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (60) Idem, ibidem.
- (61) Idem, ibidem.
- (62) Idem, ibidem.
- (63) Idem, ibidem.
- (64) Idem, ibidem.
- (65) Cf. ofício encaminhado a Adolpho Lindenbergh por George E. Vincent, em 14 de setembro de 1923. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (66) Cf. ANNAES. op. cit. São Paulo, 1, op. cit. p. 13-29.
- (67) A Faculdade de Medicina foi integrada à Universidade de São Paulo pelo decreto nº 6.283, de 25 de janeiro de 1934.

#### CAPÍTULO V

- (1) Cf. ANNAES. op. cit. São Paulo, 1, p. 13-29.
- (2) Cf. CAMPOS, Ernesto de Souza. op. cit. p. 366. Na Johns Hopkins University, os dois bolsistas tiveram a oportunidade de travar contato com a produção científica internacional. Veja-se, a respeito, o depoimento de Borges Vieira: "saudades

infinita que eu recordo, e o mesmo se dá com o prof. Paula Souza, os dois anos que lá passamos, no convívio amigo de professores, assistentes e funcionários daquela escola, que tudo fizeram a fim de que tirássemos o maior proveito de nossa estada, para a especialização que abraçávamos. Em sua congregação brilhavam grandes nomes, entre eles avultando o do seu famoso organizador e diretor, o Dr. William Henry Welch, antigo discípulo e amigo de Pettenkoffer, Cohnheim, Pasteur, Koch, e de outros luminares da ciência". Cf. VIEIRA, F. S. Preservação da saúde no decorrer dos tempos. **Arquivos da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo**. São Paulo, 2: 3-18, 1948 apud DAN-DEIAS, Nelly Martins Ferreira. op. cit. p. 9-11.

- (3) Uma análise preliminar do papel da Fundação Rockefeller no financiamento da comunidade científica no Brasil foi esboçada em SCHWARTZMAN, Simon. op. cit.
- (4) Cf. ANNAES. op. cit. 2: 616.
- (5) Idem, ibidem.
- (6) Cf. ANNAES. op. cit. 3: 243-53.
- (7) Cf. CAMPOS, Ernesto de Souza. op. cit. p. 366.
- (8) Cf. os ofícios encaminhados por Robert Archibald Lambert ao diretor da Faculdade de Medicina, Pedro Dias da Silva, nos anos de 1924 (em 23 de agosto, 21 de novembro, 27 de dezembro) e 1925 (2 e 4 de janeiro, e 10 de novembro). [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo]. Em diferentes ocasiões, os representantes da Fundação Rockefeller reafirmaram os aspectos fundamentais de seu projeto. Em 1924, por exemplo, no ofício encaminhado ao diretor Pedro Dias da Silva, Lambert reproduziu alguns trechos de sua correspondência com Pearce, nos seguintes termos: **Atendendo ao pedido de V.S. preparei a seguinte tradução dos mais importantes comentários feitos pelo Dr. Pearce; 1.**"Nunca insistimos em detalhes, mas nos interessa que certos pontos fundamentais sejam reconhecidos. É verdade, naturalmente, que o objetivo final devia incluir departamentos de clínica e um hospital para ensino, no Araçá. Não é necessário, entretanto, que tudo isso seja feito numa só vez. Se as autoridades adotarem o plano geral, o desenvolvimento pode-se fazer gradualmente. Estaríamos preparados, por exemplo, para auxiliar desde já o desenvolvimento dos laboratórios para as ciências médicas, com a condição, porém, do governo incluir em seus planos um hospital ao grupo de laboratórios. Com respeito ao tempo integral, penso que por ora podemos deixar de considerá-lo para os departamentos de clínica, mas é essencial que cada laboratório tenha um chefe de tempo integral e um ou mais assistentes também de tempo integral(...). 4. Poderá não ser necessário mandar ao estrangeiro um arquiteto para adquirir idéias sobre a construção de laboratórios, mas penso certamente que pelo menos um ou dois membros da Faculdade

devam visitar laboratórios em outros países para controlar os planos do arquiteto no interior dos edifícios. Não nos preocupamos com o exterior dos edifícios, mas, naturalmente, nos oporíamos a decorações externas dispendiosas sem a devida atenção para com o interior. (...)

O mais importante é que se o Governo e a Faculdade se acham preparados para considerar o esquema todo a ser desenvolvido através de anos, e podem nos assegurar: 1) a sua execução final; 2) tempo integral para as disciplinas de laboratório; e 3) um mecanismo pelo qual se possam nomear candidatos adequados para essas posições de laboratório, achamo-nos preparados para auxiliar desde já o desenvolvimento dos laboratórios necessários (...).

Esperando que a exposição acima, feita pelo Dr. Pearce, possa servir para tornar completamente clara a atitude da Fundação Rockefeller com respeito ao proposto desenvolvimento da Escola de Medicina, subscrevo-me com a mais distinta consideração (...) R. A. Lambert. Ofício encaminhado em 23 de agosto de 1924. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].

- (9) A sugestão de que uma comissão viajasse ao exterior foi feita por Pearce em seus primeiros relatórios, de 1922, e retomada em mais de uma ocasião, como um ponto fundamental para a Fundação Rockefeller. Em seu ofício de 27 de dezembro de 1924, Lambert cumprimenta Pedro Dias da Silva pela aprovação do projeto de reforma da Faculdade pelo Congresso e antecipa-se sobre eventuais dificuldades que o diretor teria para dar sequência aos acordos: "(...) Faço votos que obtenha o mesmo êxito quando enfrentar o delicado trabalho de resolver as questões decorrentes daquela sua brilhante iniciativa. Uma dessas questões, sobre a qual já discuti com v. excia. (...) é a conveniência de se nomear uma comissão para visitar os países estrangeiros com o fim de estudar a construção e organização das Escolas de Medicina, particularmente, de laboratórios e hospitais para ensino. V. excia. se recordará, com certeza, de minha referência a esta questão, quando tive o prazer de lhe dirigir uma carta, em 14 de junho do corrente ano (...). Numa de suas recentes comunicações, Dr. Pearce acentuou a importância desta ideia como sendo a base de quaisquer planos finais para a construção aludida. Outrossim, ele faz notar que uma tal investigação proporcionaria grande oportunidade para a observação de métodos de organização de hospitais para ensino, tais como os referentes aos serviços médicos internos, serviços de arquivo, fichamento, etc.. Ao mesmo tempo ele me pede lhe assegure prevalecer o convite feito pela Fundação Rockefeller ao Governo de São Paulo, relativamente à comissão supra-citada. (...) Razões pessoais me levam a esperar que, aceito o mesmo, não se retarde a data de partida da mencionada comissão (...). Acresce ainda que é meu ardente desejo ver, antes de partir, solucionada a questão final dos planos para as novas grandes edificações (...) que se vai dotar o ensino médico paulista". Ofício encaminhado por R. A. Lambert a Pedro Dias da Silva, em 27



de dezembro de 1924. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].

- (10) CAMPOS, Ernesto de Souza. op. cit. p. 365 e 366
- (11) Idem, ibidem.
- (12) Idem, ibidem, p. 364.
- (13) Idem, ibidem.
- (14)
- (15) Cf. correspondência de Puech a Pedro Dias da Silva, em 18 de setembro de 1926. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (16) Cf. corresp. enviada por J.H. Janney, diretor interino do Conselho Sanitário Internacional da Fundação Rockefeller no Rio de Janeiro, a Pedro Dias da Silva, em 6 de novembro de 1926.
- (17) Para um conhecimento detalhado do projeto, consultar ANNAES da Faculdade de Medicina de São Paulo, São Paulo, 3, 1928.
- (18) Cf. corresp. enviada a Pedro Dias por J.H. Janney, em 6 de julho de 1927. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (19) Cf. corresp. de Pedro Dias da Silva a J.H. Janney, diretor interino do Conselho Sanitário Internacional no Rio de Janeiro, em 11 de julho de 1927. [Arquivo da Faculdade de Medicina de São Paulo].
- (20) Cf. CAMPOS, Ernesto de Souza. op. cit. p. 365.
- (21) Cf. SCHWARTZMAN, op. cit., p. 274-80.
- (22) Idem, ibidem.
- (23) Idem, ibidem.
- (24) Cf. VAZ, Zeferino. Rio, FGV/CPDOC - História Oral, 1986 (História da Ciência - Convênio FINEP/CPDOC, p. 9.

CONCLUSÃO

- (1) Cf. CUETO, Marcos *The Rockefeller Foundation's ...*
- (2) Cf. VAZ, Zefarino, op. cit. p.47.
- (3) Cf. SCHWARTZMAN, op. cit., p. 215-50.
- (4) Cf. CAMPOS, Ernesto de Souza, op. cit. p. 262.
- (5) Cf. VAZ, Zefarino, op. cit p. 8-10
- (6) Cf. CUETO, Marcos, *El Rockefeller Archive ...*

BIBLIOGRAFIA

- ABIR-AM, Prina. The Assessment of Interdisciplinary Research in the 1930s: The Rockefeller Foundation and Physico-chemical Morphology. *Minerva*, [London], 26 (2): 153-174, summer 1988.
- ABIR-AM, Prina. The Discourse of Physical Power and Biological Knowledge in the 1930s: A Reappraisal of the Rockefeller Foundation's 'Policy' in Molecular Biology. *Social Studies of Science*, London/Beverly Hills, 12: 341-62, 1982.
- ANNAES da Faculdade de Medicina de São Paulo. São Paulo, 1, 1926; 2, 1927; 3, 1928.
- ARAÚJO, Achilles Ribeiro de. *A Assistência Médica Hospitalar no Rio de Janeiro no Século XIX*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura/Ministério da Educação e Cultura, 1982, 232p.
- ARNOVE, Robert F. (ed.) *Philanthropy and Cultural Imperialism: The Foundations at Home and Abroad*. Bloomington: Indiana University, 1982, 482p.
- AZEVEDO, Fernando de (org., dir. e introd.) et alii. *As Ciências no Brasil*. 2 vs., [São Paulo]: Melhoramentos, s/data, 416p e 400p.
- BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil (Dois Séculos de História)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973, xx + 500p. (Col. Retratos do Brasil, v. 87)
- BARNES, Barry. *T.S.Kuhn y las Ciencias Sociales*, trad. do inglês [T.S.Kuhn and Social Sciences] por Roberto Helier. México: Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología/Fondo de Cultura Económica, 1986, 248p.
- BARNES, Barry (comp. e introd.); KUHN, Thomas S.; MERTON, Robert K. et alii. *Estudios Sobre Sociología de la Ciencia*, trad. do inglês [Sociology of Science] por Néstor A. Miguez. Madrid: Alianza, 1980, 369p. (Alianza Universidad, 261)
- BAYEN, Maurice. *Historia de las Universidades*, trad. do francês [Histoire des Universités] por A. Giralt Font. Barcelona: Oikos-Tau, 1978, 159p.
- BENCHIMOL, Jaime L. (coord.). *Manguinhos do Sonho à Vida: A Ciência na Belle Epoque*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz), 1990, 270p.
- BEN-DAVID, Joseph. *O Papel do Cientista na Sociedade: um Estudo Comparativo*, trad. do inglês [The Scientist's Role in Society: a Comparative Study] por Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1974, 288p. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais: Sociologia: Série Fundamentos da Sociologia Moderna)
- BEN-DAVID, Joseph et alii. *Sociologia da Ciência*, trad. do inglês [Sociology of Science] por Newton T. Gonçalves. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/Instituto de Documentação, 1975, xiv + 172p.
- BERNARD, Claude. *Introdução à Medicina Experimental*, trad. do francês [?] por Maria José Marinho. Lisboa: Guimarães, 1978, 280p. (Col. de Filosofia e Ensaios)
- BROWN, E. Richard. *Rockefeller Medicine Men: Medicine and Capitalism in America*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1977, xii + 284p.

- CALDEIRA, Marina Fares do Rio (pesquisa, texto e edição). *Centenário de Criação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo 1891-1991 [Lei nº 19- 24 de Novembro de 1891]*. São Paulo: Comissão de Eventos Comemorativos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 1991, 120p.
- CALDER, Ritchie. *O Homem e a Medicina: Mil Anos de Trevas*. trad. do inglês [Medicine and Man] por Raul de Polillo. São Paulo: Hemus, s/data, 284p.
- CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. *Os Impasses da Pesquisa Microbiológica e as Políticas de Saúde Pública em São Paulo (1892 a 1934)*. Campinas: Faculdade de Educação da Universidade de Campinas, 1984, 233p. (dissertação de mestrado)
- CAMPOS, Ernesto de Souza. *História da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Reitoria da Universidade de São Paulo, 1954, 826p.
- CAMPOS, Ernesto de Souza. *Página de Saudade: Richard M. Pearce Junior (1874-1930)*. São Paulo: São Paulo Editora, 1931, 12p.
- CAMPOS, Ernesto de Souza. Universidades de São Paulo.p.267-76. in: TAUNAY, Afonso de Escragnoille et alii. *São Paulo em Quatro Séculos: Temas Sobre Alguns Aspectos da História e da Geografia de São Paulo e Assuntos Correlatos*. 1ª. v.. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo/Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.
- CANDEIAS, Nelly Martins Ferreira. Memória Histórica da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo: 1918-1945. *Revista de Saúde Pública*. São Paulo, 18 (nº especial): 2-60, 1984
- CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. *A Universidade da Comunhão Paulista: o Projeto de Criação da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Autores Associados/Cortex, 1982, 192p. (Col. Educação Contemporânea; Série: Memória da Educação)
- COLLEÇÃO das Leis, Decretos e Resoluções do Estado de São Paulo de 1892*. São Paulo: Typ. do Diario Oficial, 1897, t. II
- COLLEÇÃO das Leis, Decretos e Resoluções do Estado de São Paulo*. São Paulo: Typ. do Diario Oficial, 1913, t.xx
- COLEÇÃO das Leis, Decretos e Resoluções do Estado de São Paulo*. São Paulo: Typ do Diario Oficial, 26, 1927; 24, 1925; 25, 1926;
- CUETO, Marcos. *Ciencia y Filantropia en las Américas*. s/local. s/data, 15p. [paper]
- CUETO, Marcos. *El Rockefeller Archive Center y la Medicina, la Ciencia, y la Agricultura Latinoamericana del Siglo Veinte: Una Revisión de Fondos Documentales*. s/local, [Massachusetts Institute of Technology], s/data, 16p. [paper]
- CUETO, Marcos. *Excelencia Científica en la Periferia: Actividades Científicas e Investigación Biomédica en el Perú 1890-1950*. Lima: Grupo de Análisis para el Desarrollo (Grade)/ Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología (Concytec), 1989, 232p.
- CUETO, Marcos. *The Rockefeller Foundation's Medical Policy and Scientific Research in Latin America: The Case of Physiology*. *Social Studies of Science*. London: Sage, 20: 229-54, 1990.
- CUNHA, Luiz Antônio. *A Universidade Temporã: Da Colônia à Era Vargas*. 2a. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986, 340p.

- DANTES, Maria Amélia M. Fases da Implantação da Ciência no Brasil. *Quijué*, México, 5 (2): 265-76, mayo/agosto 1988.
- ECCO, Umberto. *Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas*. 2a. ed. prefácio de Hamilton Costa. trad. do italiano [Come si Fa una Tesi di Laurea] por Ana Falcão Bastos e Luis Leitão. Lisboa, Editorial Presença, 1982, 232p. (Biblioteca de Textos Universitários, 41)
- FAUSTO, Boris (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. t. III. *O Brasil Republicano*. 1a vol. *Estrutura de Poder e Economia (1889-1930)*. 2a. ed. trad. do II cap. por Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Difel, 1977, 424p. (História Geral da Civilização Brasileira, 8)
- FAUSTO, Boris (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. t. III. *O Brasil Republicano*. 2a vol. *Sociedade e Instituições (1889-1930)*. 2a. ed. trad. do X cap. por Octavio Mendes Cajado. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978, 432p. (História Geral da Civilização Brasileira, 9)
- FEE, Elizabeth. *Disease and Discovery: A History of the Johns Hopkins School of Hygiene and Public Health, 1916-1939*. Baltimore/London: The Johns Hopkins University, 1987, xiv + 270p.
- FERRI, Mário Guimarães e MOTOYAMA, Shozo (coords.) et alii. *História das Ciências no Brasil*. 3 vs. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária (EPU)/Edusp/CNPq, 1979-1981, xii + 392p., xiv + 470p. e xiv + 470p.
- FISHER, Donald. American Philanthropy and the Social Sciences in Britain, 1919-1939; The Reproduction of a Conservative Ideology. *The Sociological Review*, Keele, 28 (2): 277-315, may 1980.
- FOSSDICK, Raymond B. *La Fundación Rockefeller*. trad. do inglês [The Story of the Rockefeller Foundation] por Julio Luelmo. México: Grijalbo, 1987, 363p.
- FRANCO, Afonso Arinos de Mello. *Rodrigues Alves: Apogeu e Declínio do Presidencialismo*. Rio de Janeiro/São Paulo: José Olympio/Edusp, 1973, 932p. 2vs.
- PREIRE-MAIA, Newton. *A Ciência Por Dentro*. Petrópolis: Vozes, 1991, 264p.
- FYE, W. Bruce. *The Development of American Physiology: Scientific Medicine in the Nineteenth Century*. Baltimore/London: The Johns Hopkins University, 1987, xii + 310p. (The Henry E. Sigerist Series in the History of Medicine)
- GUIMARÃES, Antônio da Palma. *Arnaldo Vieira de Carvalho: Biografia e Crítica*. [São Paulo]: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, [1967], lxvi + 916p., 2vs.
- GURGEL, João Bosco Serra. *Cronologia da Evolução Histórica das Relações Públicas*. Brasília: Linha Gráfica, 1984, 74p.
- HALL, A. Rupert. *A Revolução na Ciência 1500-1750*. trad. do inglês [The Revolution in Science 1500-1750] de Maria Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1988, 496p. (O Saber da Filosofia, 21)
- HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. trad. do inglês [Books in Brazil: A History of the Publishing Trade] por Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T.A. Queiroz/Edusp, 1985, xxx + 696p. (Coroa Vermelha, Estudos Brasileiros, v. 6)

- KARL, Barry D. e KATZ, Stanley N. The American Private Philanthropic Foundation and the Public Sphere: 1890-1930. *Minerva*, [London], 19 (2): 236-61, summer, 1981.
- KOCHE, José Carlos. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 7a. ed. ampliada. Caxias do Sul/Porto Alegre: Editora da Universidade de Caxias do Sul/Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Vozes, 1982, 134p. (Série Universitária)
- KOHLER, Robert E. Science and Philanthropy: Wickliffe Rose and the International Education Board. *Minerva*, [London], 23 (1): 75-95, spring 1985.
- KOHLER, Robert E. Science, Foundations, and American Universities in the 1920s. *Osiris*, [Philadelphia], 3: 139-64, second series, 1987.
- KUHN, Thomas S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 2a. ed. trad. do inglês [The Structure of Scientific Revolution] por Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1987, 266p. (Col. Debates, v. 115)
- KUHN, Thomas S. *La Tensión Esencial: Estudios Selectos sobre la Tradición y el Cambio en el Ambito de la Ciencia*. trad. do inglês [The Essential Tension: Selected Studies in Scientific Tradition and Change] por Roberto Melier, México: Consejo Nacional de Ciencia Tecnología (Conacyt)/Fondo de Cultura Económica, 1987, 384p. (Sección de Obras de Ciencia y Tecnología)
- LABRA, Maria Eliana. *O Movimento Sanitarista nos Anos 20: Da Conexão Sanitária Internacional à Especialização em Saúde Pública no Brasil*. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas, 1985, 399p. [dissertação de mestrado]
- LACAZ, Carlos da Silva. *Faculdade de Medicina: Reminiscências, Tradição, Memória de Minha Escola*. São Paulo: Edição do Autor, 1985, 160p.
- LAFUENTE, Antonio e SALDANA, Juan J. (coords.). *Historia de las Ciencias*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1987, viii + 246p. (Nuevas Tendencias, 5)
- LAGEMANN, Ellen Condliffe. A Philanthropic Foundation at Work: Gunnar Myrdal's *American Dilemma* and the Carnegie Corporation. *Minerva*, [London], 25 (4): 441-70, winter 1987.
- LAMURE, Pierre. *John D. Rockefeller*. Paris: Plon, 1937, 96p.
- LATHAM, Earl (ed. e introd.). *John D. Rockefeller: Robber Baron or Industrial Statesman?* Boston: D.C.Heath, 1949, x + 116p. (Problems in American Civilization)
- LERBINGER, Otto. *Information, Influence and Communications: A Reader in Public Relations*. New York: Basic Book, s/data
- MADRAKIS, Kristie. The Rockefeller Foundation and German Physics under National Socialism. *Minerva*, [London], 27 (1): 33-57, spring, 1989.
- MANNHEIM, Karl; MERTON, Robert K. e MILLS, C. Wright. *Sociologia do Conhecimento*. 2a.ed. trad. do inglês por Mauro Gama e Ina Dutra, Sérgio Santeiro e Angela Maria Xavier de Brito; org. e introd. de Antônio Roberto Bertelli, Moacir G. G. Palmeira e Otávio Guilherme Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1974, 144p.
- MENDES, Josué Damargo. *Universidade de São Paulo: Síntese da sua História*. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecno-

- logia/Academia de Ciências do Estado de São Paulo, s/ data, s/p. (Publicações AOTESP, nº 7)
- MERHY, Emerson Elias. *O Capitalismo e a Saúde Pública: a Emergência das Práticas Sanitárias no Estado de São Paulo*. 2a. ed., Campinas: Papiрус, 1987, 136p. (O Pensamento Social em Uma Época de Crise)
- MERTON, Robert K. *La Sociología de la Ciencia: Investigaciones Teóricas y Empíricas*. 2vs. 2a. ed. trad. do inglês [The Sociology of Science: Theoretical and Empirical Investigations] por Néstor Alberto Míguez, recomp. e introd. por Norman W. Storer. Madrid: Alianza, 1985, 304p. e 424p. (Alianza Universidad, vs. 183 e 184)
- MICELI, Sérgio. *A Desilusão Americana: Relações Acadêmicas Entre Brasil e Estados Unidos*. São Paulo: Editora Sumaré (Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo)/Programa Nacional do Centenário da República e Bi-Centenário da Inconfidência Mineira/MCT/CNPq, 1990, 80p.
- MORAES, Antonio Santos. *Dois Cientistas Brasileiros (Rocha Lima e Gaspar Viana)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Secretaria da Educação e Cultura (Depto. de Cultura), 1968, 128p. (Col. Os Brasileiros, v. 3)
- MOREL, Regina Lúcia de Moraes. *A Pesquisa Científica e Seus Condiicionamentos Sociais*. Rio de Janeiro: Achiamé/Pesquisadores Associados em Ciências Sociais (Socci), 1979, 44p. (Textos Paralelos)
- MOREL, Regina Lúcia de Moraes. *Ciência e Estado: a Política Científica no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979, xxviii + 164p. (Biblioteca Básica de Ciências Sociais, série 1a., Estudos Brasileiros, v. 4)
- NADAI, Elza. *Ideologia do Progresso e Ensino Superior (São Paulo 1891-1934)*. São Paulo: Loyola, 1987, 280p. (Educar, v. 6)
- PEREIRA, Jayme R. Condições Atuais das Ciências Médicas nos Estados Unidos. p.243-51 in: LOBO, Hélio et alii. *Aspectos da Cultura Norte Americana*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1937, 254p.
- REDONDI, P. Les Tensions Actuelles de l'Histoire des Sciences. in: *Annales: Economies, Sociétés, Civilisations*, Paris, 36 (4): 572-90, juillet/août 1981.
- REIS, José. História da Ciência: De Onde Vem, Para Onde Vai. Ccl. da *Revista de História*, São Paulo, 46: 211-26, 1974.
- SALOMON, Délcio Vieira. *Como Fazer uma Monografia*. 2a. ed. rev. e atual. São Paulo: Martins Fontes, 1991, 304p.
- SANT'ANNA, Vanya Mundin. *Ciência e Sociedade no Brasil*. São Paulo: Símbolo, 1978, 152p. (Col. Ensaio e Memória, v.8)
- SANTOS, Luiz Antônio de Castro. A Fundação Rockefeller e o Estado Nacional: História e Política de uma Missão Médica e Sanitária no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos da População*, São Paulo, 6 (1): 105-10, jan./jun. 1989.
- SANTOS, Luiz Antônio de Castro. Estado e Saúde Pública no Brasil (1889-1930). *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 23 (2): 237-51, 1980.
- SANTOS, Luiz Antônio de Castro. *Power, Ideology, and Public Health in Brazil: 1889-1930*. Tese de doutorado apresentada ao Depto. Sociologia da Harvard University, Cambridge (Mass.), 1987, x + 358p.

- SANTOS Filho, Lycurgo de Castro. *História Geral da Medicina Brasileira*. v. I. São Paulo: Hucitec/Editora da Universidade de São Paulo, 1977, xii + 444p.
- SANTOS Filho, Lycurgo de Castro. *História Geral da Medicina Brasileira*. v. II. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1991, xiv + 382p. (Estudos Brasileiros, v. 24)
- SANTOS Filho, Lycurgo de Castro. *Pequena História da Medicina Brasileira*. pref. de A.C. Pacheco e Silva. São Paulo: Parma, 1980, 152p. (Cadernos de História, v. 13)
- SCHRAIBER, Lilia B. *Educação Médica e Capitalismo: Um Estudo das Relações Educação e Prática Médica na Ordem Social Capitalista*. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco), 1989, 136p. (Saúde em Debate, v. 27)
- SCHWARTZMAN, Simon. *Ciência, Universidade e Ideologia: A Política do Conhecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, 168p. (Atualidade)
- SCHWARTZMAN, Simon. *Formação da Comunidade Científica no Brasil*. com a colaboração de Antonio Paim et alii. São Paulo/Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional/Finep (Financiadora de Estudos e Projetos), 1979, xx + 484p. (Biblioteca Universitária: série B, Estudos em Ciência e Tecnologia, v.2)
- SOLAR, Moacyr. *Cenas Médicas: Pequena Introdução à História da Medicina*. Porto Alegre: Editora da Universidade (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), 1987, 88p. (Síntese Universitária, v. 1)
- SOLAR, Moacyr. *Do Mágico ao Social: A Trajetória da Saúde Pública*. Porto Alegre: L&PM, 1987, 112p.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 17a. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991, 256p. (Col. Educação Contemporânea, Série Metodologia e Prática de Ensino)
- STEDER, Hanns-Albert. *As Universidades no Desenvolvimento Social da América Latina*. trad. do alemão [Die Universitäten in der gesellschaftlichen Entwicklung Lateinamerikas] por Heinrich Alois Koenig e Vanireh Chacon. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970, 340p. (Biblioteca Tempo Universitário, série Estudos Alemães, v. 17)
- STEPAN, Nancy Leys. *Eugenesis, Genética y Salud Pública: El Movimiento Eugenesico Brasileño y Mundial*. *Quiipu*, México, 2 (3): 351-84, septiembre/diciembre 1985.
- STEPAN, Nancy Leys. *Gênese e Evolução da Ciência Brasileira: Oswaldo Cruz e a Política de Investigação Científica e Médica*. trad. do inglês [Beginnings of Brazilian Science]. Rio de Janeiro: Artenova, /Fundação Oswaldo Cruz, 1976, 194p.
- TEIXEIRA, Anísio. *Ensino Superior no Brasil: Análise e Interpretação de sua Evolução até 1969*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989, vi + 186p.
- TERRIS, Milton. *La Revolución Epidemiológica y la Medicina Social*. 3a. ed. trad. do [? inglês] por Xavier Massimi, compilación: Ignacio Almada Bay e Daniel Lopez Acuna. México: Siglo Veintiuno, 1987, 256p. (Salud y Sociedad)
- USP/Prefeitura da CUASO. *O Espaço da USP: Presente e Futuro*. São Paulo: Prefeitura da CUASO/USP, 1985
- VALLA, Victor. *Os Estados Unidos e a Influência Estrangeira na*



- Economia Brasileira: Um Período de Transição (1904-1928). *Revista de História*, São Paulo, 42 (85): 147-74, jan./mar. 1971; 43 (87): 149-185, jul./set. 1971; 44 (89): 173-95, jan./mar. 1972; 45 (91): 143-167, jul./set. 1972.
- VAZ, Zeferino. ZEFERINO VAZ (DEPOIMENTO), 1977. Rio, FGV/CPDCC - História Oral, 1986 (História da Ciência - Convênio FINEP/CPDCC).
- VESSURI, Hebe M. C. (comp.) et alii. *Las Instituciones Científicas en la Historia de la Ciencia en Venezuela*. Caracas: Fundación Fondo Editorial Acta Científica Venezolana, [1987], 388p.
- VESSURI, Hebe M. C. The Universities, Scientific Research and the National Interest in Latin America. *Minerva*, [London], 24 (1): 1-38, spring 1986.
- WHEATELEY, Stevan C. *The Politics of Philanthropy: Abraham Flexner and Medical Education*. Madison: University Wisconsin Press, 1989, xx + 249p.

APÊNDICE

MOEDA E TAXAS DE CÂMBIO

*"Enquanto houver mais devedores que credores,  
a inflação é inevitável."* — George Bernard  
Shaw

A moeda portuguesa do século dezoito era o *real* (plural *réis*), que se escrevia \$001. O *real* era de valor tão pequeno que a unidade monetária era de mil-réis, ou 1\$000, ou simplesmente 1\$, e cujo valor de troca (cambial) era expresso em *pence* (da libra esterlina inglesa). Valores grandes eram expressos em *contos* [*de réis*], ou mil mil-réis (isto é, um milhão de réis), que se escrevia 1:000\$000 (ou simplesmente 1:000\$). Escrevia-se 1,000:000\$000 para mil contos. Em 1700 a moeda de ouro de 4\$800 valia 28/—, dando ao mil-réis o valor de 70 *pence*, ou, em termos atuais, um câmbio de 3\$429 por £1. Em 1715 a moeda teve seu valor reduzido em 6 *pence*, mas manteve seu novo valor durante o restante do século — ignorando a perda do poder aquisitivo da própria libra (pouco mais de 50% nesse lapso). Em 1880 o valor em termos de US dólares era de 770 réis.<sup>1</sup>

A Independência do Brasil em 1822 naturalmente separou sua moeda da de Portugal, embora ambos os países tenham continuado a usar o mesmo sistema até o fim do século, com seus vintém (\$020) e tostão (\$100), até Portugal substituir seu mil-réis pelo escudo (nome de uma antiga moeda de ouro de 1\$600), quando da Revolução de 1910, e dividir a nova unidade (1\$00) em centavos (\$01).<sup>2</sup>

O Brasil manteve o mil-réis até novembro de 1942 (mais ou menos na mesma época em que a taxa de câmbio de sua moeda começou a ser expressa em USS ao invés de £), quando instituiu o cruzeiro. A denominação *conto* permaneceu — como em Portugal — não obstante se escrevesse, para esse valor, Cr\$ 1.000.00. Em 1967 tivemos o advento do novo cruzeiro. A palavra *conto* sobrevive no Brasil, hoje, apenas como um arcaísmo.

A tabela seguinte, pretendo dar uma orientação aproximada da taxa média de compra e venda no fim de cada ano para a unidade do período (mil-réis, cruzeiro ou cruzeiro novo) no Rio de Janeiro, expressa em valores brasileiros com relação aos valores estrangeiros.